

JAVIER DÍAZ TEJO (EDITOR)

DEPOIS DA PANDEMIA,
QUE CATEQUESE?



Ediciones Universidad Finis Terrae

JAVIER DÍAZ TEJO (EDITOR)

Professor de Religião e Psicólogo Organizacional, é Bacharel em Catequética pela Pontifícia Universidade Salesiana (Roma) e Mestre em Educação.

Com cargos em diferentes organizações catequéticas no Chile e na América Latina, é autor de diversos artigos em revistas nacionais e estrangeiras de Teologia Pastoral, bem como coautor de textos e subsídios para o ensino religioso escolar.

Atualmente é acadêmico e Diretor de Pesquisa e Publicações do Instituto Escuela de la Fe da Universidad Finis Terrae.

ABIMAR MORAES (TRADUTOR)

Professor de Teologia e presbítero diocesano, doutor em Catequética pela Pontifícia Universidade Salesiana (Roma) e Mestre em Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma).

Com cargos em distintos organismos catequéticos do Brasil e da América Latina, é autor de diversos artigos em periódicos científicos, capítulos de livros e subsídios teológicos e catequéticos, nacionais e internacionais.

Atualmente é professor adjunto 2 e coordenador de Cultura Religiosa da PUC-Rio e Presidente do Conselho Diretor da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião.

JAVIER DÍAZ TEJO (EDITOR)

DEPOIS DA PANDEMIA,
QUE CATEQUESE?

PPG 
TEOLOGIA
 PUC-Rio

Instituto Escola de la Fe
Ediciones Universidad Finis Terrae

ISBN: 978-956-391-044-5

www.uft.cl/ediciones
www.escueladelafe.cl

Ediciones Universidad Finis Terrae
Av. Pedro de Valdivia 1646, Providencia, Santiago.
Teléfono: (56-2) 2420 7416

Edição: Santiago Aránguiz Pinto
Desenho gráfico: Francisca Monreal
Correção: Patricio Varetto Cabré

Primeira edição em espanhol: junho de 2020
Tradução portuguesa: setembro de 2020
Tradução: Abimar Oliveira de Moraes

Este trabalho está sob uma licença Creative Commons.



Índice

Apresentação à edição brasileira	8
Apresentação à edição chilena	14
<i>A carruagem</i> Andrés Boone, S.D.B.	19
<i>É possível um olhar positivo?</i> Eduardo Antônio Calandro, Pe.	25
<i>A catequese na grande transformação da pandemia</i> Mateo Calvillo, Pe.	30
<i>Transmitindo a fé em família em tempos de pandemia</i> Hermilio Cárdenas Glez, Pe.	34
<i>As vantagens da incerteza sobre a harmonia descontextualizada</i> Carolina López Castillo, O.C.V.	39
<i>A catequese familiar na pandemia</i> Francisco Castillo	45
<i>Intuições</i> José Flores de la Cruz	49
<i>Minhas três intuições catequéticas atuais</i> Enrique García Ahumada, F.S.C.	55
<i>Diálogo fé e ciência</i> Manuel José Jiménez R., Pe.	59

<i>Intuições catequéticas no meio da pandemia</i> Balbino Juárez, F.M.S.	65
<i>O que aprendemos?</i> Cristina Laguardia	71
<i>Reflexões de minha experiência pessoal</i> Alejandro López Cardinale, Pe.	76
<i>Repensar a catequese para a pandemia</i> Alfredo Madrigal Salas, Pe.	81
<i>Desafios à catequese a partir da COVID-19</i> Eduardo Mercado Guzmán, Pe.	87
<i>Catequese em uma cultura marcada pelo digital: uma possível lição</i> Abimar Moraes, Pe.	92
<i>Catequese em tempos de pandemia</i> Israel José Nery, F.S.C.	98
<i>Reflexões sobre a catequese em tempos de pandemia e templos fechados</i> María Irene Nesi, F.M.A.	103
<i>Catequese em tempos de angústia existencial</i> Hosffman Ospino	109
<i>A catequese após a crise</i> Cecilia Osses P., H.M.C.B.	115
<i>Como ler e compreender a pandemia a partir de uma perspectiva catequética?</i> † Diego Padrón Sánchez	120
<i>O coronavírus e o futuro desconhecido</i> Héctor Salvador Pancaldo	125

<i>Desafios pastorais e catequéticos diante da pandemia</i> Elder Pineda Cabrera, Pe.	131
<i>Catequese em tempos de pandemia. Algumas intuições</i> José Luis Quijano, Pe.	135
<i>“Ninguém nasce cristão, mas se torna cristão”</i> Marcial Riveros Tito	143
<i>Uma catequese melhor, com certeza!</i> Mario Segura Bonilla, Pe.	149
<i>Uma intuição inoportuna sobre a catequese durante este confinamento</i> José María Siciliani Barraza	155
<i>“Eis que estou à porta e bato..”</i> Fabián Silveira Correa, S.A.C.	161
<i>COVID-19, pobreza e ministério da catequese</i> Carlos Tazzioli, Pe.	168

Apresentação à edição brasileira

No Brasil, a COVID-19 tem números impressionantes: mais de 4.400.000 contagiados, provocando mais de 134.000 mortes, até o momento. Trata-se de uma pandemia com múltiplas facetas que ultrapassa, em grande medida, o problema meramente sanitário. O tempo passa, mas o cenário de contágios e mortes é alto. Junto ao presente tempestuoso, descortina-se um futuro incerto e preocupante. Um olhar sensato convida-nos a termos medo. Por esta razão mesma, muito viva está, na memória, a proclamação do evangelho da tempestade no lago, durante a bênção *Urbi et Orbi* que o Papa Francisco realizou em março. Meses se passaram, mas essa imagem bíblica faz todo sentido, também para o futuro da catequese nacional.

Ao ler seguidamente toda a seção do evangelho (Mc 4,35-5,43), percebemos que o conjunto dos acontecimentos (são quatro eventos) se desenvolve no prazo de uma jornada: um dia de “milagres”. Mas a conclusão positiva desta jornada, precisa esperar. Ela é um “depois”, precedido por um aqui e agora, por um processo de superação do “muito medo” em direção a uma margem nova aonde o barco deve atracar.

O texto escolhido pelo Santo Padre inicia-se com a narrativa de uma cena terrível. O barco está no meio das águas, as profundezas da noite avançam, improvisamente

levanta-se uma poderosa tempestade que bate contra a embarcação, a inunda e ameaça a vida dos discípulos. O sentimento de angústia eleva-se diante da iminência do naufrágio. Uma imagem contrasta com tudo isto: Jesus dorme; não se sente ameaçado; está em paz.

Tomados por certo sentimento de indignação, os discípulos decidem acordar o Mestre, e interrogá-lo, pois a única realidade que conseguem enxergar é o perigo e, por isso, repreendem a “indiferença” daquele em quem confiavam. Tornaram-se descontrolados e agressivos. Há uma profunda crise.

O comportamento de Jesus é desconcertante. Ele não responde imediatamente aos discípulos, mas repreende o vento e o mar. Em seguida, responde à pergunta dos discípulos com uma outra interrogação: Por que o medo? O questionamento de Jesus desnuda uma comunidade em crise que, naquele instante, só foi capaz de cultivar o medo. Dominada pelo pavor, agigantou os seus problemas, buscando culpados e perdendo a fé.

Mas o poder de Jesus se revela às vistas dos discípulos sobre a força caótica e avassaladora das ondas. O medo dos discípulos cede lugar à fé. A intervenção de Jesus faz progredir os discípulos na descoberta da sua pessoa. Este poder misterioso liberta a humanidade do medo; daquele medo que tem sua raiz última na morte. Na micro-vitória sobre a tempestade, Jesus dá-nos a garantia da libertação definitiva. A tempestade acalmada terá seu sentido

definitivo descoberto à luz da plena vitória sobre a morte: a ressurreição de Jesus.

O episódio bíblico escolhido pelo Papa Francisco pode ser inspirador para nossa catequese, especialmente, quando nos colocamos na tentativa de enxergar o que devemos fazer após esta pandemia. Que futuro nos espera após esta tempestade, iniciada no primeiro semestre de 2020, mas ainda sem previsão de conclusão? Voltaremos ao “normal” ou algo novo pode surgir?

Voltar ao normal! Esta é uma expressão muito relativa. Só faz sentido “voltar” para algo que funciona e que, necessariamente, produz nostalgia. Para que voltar a realidades que nos provocavam inquietações, para as quais buscávamos soluções? No campo pastoral (e não só), muitas vezes preferimos as zonas de conforto e fugimos do que exige verdadeiro empenho. Retrocedemos ou nos encerramos na passividade quando descobrimos as exigências e lutas do ir em frente.

Embora tendo encontrado uma tempestade, a barca, na qual estavam os discípulos e o Mestre, estava em movimento contínuo, avançava, ia de uma margem para a outra do lago. Provoca-nos medo o atual e incerto cenário catequético? Porém, talvez seja necessário primeiro reconhecer que a pandemia evidenciou problemas e desafios que já estavam postos antes dela. Não nos deveria causar surpresa o sentir medo diante de um horizonte que nos é desconhecido. A catequese é uma aventura, que assumimos, não isenta de riscos e ameaças. Por isso, o medo experimentado deve

ser sadio, nos pondo em estado de alerta e nos permitindo reagir para orientar nossas ações no campo da catequese com maior sentido e segurança.

Sem dúvida, é um momento de crise o que vivemos. Durante as crises precisamos de reflexões corajosas e lúcidas sobre a situação, de auto-crítica serena do que nos amedronta e acovarda, de diálogo sincero e colaboração confiante.

Sem perder de vista, ao mesmo tempo, que podemos estar diante de um momento de providência de Deus. Providência não no errôneo sentido intervencionista, como se Ele se intrometesse em nossas coisas, forçando os acontecimentos ou eliminando nossa liberdade humana. O Deus revelado por Jesus Cristo respeita totalmente as decisões das pessoas e a marcha da história. Mas no sentido, de que Ele nos oferece sua graça e sua força serena para que sejamos capazes de orientar nossa catequese para algo melhor, uma outra margem. Assim, a presença providente de Deus, nestes tempos de múltiplas pandemias, não nos leva à passividade ou à inibição, mas à iniciativa e à criatividade no campo da ação e da reflexão catequética.

Por acreditar nesse tempo oportuno, o Departamento de Teologia da PUC-Rio, aceitou traduzir o bellissimo trabalho do Instituto “*Escuela de la Fe*” da *Universidad Finis Terrae* do Chile, ampliando, desta maneira, as ações conjuntas entre as duas instituições. O prof. Javier Díaz Tejo organizou um conjunto de reflexões corajosas e lúcidas de especialistas em Catequética de distintos países das Américas. Cada uma a

seu modo, contribui para que nossa barca da catequese, na qual encontra-se o sereno Jesus, passe para a outra margem.

Como docente do Programa de Pós-graduação, venho pesquisando o tema da catequese e sua necessária atualização. Tive a grata satisfação de contribuir com um capítulo e coordenar a equipe de tradução do Departamento de Teologia da PUC-Rio deste texto para o português. Também do Departamento de Teologia da PUC-Rio, o Prof. Dr. Eduardo Antônio Calandro apresenta outra colaboração brasileira ao tema. O terceiro autor nacional é o Ir. Israel Nery, atual presidente da Sociedade Brasileira de Catequetas (SBCat).

O prof. Javier Díaz Tejo, editor da obra, ensaja que “este texto possa se tornar um bom subsídio [...] uma contribuição norteadora para a catequese na América e no Caribe ao longo destas horas de incertezas, novidade e oportunidades que se abriram através da pandemia”. Fazemos nossas as suas palavras e, nos permitimos recordar que Deus não “envia”, nem “permite” algum tipo de desgraça. Não está no acidente, e sim com os acidentados. Está naquilo que contribui agora mesmo para o nosso bem. E, apesar dos fracassos inevitáveis de nossas ações pastorais, nesta vida finita, está orientando tudo. Que cada palavra deste livro –expressão de uma coletividade eclesial de altíssima grandeza– motive-nos não a voltar, mas sim a avançar, ao novo.

No relato evangélico de Marcos, os discípulos agitados pela tempestade, gritam assustados: “Mestre, não te importa que afundemos?”. Mas, antes do grito deles, Jesus já havia afirmado: “passemos para a outra margem” e porque deseja

completar com eles a passagem, acalma o mar. A Jesus o que importa é precisamente que não afundemos, que sigamos viagem e, portanto, se assim desejarmos, após a pandemia, na outra margem, um novo catequético encontraremos. Boa leitura!

Abimar Oliveira de Moraes
abimar@puc-rio.br
Professor Adjunto 2
Programa de Pós-graduação em Teologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

14 de setembro de 2020

Apresentação à edição chilena

O vírus SARS-CoV-2 virou o mundo de ponta à cabeça. Em apenas dois meses espalhou-se pelos cinco continentes. Milhares de falecidos e milhões de contagiados. Fronteiras foram fechadas, os mercados estão em crise e, não há dúvida, enfrentaremos cenários políticos, econômicos e sociais inéditos. Tempos de angústia, a fome reapareceu, subiram as taxas de desemprego devido ao fechamento de inúmeras empresas, do mesmo modo, aumentou a violência intrafamiliar e os protestos sociais. Porém, em muitas localidades reduziu-se a poluição ambiental, em muitas famílias seus membros se reencontraram, temos descoberto (às vezes à força) os aspectos positivos e os limites das videoconferências e temos sido testemunhas da abnegação de muitos profissionais e das ações solidárias de tanta gente anônima, que nos têm feito sentir orgulho de sermos humanos.

Com certeza, os efeitos também se farão sentir nas variadas facetas de nossa própria existência individual, tal como o modo de nos saudarmos, na distância que observaremos ao conversar com alguém, no aumento de reuniões por videoconferências, nas novas ofertas que nos chegarão de formação *on-line*, nos modos de utilizar o

transporte público, no uso do espaço urbano e do tempo livre, etc.

Em particular, nossa vivência religiosa provavelmente também sofrerá tal impacto, assim como os modos tradicionais de educar à fé através da catequese. Este novo estado das coisas já está fazendo surgir várias interrogações.

É verdade que estamos sentindo somente o primeiro impacto sociocultural desta pandemia e, portanto, é muito cedo para compreendê-la totalmente, já que não se manifestaram todas as suas implicações. Contudo, podemos já levantar algumas questões: como ler e entender adequadamente estas transformações a partir de uma perspectiva catequética? Estamos diante somente de um conjunto de ameaças, sem oportunidades latentes? A catequese, que se nutre em parte da experiência cotidiana de uma grande porção do Povo de Deus, como deve reagir? Que “constantes” percebemos quando escutamos aos catequistas? Que grau de pertinência têm tido as decisões do episcopado em nossas respectivas dioceses e da Conferência Episcopal em particular?

A partir de outra perspectiva, o que se revela como algo que compreendemos e/ou fizemos corretamente na catequese do passado? Que critérios deveríamos manter para que o futuro da educação da fé neste previsível contexto social seja promissor? Que novos enfoques teríamos que privilegiar? E, ao mesmo tempo, que ações tradicionais, é evidente, já não podem mais realizar-se? Que noções e modelos teóricos devemos abandonar imediatamente?

Vários especialistas de diversas áreas do conhecimento têm partilhado suas impressões sobre este novo estado das coisas. Vários teólogos, pastoralistas e membros do clero, em particular, apontam seus pontos de vista em distintos canais de comunicação. E em perspectiva catequética, o que se está dizendo? Esta pergunta não é banal pois a catequese, que estão no centro da disciplina catequética, não pode resumir-se a fazer eco à opinião dos peritos em Teologia ou em Ciências Sociais. Os catequetas, apóstolos dóceis ao Espírito Santo, precisam fazer em si mesmos a síntese destas duas áreas do conhecimento e, com tal visão, aconselhar com propriedade os pastores e formar de modo integral aos catequistas e outros responsáveis locais. De modo que os catequetas, também têm muito a dizer a respeito deste inusitado estado das coisas.

Por tal razão, como membro do Instituto “Escuela de la Fe” da Universidad Finis Terrae no Chile nos propusemos entrar em contato com alguns especialistas em Catequética de distintos países da América e apresentar-lhes as perguntas antes assinaladas. Tudo isto porque a *educação religiosa* é nosso foco disciplinar, área dentro da qual se situa a educação religiosa católica, da qual a catequese é uma das expressões mais relevantes. Aos que se interessaram e puderam cooperar, solicitamos que nos brindassem com duas ou três intuições catequéticas mais importantes que foram capazes de levantar nas últimas semanas a propósito desta pandemia, e que enriqueceriam a compreensão ou ação de outros colegas catequetas da América e do Caribe.

Certamente, é um desafio descrever suas convicções em poucas páginas acerca de um fenômeno ainda em desenvolvimento. Talvez possa parecer pequeno o espaço para explicar ideias certamente complexas e ricas, porém não é o momento para longos discursos. Por outro lado, sem dúvida que faria falta um pouco mais de tempo para desenvolver uma ideia mais precisa do que estamos enfrentando, porém, creio que seja possível iniciar um processo de discernimento comunitário internacional. Já não são suficientes as análises locais e utilização de recursos internos; criar redes é hoje um imperativo e não deveria ser uma novidade para um grupo de pessoas que, conforme afirmamos, foi convocado pelo mesmo Espírito de diversas nações, línguas e condições.

Assim, com a contribuição generosa de leigos/os, religiosas/os e membros do clero, mulheres e homens que, por amor a Jesus, estudam e/ou coordenam a catequese, pudemos articular a elaboração de uma obra coletiva que chega sem custos a todos os catequistas de nosso continente. Por isso, optamos por uma publicação denominada “de acesso aberto” que, por sua natureza exclusivamente digital, chegue às mãos de um maior número de pessoas que trabalham com a catequese, muitas das quais não têm os recursos para ler ou escutar a estes exímios especialistas. Quem sabe, este texto possa se tornar um bom subsídio para encontros de catequistas, onde possa ser lido e discutido com calma o que cada especialista ofereceu em seu respectivo capítulo. Minha esperança é que esta obra, ainda que sucinta, seja

uma contribuição norteadora para a catequese na América e no Caribe ao longo destas horas de incertezas, novidade e oportunidades que se abriram através da pandemia.

Javier Díaz Tejo

javier.diaz@uft.cl

Diretor de Pesquisas e Publicações

Instituto Escuela de la Fe

Universidad Finis Terrae

1 de junho de 2020

A carruagem

Andrés Boone, S.D.B.¹

Montevidéo, Uruguai

Nestes tempos, a Internet explodiu como o principal agente de comunicação. A palavra “Zoom”² parece ser a palavra mágica do momento. Saímos do salão paroquial, do templo, das reuniões em grupo, para o “Zoom”.

A Internet é como um grande supermercado com muitas ofertas de “massas *on line*”³, “cursos *on line*”, “palestras *on line*”, “formação *on line*”, etc. E, às vezes, é difícil escolher entre tantas alternativas. Mas, apesar de muitas atividades em todos os níveis terem sido suspensas, nossa agenda foi rapidamente preenchida com “reuniões” virtuais. Pelo menos isso é verdade para aqueles que têm internet e podem se conectar, porque na realidade uma nova lacuna também

1 Consagrado da Congregação Salesianos de Dom Bosco, Presidente da Sociedad de Catequetas Latinoamericanas – SCALA. andresboone@gmail.com

2 Nome de uma plataforma para videoconferências que, de improviso, tem sido muito utilizada para distintos tipos de comunicações nos ambientes de trabalho, escolares, universitários, etc. (Nota do Editor).

3 “On line” isto é, “em linha” ou no ambiente virtual da internet. (N. do E.).

foi aberta: entre aqueles que “têm internet” e aqueles que não têm.

E neste novo cenário, como realizar a “ação que promove e faz amadurecer a conversão inicial, educando o convertido na fé, incorporando-o à comunidade de fé”?⁴ Como pode o catequista ser “uma testemunha, um comunicador, um acompanhante e um mistagogo”?⁵ Como a comunidade vive, ou viverá, o distanciamento social? E a série de perguntas poderia seguir.

Ainda estamos tentando passar de um

modelo de cristandade para um modelo eminentemente missionário, ou seja, que não se fecha em si mesmo numa pastoral centrípeta, sacramental e devocional, mas se abre à evangelização como um projeto orgânico, global e unitário para manifestar, construir e tornar presente o Reino de Deus entre os homens⁶,

e se nos está sendo apresentado um novo cenário que não tínhamos imaginado.

E como catequistas, fazemos parte desta nova etapa onde somos atores, e não apenas espectadores. Muitas vezes, nos são exigidas respostas que dão sentido ao que estamos experimentando. Quais são as habilidades, competências,

4 Congregación para el Clero (1997). *Directorio General para la Catequesis*, 61. Daqui para frente: DGC.

5 Consejo Episcopal Latinoamericano. Departamento de Misión y Espiritualidad (2015), *La alegría de iniciar discípulos misioneros en el cambio de época*, título III.4 ss. Daqui para frente: AIDM.

6 AIDM 107.

atitudes, que precisamos reforçar como catequistas para que continue a ressoar a voz de Deus, que nos convida a construir seu Reino, mesmo em tempos de pandemia?

Refletindo e meditando, encontrei algumas idéias (loucas?) na história do encontro entre Filipe e o eunuco (At 8,26-40).

I. “Aproxima-te e caminha junto à carruagem” (At 8,29)

Embora estejamos conectados através de meios tecnológicos e plataformas diferentes, sinto que há necessidade de proximidade, de caminhar juntos (respeitando o distanciamento social). Gosto deste convite que foi feito a Filipe antes de seu encontro com o eunuco: “aproxima-te e caminha junto à carruagem”. É bom e necessário aproximar-se do outro, além do fato de que também vamos em nossa própria carruagem.

“Caminhar junto à carruagem” significa sair de nossa própria carruagem, ir e caminhar ao lado de outra, respeitando o ritmo do outro, sem querer ficar para trás ou à frente. “Filipe correu e ouviu...” (At 8,30). A atitude de Filipe indica que ele fez um esforço não apenas para chegar à carruagem, mas também para escutar. Ao chegarmos à carruagem do outro, teremos que desenvolver uma sensibilidade auditiva para ouvir o que está sendo dito. O que ouvimos neste momento? Como ouvimos? Precisamos silenciar nossos ruídos para entrarmos em atitude de escuta. É a atitude que Jesus teve

com os discípulos de Emaús: “do que falais enquanto ides caminhando? O que aconteceu?” (Lc 24, 17.19b). Jesus sabia do que estavam falando, ele tinha experimentado em sua própria carne, mas ele ainda queria ouvir como os discípulos de Emaús tinham experimentado.

Será necessário reconhecer nos outros seus sentimentos, pensamentos e emoções, deixando de lado, em primeira instância, nossa própria experiência. Dar a palavra ao outro para que ele possa se expressar, para que possa perguntar, duvidar, questionar, falar, calar. É mais do que escutar, é experimentar, de certa forma, os sentimentos e percepções do outro em nossa própria carne. E quando isso acontece...

2. “...convidou-o a subir e sentar-se com ele” (At 8,31b)

Filipe é convidado a subir na carruagem. Eles compartilham o mesmo espaço vital, viajam no mesmo ritmo. Filipe não tem mais que se preocupar com as condições da estrada, nem com a velocidade de sua caminhada, pois está, em viagem, na mesma carruagem.

Para isso, há dois momentos anteriores: subir e sentar junto ao outro.

Subir na carruagem requer um esforço, assim como entrar na vida do outro requer um esforço. Em primeiro lugar, deixar o caminho (minha própria carruagem). E para subir na carruagem do outro não podemos carregar nada, temos que deixar certas coisas para trás para que possamos usar ambas as mãos para segurar esta nova carruagem. Quais

são essas coisas que tenho que deixar para trás? Não são apenas coisas materiais, são também (e mais do que tudo) esquemas mentais, respostas a perguntas que nunca são feitas, preconceitos...

A disposição em subir na carruagem desencadeia o convite para “sentar-se”. Sentar-se implica dedicar tempo, algo contraditório neste momento em que tudo precisa de uma resposta “agora”. É o momento de dar sentido ao que foi vivenciado. Um sentido que não vem de fora, mas do significado que se dá à experiência. Este é o início de um acompanhamento no processo de crescimento na fé. Mas, como catequistas, sabemos como acompanhar nosso interlocutor nesta jornada de fé, ou estamos mais vinculados a um programa, a um conteúdo? E, mais importante, estando em minha carruagem, deixo-me acompanhar? Convido alguém a entrar em minha carruagem e sentar-se junto a mim? Será neste acompanhamento que poderemos aproximar a Palavra, e espero que com a palavra certa.

3. “Mandou parar a carruagem e ambos desceram...” (At 8,38a)

Tudo aconteceu para que paremos a carruagem e desçamos. Na história, a parada é o momento em que o eunuco pede o batismo. E então “quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou Filipe” (At 8,39).

Devemos sair da carruagem, não podemos fazer dela um lugar intimista; devemos sempre olhar para fora, para a

comunidade. O acompanhamento deve levar a este momento: o encontro (renovado) com a comunidade.

Como seria bom inventar criativamente algum símbolo, algum rito de reencontro! No caso de Filipe com o eunuco, foi o batismo, mas nem sempre temos que pensar na celebração de um sacramento.

Por fim, o que me intriga é que “Filipe foi arrebatado” e o eunuco não é mais mencionado no texto. Às vezes penso nele, ainda mais quando, em nossos encontros aparecem pessoas desconhecidas que participam, que estão felizes por nos terem conhecido, mas depois se afastam e nós não as vemos mais.

Às vezes também penso em Filipe. Ele não teria gostado de continuar a acompanhar o eunuco? Talvez formar uma comunidade? Desapareceu para permitir que o outro siga crescendo na fé?

“O eunuco não mais o viu, mas continuou sua viagem muito feliz” (At 8,39b).

É possível um olhar positivo?

Eduardo Antônio Calandro, Pe.⁷

São Paulo, Brasil

Gostaria de refletir sobre alguns pontos que considero importantes para todos nós, levando em conta a seriedade do momento em que estamos vivendo. Mas, sem negligenciar a situação adversa dos fatos, acredito que seria importante pensarmos juntos numa perspectiva positiva e prospectiva sobre a questão da pandemia que estamos sofrendo em todo o mundo.

O termo que tem sido atribuído ao atual contexto pandêmico é o substantivo masculino “tempo”. Por curiosidade fiz uma pesquisa sobre a terminologia, mas por ser um artigo curto não vou me deter na evolução histórico-filosófica do conceito de tempo, porque certamente seria uma tarefa longa e escaparia ao nosso propósito. Mas vale a pena lembrar que a atual situação pandêmica que vivemos como humanidade é uma época que tem em si mesma uma duração relativa das coisas, o que cria no ser humano, a idéia

7 Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. educalandro@puc-rio.br

do presente, do passado e do futuro. Este é um período em que os eventos se sucedem. É um certo período considerado em relação aos eventos que nele ocorreram; é uma época, portanto tudo isso será para nós uma história vivida por uma geração. Deste ponto de vista, vamos agora olhar para o ser humano que temos e teremos, para as conseqüências da COVID-19.

No contexto em que as pessoas estão vivendo com isolamento social, já é possível perceber alguns distúrbios mentais, como estresse, ansiedade e medo. Sabemos que este isolamento é involuntário e, como experiência, o estresse e a exaustão psicológica são percebidos. Também é possível pensar em alguns efeitos após a pandemia, porque corre-se o risco de falar de estresse pós-traumático.

Durante muito tempo a Psicologia esteve mais relacionada a patologias, ao que era prejudicial, a traumas, do que às capacidades humanas e à dimensão positiva que a vida tem. Como dizem Snyder e Lopez:

A psicologia e a psiquiatria do século XX concentraram-se nas falhas das pessoas. A psicologia aplicada do passado estava mais relacionada à doença mental e à compreensão e ajuda dessas pessoas que viviam tais tragédias⁸.

Vale lembrar também a psicologia humanista de Carl Rogers que deu vida ao otimismo em situações adversas,

8 SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. *Psicologia positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 17.

encorajando os seres humanos a se convencerem de que todos nós merecemos ser a pessoa que sonhamos ser. Ele falou sobre relacionamentos autênticos e a necessidade de “florescer” em nosso mais alto nível como seres humanos. Sua visão positiva do ser humano se destaca por trazer a mudança necessária.

Portanto, pensar em uma ciência que se concentra no potencial e nas qualidades humanas nestes tempos difíceis da pandemia requer reflexão e seriedade conceitual, teórica e metodológica em relação ao estudo dos distúrbios. Como resultado dessas iniciativas, alguns fenômenos indicativos de “vida saudável” foram chamados de *sistemas de adaptação* durante todo o desenvolvimento, entre os quais se destaca a resiliência.

Vivemos numa situação de limitação, principalmente da capacidade de ir e vir, da liberdade de ação, de abraços nas relações interpessoais, de um aperto de mão, de um beijo na bochecha, tudo o que causa uma boa sensação de prazer e bem-estar. A falta de relações interpessoais pode causar o vazio! É nesta situação adversa que devemos enfatizar nossa capacidade de avançar e criar um mundo melhor, devemos ser responsáveis por nós mesmos, devemos estar abertos a novas experiências. Neste sentido, percebemos que todos temos perto de nós a possibilidade de alcançar nossos objetivos, encontrar bem-estar e desenvolver ao máximo nosso potencial.

Mais do que nunca, nossa ação evangelizadora deve ser de esperança e otimismo, partindo do *kerygma* e visando

a *mistagogia*. Como diz o Papa Francisco: “em meio a este isolamento que nos faz sofrer a limitação dos afetos e encontros e experimentar a falta de tantas coisas, ouçamos novamente o anúncio que nos salva: Ele ressuscitou e vive ao nosso lado”⁹.

Neste momento da vida, somos convidados a viver a criatividade evangelizadora de forma equilibrada, cuidando dos excessos. O Papa nos convida a abraçar a cruz neste contexto de vulnerabilidade:

Abraçar sua cruz significa encontrar a coragem de abraçar todos os contratempos dos dias atuais, abandonando por um momento nosso desejo de onipotência e posse, para dar espaço à criatividade que só o Espírito é capaz de criar. Isso significa encontrar a coragem de abrir espaços onde todos possam se sentir chamados e permitir novas formas de hospitalidade, fraternidade e solidariedade¹⁰.

Finalmente, neste momento, somos chamados a viver profundamente nossa experiência de fé, somos convidados a entrar no mundo da interpretação, no mundo da hermenêutica, no mundo humano. A fé cristã não é apenas uma esperança de que algo de bom possa acontecer. A espera é natural para os seres humanos e a fé passa por isso. A fé é a garantia de

9 FRANCISCO, PP. Bênção *Urbi et orbi*. Momento Extraordinário de oração em tempo de epidemia, Adro da Basílica de São Pedro, 27 de março de 2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco_20200327_urbi-et-orbi-epidemia.html>. Visitado em 28/05/2020.

10 Loc. cit.

esperança. É quando o que se espera se torna uma convicção total com base no caráter da pessoa que prometeu. “A fé é a garantia do que esperamos” (Hb 11,1). Neste momento, sejamos pessoas de fé.

A catequese na grande transformação da pandemia

Mateo Calvillo, Pe.^{II}
Morelia, México

A pandemia do coronavírus transforma a vida em todas as suas expressões. Trata-se de uma transformação radical e universal, que vem somar-se à transformação total e radical introduzida pelos meios eletrônicos de comunicação.

O modo de viver, de pensar e de comunicar muda. A forma de viver a fé e de comunicá-la, conseqüentemente, deve transformar-se do mesmo modo.

A definição de catequese, outrora utilizada na França, tornou-se muito atual: catequese é uma forma de entender minha vida com a Palavra de Deus. É hora da família de Cristo trazer um novo elemento à gestão da pandemia: deve dar sentido ao que os pobres vivem à luz do plano de Deus.

É importante que a catequese dê uma visão completa do Projeto de Deus que salva e, a partir daí, propor seus textos didáticos e os temas importantes. Mas, ao mesmo

II Presbítero de Morelia, Michoacán, México. matcypaz@gmail.com

tempo, deve interpretar essa trágica situação como Palavra de Deus e compreender seu plano e suas exigências. As transformações induzidas pela pandemia devem ser tomadas como o conteúdo da catequese.

Nesta leitura da realidade à luz de Deus, entenderemos que a pandemia desvela um mundo em decomposição social e moral (relativismo). A frivolidade e o descuido com que as autoridades trataram a pandemia devem ser profeticamente denunciados. Devemos ressaltar os grandes crimes, a irresponsabilidade e as injustiças contra os pobres, as manipulações e as mentiras no tratamento político da situação. As negligências criminosas levaram muitas pessoas pobres à morte e expuseram os profissionais da saúde à morte.

O sofrimento indescritível, a morte, desmascararam muitas pessoas que vivem tranquilamente como se Deus não existisse (secularismo, naturalismo). Vivem sem fé, são fiéis sociológicos. Há uma grande necessidade de conversão a Deus.

Quem se preocupa com a vida eterna daqueles que morrem de coronavírus? Que presença a Igreja tem, com seus auxílios espirituais, ao lado dos infectados moribundos? Estes terríveis sofrimentos vêm até nós porque abandonamos a Deus e violamos suas leis, como clamavam os judeus durante o desterro. É hora de proclamar o grito de Jesus no deserto: arrependam-se e coloquem a confiança na Palavra de Deus (Chamado).

Outros fatores se apresentam como componentes muito importantes na transformação. O fenômeno cultural da comunicação tem um papel profundo e poderoso na situação que exige transformação. Este fenômeno merece ser tratado numa reflexão à parte.

Os modernos instrumentos de comunicação também têm seu impacto na catequese e a transformam. Seu uso não pode ser impedido, nem a transformação que exerce sobre a catequese.

Por outro lado, os mesmos instrumentos oferecem uma terrível e brilhante competência para a catequese e colocam sérias e urgentes necessidades de transformação. São meios atraentes e ricos a serviço da comunicação da Palavra de Deus. Por exemplo, uma conferência virtual pode ser utilizada no encontro de catequese, permitindo a participação familiar, a conectividade, a participação. Orações pelos que morreram e missas em sufrágio por eles são celebradas por videoconferência por causa das restrições da pandemia.

Devemos estar sempre atentos aos sinais dos tempos. Uma visão profunda e global é necessária aos catequistas para compreender o interlocutor de fé de hoje e ser capaz de traduzir-lhe a mensagem adequadamente. A atenção vigilante dos catequistas é importante neste mundo em constante transformação, desta vez trágica.

É necessário encontrar a mensagem de fé, esperança e força que os fiéis esperam ouvir neste momento. A catequese não deve ser uma elucubração, mas uma resposta aos

questionamentos que os crentes trazem consigo e uma boa nova que cura as feridas e traz de volta a calma.

A Palavra do Senhor deve ser proclamada com explicações sustentadas pela experiência de fé na comunidade e pelo testemunho de uma presença servidora aos que precisam ser libertados da morte e necessitam de uma mão para segurar.

Transmitindo a fé em família em tempos de pandemia

Hermilio Cárdenas Glez, Pe.¹²
Guadalajara, México

1. De qual lugar eu escrevo?

É importante descrever brevemente de qual lugar estou escrevendo, porque a situação é condicionante e, até mesmo, determinante. Estou escrevendo de uma comunidade paroquial católica, San Gabriel Arcángel, em Guadalajara, México, onde sou o pároco há treze anos. É uma comunidade predominantemente urbana. Grande parte da população é composta por idosos. A vida da comunidade transcorria tranquilamente, sem grandes sobressaltos, exceto pelo barulho do trânsito, já que vivemos entre grandes rodovias. Era este o cotidiano de uma comunidade da grande cidade.

De repente, começa-se a escutar notícias que o vírus está chegando, até dizer “Já está aqui”. E a partir de então, tudo mudou. As respostas sanitárias têm sido muito variadas

12 Pároco na Paróquia San Gabriel Arcángel, Guadalajara, México.
ermiliocg@hotmail.com

em nosso país, pois nosso território é grande e variado. Eu escrevo de Jalisco, região oeste do México, um estado que se orgulha de ser laico, embora a maioria de nós seja católica e com muitas tradições religiosas.

Na análise da experiência religiosa, o tema da família sempre surgirá. Queremos pensar sobre ela no contexto da catequese: a transmissão da fé na família.

A família é uma instituição que tem muitíssimas dimensões. Tem sido chamada “a célula básica da sociedade”, “a Igreja doméstica”, “a base do tecido social”, etc. Muitas dificuldades e possibilidades estão concentradas aí.

Hoje queremos nos aproximar dela, neste espaço, como um lugar de transmissão da fé, sobretudo pensando nas crianças e neste contexto de confinamento, de “fique em casa”.

2. A família, transmissora da fé

Nos últimos tempos, a transmissão da fé nas famílias tem assumido características e acentuações que não eram vividas antes: a vida de trabalho dos pais com seus horários, o descanso nos fins de semana, os meios de comunicação e tantas novas situações, tornam a experiência de fé na família cada vez mais esporádica, marginal e até nula. Parece que não há mais lugar para Deus nela.

Que está acontecendo nestes dias? Desde o início da pandemia, a situação da família se tornou mais premente. A referência ao religioso que se tinha mediante a participação

na catequese, geralmente aos sábados, foi colocada em pausa. A catequese das crianças nesta diocese de mais de quinhentas paróquias, tinha alcançado um patamar muito significativo, tanto no nível da produção de seus próprios materiais, como na formação de catequistas, alguns em nível superior. Mas, de repente, tudo foi interrompido. A situação de confinamento trouxe consigo várias conseqüências. Os templos e seus anexos, antes considerados pontos de referência obrigatórios, neste momento estão com seus sinos silenciados. Pensou-se que os pais teriam mais tempo para iniciar as crianças na oração, nos fundamentos da fé, mas talvez eles também foram pegos de surpresa; muitos deles, na melhor das hipóteses, com uma formação religiosa precária e fragmentada, reduzida, quando muito, à missa dominical. Além disso, as próprias exigências da Escola, cujas aulas agora são virtuais, absorvem a maior parte do tempo e dos recursos. Mais uma vez, o aspecto religioso apresenta-se como marginal, não se considera entre os elementos essenciais para a vida econômica, política, social ou educacional. Na melhor das hipóteses, a fé aparece no final da lista de necessidades.

Mesmo assim, a situação está nos provocando a procurar caminhos para que a catequese familiar possa encontrar seu lugar, para que a catequese ministrada pelos catequistas possa completar, ou, em certas ocasiões, supra totalmente o que deveria ser feito em família, como uma Igreja doméstica reflexo dos vários aspectos ou funções da

Igreja, como missão, catequese e testemunho, oração, etc. Este é um bom momento para promover a catequese familiar.

3. Identidade da catequese familiar

Em geral, podemos dizer que a catequese em e pela família tem uma missão de iniciação à vida cristã, uma vez que precede, acompanha e enriquece todas as outras formas de catequese. Na família, os pais têm a missão de serem os primeiros educadores na fé, do despertar ao sentido de Deus, dos primeiros passos em orações simples, da experiência do amor humano inspirando-se no amor de Deus. Esta catequese é mais de testemunho do que de instrução, mais ocasional do que sistemática, ou seja, não se trata tanto de seguir um livro com suas partes ou capítulos.

Nesta nova situação cultural, o papel dos avós tornou-se muito significativo, pois eles têm uma contribuição muito valiosa, já que em repetidas ocasiões são eles que passam mais tempo com as crianças; sua sabedoria e seu senso religioso são muitas vezes decisivos na transmissão da fé. Poderíamos dizer: aos jovens a tecnologia e aos avós a sabedoria!

4. O que é próprio da catequese familiar neste tempo

Este tempo, com toda a angústia e incerteza que trouxe, apresenta-se como uma oportunidade de entrar num processo de aprendizagem para o silêncio e lá ouvir a voz

de Deus; para encontrar e dar um sentido ao sofrimento, não somente do ponto de vista psicológico ou de outras dimensões da pessoa, mas a partir de Jesus Cristo, que aceitou submeter-se ao sofrimento humano até sua morte. Sim, é um sofrimento que não escolhemos, mas podemos completar em nossa própria carne o que falta à paixão de Cristo. É necessário explicitar o sentido feliz de nossa vida, apesar dos contratemplos, como um caminho para Deus na companhia de outros irmãos de caminho, a começar pelos de nossa própria família, sempre com atenção aos mais pobres. Devemos ter a consciência de que podemos até nos encontrar com a nossa própria morte. Aprender não apenas a termos cuidado de nós mesmos, mas também a cuidar dos outros. Somos guardiães de outros.

Nesta tarefa devemos nos convencer de que não estamos sozinhos, que Jesus está vivo e que vai conosco pelo caminho da vida a nos guiar, e está atrás de nós para nos proteger; Ele nos diz que estamos amparados pelos braços de Deus. Nós cristãos somos chamados a “dar razão de nossa esperança” (1 Pd 3,13), sabendo que este tempo passará e que teremos que sair desta pandemia renovados. Precisaremos nos encorajar mutuamente e que o Espírito de Jesus nos mostre o caminho a seguir.

Sempre haverá questões a serem estudadas e refletidas, tais como: qual será a relação entre os catequistas da comunidade e os membros da família na catequese? Qual será o protótipo do cristão a ser formado no futuro próximo?

As vantagens da incerteza sobre a harmonia descontextualizada

Carolina López Castillo, O.C.V.¹³
San José, Costa Rica

Este ano 2020 será definitivamente recordado por colocar a humanidade em uma posição de incerteza, carregada de respostas vagas a perguntas inéditas. E diante da oportunidade que o Instituto “Escuela de la Fé” no Chile me oferece para escrever algumas ideias acerca do papel que a catequese tem desempenhado em meio à crise sanitária que o mundo inteiro vive, ofereço algumas reflexões que nascem do que percebi em meio à evolução dos eventos que muitos coordenadores de catequese e catequistas de base estão enfrentando.

a) A primeira coisa que gostaria de destacar tem a ver com o papel primordial da catequese na educação da fé, e como esta tarefa está sendo mantida, mesmo em meio à crise que

13 Virgem consagrada da Arquidiocese de San José, e Assessora Nacional de Educação do Ministério de Educação Pública da Costa Rica. carolinalopezcastillo21@gmail.com

vivemos. É sabido que as concepções desenvolvidas pelos interlocutores da catequese – em qualquer âmbito ou ação – sobre Deus, Jesus Cristo, a conversão, a ação do Espírito Santo, a Igreja, a vida em comunidade, os valores cristãos, o exercício do serviço, dentre outras, dependem do que se transmite na própria catequese e do que conseguem ou não os catequistas, principalmente os que trabalham diretamente com aqueles que ainda recorrem a estes processos de formação. Os catequistas são os encarregados em traduzir a fé que se professa, em uma fé aplicada por pessoas e comunidades.

O preocupante é quando se descobre uma dissociação entre as reflexões produzidas pelos comissões centrais de catequese, e os encontros de catequese que são realizados diretamente pelos catequistas. Esta lacuna foi ainda mais evidenciada pela conjuntura que estamos vivendo em virtude da pandemia. Ou seja, catequistas repentinamente e do nada devem continuar sendo os responsáveis pelos encontros formativos, porém agora sem uma comunidade de vida, porque o distanciamento social exige outra modalidade.

Por esta razão, nesta reflexão, gostaria de assinalar várias rupturas que os catequistas de base tem que enfrentar, através das perguntas: os programas de Catequese, baseados em conteúdos temáticos, estão facilitando ou impedindo a vivência da fé que neste momento está nas mãos das famílias? A catequese deveria modificar os programas tradicionais assumido outros que coloquem em destaque a unidade entre experiência e conteúdos?

Como convidar os interlocutores a serem construtores de suas próprias perguntas, a traçar seus próprios itinerários de progresso a partir da integração entre vivência e conteúdos? Como permitir que a catequese seja uma realidade mais ativa, criativa, que nasce das situações cotidianas e das perspectivas conhecidas e familiares aos catequizandos, onde os esquemas doutrinários não fechem a oportunidade de sugimento de práticas transformadoras?

O que quero dizer é que, dentro do possível, a catequese deve conectar os temas que lhe são próprios com a realidade concreta das pessoas, famílias e comunidades, colocando o interlocutor no centro de todo o processo de aprendizagem, para que tenha a oportunidade de ser protagonista e que o Evangelho seja seu ponto de referência real e significativo.

b) O segundo aspecto no qual quero me deter é o pedagógico. Continuamos pensando na educação da fé a partir do tradicional, do escolar, do conhecido, da certeza, da terra firme e plana. Porém, o que acontece quando esse terreno seguro se torna falso e incerto, como está sucedendo neste momento da história da humanidade? O fenômeno do vírus, em suas causas e seus efeitos, pode ser explicado mais por seus graus de complexidade e caos, do que pelas práticas bem sucedidas. O que estamos visualizando como uma grande ameaça, não deixa de ser semelhante à realidade de muitos catequizandos, ou seja, seus esquemas diários são igualmente complexos e caóticos, e, até mesmo, ainda mais do que os que a pandemia provoca. A complexidade

desta doença é apenas um espelho da própria natureza do viver humano.

A realidade social atual, com ou sem um vírus, é bastante complicada em termos cotidianos, o que torna a educação da fé ainda mais complexa. A catequese deve entender isto para traçar suas linhas pedagógicas, isto é, que os interlocutores são pessoas com realidades muito diversas, conseqüentemente é preciso pensar propostas a partir de suas próprias perspectivas de vida, de suas problemáticas, dos sonhos que têm, das expectativas que os movem, em suas vidas do dia a dia.

Por isso, acredito que a catequese deve se familiarizar com planejamentos menos rígidos, para se mover naturalmente dentro de espaços complexos e incertos, longe de conteúdos predefinidos que acreditamos sejam necessários; mas a partir da formulação de perguntas criativas ou de aprendizagem significativa, para que os catequizandos estabeleçam seus próprios desafios existenciais. Para isso é necessário motivar o catequizando a conhecimentos mais transcendentais, que gerem capacidades e habilidades em sua experiência de vida. Quando se busca compreender que a sociedade e seus indivíduos não são tão “harmônicos”, é possível compreender que a catequese não deveria ser formulada a partir de uma proposta “harmônica”, mas deveria favorecer uma metamorfose positiva por meio de uma pedagogia transformadora.

Atualmente a formação proporcionada pela catequese e institucionalizada favorece os conhecimentos doutrinários,

mas, no que diz respeito à experiência humana, mesmo na parte mais operacional e básica, pode estar deixando vazios com dúvidas importantes para a sociedade, que cada dia mais está se tornando cada vez mais tecnológica e com necessidades e carências novas. A catequese deve ser mais integral, a fim de formular processos que sejam significativos e levem em conta o que é importante para as pessoas, e não apenas o que é urgente nos itinerários formativos. Assumir este tipo de visão integral facilita a construção de realidades baseadas na solidariedade e em outros valores de convivência e participação.

Para concluir, quero ressaltar que a parte mais difícil de qualquer processo é a etapa de desconstrução das visões e práticas, pois requer o exercício de discernir, de discordar e de questionar criticamente os sistemas estabelecidos e institucionalizados através de práticas normatizadas e perpetuadas. Nem todos os catequistas, neste momento, se sentem com a força emocional para lidar com o que estão enfrentando nestes tempos de pandemia. Diante disto, com maior razão, o processo de desconstrução deve contar com a participação das pessoas envolvidas e suas formas de interpretação, para que possam transformar sua realidade, através de um protagonismo construtor de questionamentos relevantes que fazem parte integrante do que estão vivendo. Desta forma, o interlocutor da catequese poderá encontrar equilíbrio entre as condições de vida e o que paulatinamente vai reconhecendo como valioso para seu crescimento espiritual.

O mistério do ser humano se ilumina no mistério do Verbo encarnado, como nos recordou o Concílio Vaticano II, e é referência para a relação entre o conteúdo cristão e a experiência humana, ultrapassando o itinerário metodológico mecânico que se realiza, porque é o que se conhece bem ou o que está dentro da zona de conforto. Cristo, como centro, nos orienta à transmissão de uma mensagem evangelizadora e orientadora cujo acento está nas experiências humanas, a partir das quais surgirão perguntas que são estimuladoras para originar transformações da vida relevantes e pertinentes em sintonia com o contexto, as necessidades e as características particulares. Tudo dependerá da reflexão que a catequese institucionalizada facilite e das habilidades dos catequistas em tirar proveito dos princípios do “novo normal”.

A catequese familiar na pandemia

Francisco Castillo¹⁴
Cincinnati, Estados Unidos

Nos últimos anos, nos Estados Unidos, o conceito de catequese familiar tem sido enfatizado. No entanto, não houve uma definição clara sobre o que ela significa. É preciso responder o que significa catequese familiar? A catequese familiar foi definida em termos pedagógicos. Busca envolver a família na educação religiosa de seus filhos. A tendência era realizar este tipo de catequese na paróquia. A atual pandemia proporcionou um repensar a catequese de maneira mais radical. De um dia pro outro, a catequese voltou aos lares, já que as paróquias não podiam oferecer encontros presenciais com crianças, adolescentes ou adultos.

Com a catequese em casa e não nas paróquias ou escolas, cabe nos perguntarmos o que devemos enfatizar na educação cristã. Na minha opinião, devemos destacar a família como o epicentro do *kerygma*. A família é o lugar onde se semeia e se cultiva a fé, através da oração e do

14 Editor principal e Especialista Multicultural na RCL Benziger Publishing, EUA. fcastillo@rclbenziger.com

testemunho. O que eu proponho é apresentar a família cristã como uma imagem da Igreja e da vida divina. Ver a família como base e fundamento para entender nossa relação com Deus e com os outros. Para entender o que significa nosso conceito de família na vida da Igreja, devemos voltar ao conceito do Vaticano II: cada família é uma Igreja doméstica, ou seja, uma pequena célula da Igreja universal. Devemos buscar maneiras de servir às famílias para que as famílias sirvam à Igreja. Hoje, mais do que nunca, a família e a Igreja dependem uma da outra. Esta nova realidade deveria levar os catequistas a repensar como propor a catequese. Pelo menos nos Estados Unidos, a catequese tem seguido um modelo acadêmico. A maioria das famílias delega à Igreja a preparação sacramental de seus filhos. Isto significa realizar aulas de Religião numa sala por um ou dois anos, dependendo de qual sacramento deva ser recebido. Mesmo os adultos que procuram a iniciação na Igreja devem seguir o processo do RICA¹⁵ que é muito parecido com os cursos de ensino superior e não um caminhar com outros na fé.

Deve haver um retorno à raiz da experiência cristã. A pandemia trouxe consigo mudanças profundas. Entender os sacramentos como parte integral da vida, celebrações da vida cotidiana, como indica o fato da existência de sete sacramentos. Uma catequese que ecoe o *kerygma* deve

15 RICA é a sigla do *Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos*, documento da Santa Sé de 1972, que recupera oficialmente o processo do catecumenato para adultos que desejam ser batizados como católicos, com base nas indicações do Concílio Vaticano II. (N. do E.).

apresentar os sacramentos como a celebração da realidade da presença de Deus em nossas vidas. Agora que muitos fiéis não podem receber a Eucaristia, devemos refletir como se pode viver eucaristicamente sem comungar fisicamente. Para mim, viver eucaristicamente significa estar atento ao como vivemos a caridade, raiz da palavra *caris*, da qual vem a palavra “eucaristia”.

Os hispânicos nos Estados Unidos somos conhecidos pela importância que damos à família, pelo senso celebrativo e comunitário de viver e expressar a fé, e pelo sentido de proximidade com o qual prestamos nossa devoção à Maria e aos santos. Uma catequese familiar em tempos de pandemia, portanto, deve enfatizar a piedade popular, como expressa no Documento de Santo Domingo¹⁶: a religiosidade popular é uma expressão privilegiada da inculturação da fé. Não se trata apenas de expressões religiosas, mas de valores, critérios, condutas e atitudes que nascem do dogma católico e constituem a sabedoria de nosso povo formando sua matriz cultural.

Graças à experiência da família, conhecemos e compreendemos o amor de Deus. A catequese nos ajuda a compreender a realidade divina e a fé de uma forma incompleta. Os sacramentos nos ajudam a completar nossa visão, mas, antes disso, recorreremos a imagens, analogias e conceitos da experiência da família humana: conceitos como

16 Quarta Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, realizada em outubro de 1992 em Santo Domingo, República Dominicana. (N. do E.).

paternidade/maternidade, filiação, fraternidade, adoção e outras relações comunitárias que nos servem como lente para experimentar o amor inefável de Deus, e assim viver uma verdadeira catequese familiar.

Intuições

José Flores de la Cruz¹⁷
Guadalajara, México

A primazia da vida

O catequista repentinamente se viu sozinho, quando cada catequizando retornou para casa para cumprir o isolamento social recomendado pelas autoridades sanitárias, e não voltou aos espaços pastorais da comunidade durante semanas e meses.

Com o livro de catequese em mãos, os conteúdos doutrinários claramente compreendidos, o planejamento dos encontros em mente, os recursos didáticos preparados, o catequista foi desafiado pela própria vida e, em não poucas ocasiões, viu-se adequadamente preparado para o que estava acostumado a fazer, mas longe das realidades que as pessoas e comunidades vivenciavam diariamente: o medo do contágio e de arriscar sua vida, a perda de seu emprego e a incerteza diante da ameaça de crise econômica,

17 Membro da Seção Diocesana de Evangelização e Catequese da Arquidiocese de Guadalajara (SEDEC) México. floresdelacruz@hotmail.com

a obrigação de “ficar em casa” e o surgimento de tensões intrafamiliares derivadas de uma convivência não habitual.

A realidade inabitual levou as pessoas a questionarem-se, em suas mentes e em seus corações, tais perguntas foram enviadas ao catequista através de mensagens pelo *WhatsApp*, comentários nas publicações do *Facebook* ou *Instagram*; infelizmente, elas não encontraram eco nas respostas de um evangelizador acostumado a respondê-las com formulações aprendidas para um único contexto, para uma aparente “normalidade”, para uma limitada finalidade de sacramentalizar pessoas, ao invés de acompanhá-las em sua iniciação à vida em Jesus Cristo.

A pandemia, entendida como uma oportunidade, veio para impulsionar o catequista a passar de uma catequese centrada unicamente em conteúdos doutrinários e celebrações sacramentais para um aprender a assumir as angústias e esperanças do homem de hoje como parte essencial do conteúdo da catequese, não levando-as em conta apenas somente como uma referência metodológica a ser implementada.

O catequista teve que aprender a parar de falar de Cristo Jesus para aprender a viver como Cristo Jesus em relação íntima com as pessoas e as comunidades: levar comida aos que passavam fome, criar vínculos de economia solidária entre vizinhos, acompanhar os que adoeceram, consolar aqueles que sofreram perdas, solidarizar-se com quem pediu seu emprego.

Tem sido uma oportunidade de aprender a dar primazia à vida, de valorizar que na catequese acompanhamos nossos irmãos em suas descobertas do viver, que as experiências que temos que privilegiar em nossa tarefa pastoral não estão impressas em livros, nem em fórmulas a serem memorizadas, mas estão escritas com as letras vivas do cotidiano para criar relações efetivas e afetivas com nosso próximo; mediante um aprender a ser e estar, lá onde a vida floresce, no interior dos lares, aonde a vida se desenvolve em ruas e praças da comunidade, nas redes sociais que a pandemia nos levou a usar como espaço para manifestação das inquietações humanas.

A catequese familiar

Vínhamos de uma catequese que já estava tão acostumada aos grupos de catequizandos que se reuniam dentro da igreja, quando providencialmente a pandemia nos deu uma oportunidade única, tão desejada em muitas comunidades, onde talvez nem sequer tivéssemos ideia do que ela implicava: que o ambiente familiar voltaria a ser reposicionado como o principal ponto de referência de toda catequese.

Os catequizandos ficaram confinados em suas casas durante semanas, o que os levou a ter um contato mínimo com o catequista, para não mencionar o presbítero de sua comunidade, a quem viram, quando muito, na transmissão da Celebração Eucarística pelas redes sociais.

Isto proporcionou uma oportunidade e um desafio para a catequese familiar que acabaram por revelar nossas debilidades a este respeito. As famílias, mais que tão somente os pais e as mães, receberam a tarefa de acompanhar de maneira evidente a educação na fé de seus membros, de todas as idades (idosos, adultos, jovens, adolescentes, crianças) e situações de vida (pessoas com deficiência, enfermos, parentes que vieram habitar na casa, etc.).

Foi um aprendizado do essencial: reaprender a fazer o sinal da cruz, o balbuciar de orações simples, reunir-se para rezar o Terço, o colocar em prática as Obras de Misericórdia com os familiares e com pessoas desconhecidas, o escutar as dúvidas de fé provocadas pelos efeitos da pandemia, o desenvolver uma atitude contemplativa diante das maravilhas da Criação que, com a rotina vertiginosa em que vivíamos, não nos permitíamos valorizar e desfrutar; o aceitar que, para além das diferenças de religião, existem coincidências que nos unem àqueles que professam outra fé; e, é claro, o realizar as tarefas que o catequista (sobretudo entre crianças) deu pelo meios digitais, procurando cumprir os encontros programados do itinerário da catequese.

A oportunidade tem sido clara, o retorno ao essencial, para além de grupos paroquiais e dos genitores; a catequese acontecendo no ambiente familiar como reflexo da comunidade cristã, a família dos discípulos de Jesus Cristo.

O despertar da criatividade

Uma vez superado o impacto emocional dos primeiros dias ou semanas de isolamento social, quando conscientes de que isto continuaria por tempo indefinido, a criatividade começa a despertar na vida do catequista que passa a entender que deve dar continuidade ao seu trabalho pastoral neste novo contexto.

A criatividade, muitas vezes adormecida na vida do catequista como conseqüência do hábito das autoridades eclesíásticas estarem fornecendo-lhes recursos para resolver todas as situações que surgem, despertou ao manifestar-se a debilidade e a fragilidade pastoral em nível diocesano e nacional.

O catequista percebeu-se só diante de um cenário que lhe exigia ser como nunca havia sido e respondesse como nunca havia feito antes. Ele, então, se permitiu o acerto e, muitas vezes, o erro, ao tentar implementar variantes catequéticas que nunca teriam sido permitidas se não fosse pela pandemia.

Depois veio o envio de atividades para os catequizandos, escritas com seu próprio punho e letra, em folhas simples de papel, que lhes fazia chegar através de uma das pequenas lojas da comunidade; os vídeos e transmissões ao vivo através das redes sociais nas quais desenvolveu os momentos de encontro da catequese; o contato com seus catequizandos através de mensagens instantâneas pelos celulares; os desenhos e vídeos feitos pelas crianças e suas famílias para

agradecer aos profissionais da saúde sua generosa dedicação às pessoas infectadas; e assim por diante.

Finalmente, a catequese hoje está passando por um processo de revisão, uma nova dinâmica de vida e ao dar valor e abrangência a todos os elementos e referências que a constituem. Somos forçados a repensar a catequese e os processos de fé, a ressignificar a vida e a discernir os sinais dos tempos.

Minhas três intuições catequéticas atuais

Enrique García Ahumada, F.S.C.¹⁸
Santiago, Chile

A pandemia da COVID-19 revelou realidades impressionantes do Chile atual e me pedem, em particular, que possa compartilhar o que entendo como as grandes necessidades, no campo da Catequese, do povo e o que é observável nos catequistas. Fui ajudado pelas reuniões virtuais realizadas em abril e maio de 2020 pela *Sociedad Chilena de Catequetas*. Minhas três intuições mais fortes são:

1. Chile requer urgente ação missionária como condição prévia para a catequese. Se muitos no Chile reagiram, do ponto de vista religioso, com posições estranhas ao Evangelho –é verdade, também, que surgiram importantes ações de solidariedade mesmo fora da Igreja, tais como o serviço arriscado dos profissionais da saúde e o sucesso inesperado do Telethon em favor dos deficientes físicos– uma causa

18 Membro do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, especialista em Catequese do CELAM. hnoenrique.garcia@lasalle.cl

clara é a crescente redução da filiação católica desde 2000. Isto não é exclusivo do Chile, já que em 2007, a Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Aparecida, Brasil (DA) convocada sob o lema “discípulos e missionários de Jesus Cristo para que os nossos povos tenham vida n’Ele”, conclui-se com uma convocatória a “uma Missão Continental... que procurará colocar a Igreja em estado permanente de missão”¹⁹. Mas no Chile, a presença do catecumenato nas paróquias é muito escassa, a julgar pela quase ausência de batismos de jovens e adultos na Páscoa. Além disso, toda a catequese hoje deve ser considerada inacabada se não tiver formado discípulos missionários. Eu não sei como a Missão Continental está sendo seguida em outros países.

2. A catequese começa onde a ação missionária termina, o breve *kerygma* anunciador da Palavra salvadora (Jo 1,1-14) com o conseqüente chamado à conversão. Os Apóstolos, a partir do discurso de Pedro em Pentecostes, formularam um *kerygma* que consiste no anúncio da ressurreição de Jesus Cristo a fim de acreditar pela graça do Espírito Santo em sua salvação, mudando (ou ressuscitando) para uma nova vida (At 2,32-38). Jesus usou duas formas de *kerygma*. A mais breve e popular foi o anúncio do Reino de Deus:

19 V CONFERENCIA GENERAL DEL EPISCOPADO LATINOAMERICANO Y DEL CARIBE (2007), *Discípulos y misioneros de Jesucristo para que nuestros pueblos en Él tengan vida. “Yo soy el Camino, la Verdad y la Vida” (Jn 14, 6)*. Aparecida, Documento Conclusivo, Santuario Nuestra Señora de Aparecida, Brasil, 13 al 31 de mayo de 2007, 551. De agora em diante: DAp.

“Convertei-vos, porque chegou o reino dos céus” (Mt 3,2; Mc 1,15). Lucas mostra que o único tema de Jesus aos apóstolos é sempre o Reino de Deus: “a estes, depois de sua paixão, apresentou-se com muitas provas inscontestáveis de vida, deixando-se ver durante quarenta dias e falando-lhes do Reino de Deus” (At 1,3). É necessário anunciar a todos os interessados que Deus quer reinar em cada pessoa e na sociedade. O documento de Aparecida explica que o Reino de Deus é vida plena para todos²⁰. Ao notável Nicodemos Jesus formulou outro *kerygma* mais explicativo, que num versículo resume a Bíblia e o plano de Deus: “Deus amou tanto o mundo que deu seu único Filho, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Tudo parte do amor, onde está implícito o Espírito Santo, e é, por isso, que esta formulação inclui os grandes mistérios que resumem o centro da mensagem cristã: a Trindade, a Criação, a Encarnação, a Redenção, a Igreja, a vida eterna feliz com Deus. Precisamos de uma catequese querigmática, que explique os três querigmas do Novo Testamento com suas conseqüências para a Igreja, ou nos faltarão aspectos satisfatórios e fundamentais.

3. Precisamos preparar catequetas. Em 2006, o Instituto Superior de Pastoral Catequética do Chile, “Catecheticum”, foi fechado devido à falta de estudantes enviados pelos bispos e pelos superiores e superioras das congregações

20 Ver DAp 353-361; 382-386.

religiosas. Ele deu origem à *Sociedad Chilena de Catequetas* que desde 2009 presta serviços à Igreja. Tai serviços estão registrados no relatório de sua primeira década de atuação publicado no *Anuario de Historia de la Iglesia en Chile* 36 (2018) 178-197, atualmente disponível em formato digital. Os catequistas necessitam de formadores qualificados, e hoje são poucos os catequetas disponíveis para atuar junto aos bispos nas dioceses e preparados por elas. Há países na América Latina e no Caribe que carecem de catequetas. Se observam iniciativas para diminuir os programas de catequese familiar de iniciação à vida eucarística e de confirmação com jovens, que formaram no Chile leigos engajados na Igreja e na sociedade. No Chile, a catequese de cunho mais social foi interrompida desde a recuperação da democracia em 1990, mas estamos prontos para propô-la de forma mais atualizada; não conheço nem autores nem programas em outros países de catequese social popular que difiram dos cursos sobre a doutrina social da Igreja, que geralmente não são cristocêntricos, nem contextualizados, nem em clima orante. O ensino religioso e a catequese na escola fora da sala de aula precisam ser renovadas para o atual contexto plural, com características globalmente laicas. Sem suficientes catequetas, a qualidade dos formadores de catequistas e professores de ensino religioso confessional católico diminui, apesar do excelente magistério catequético pós-conciliar da Igreja universal e latino-americano.

Diálogo fé e ciência

Manuel José Jiménez R., Pe.²¹

Bogotá, Colômbia

Muitas coisas podem ser ditas e destacadas sobre a pastoral da Igreja nestes tempos de emergência e crise. É certo que todos nós tivemos acesso a documentos, reflexões, assim como chegou até nós uma série de iniciativas e formas de estar presente e de continuar acompanhando e crescendo na fé nestes tempos. Todos nós, também, nos perguntamos repetidamente como será quando chegar ao fim a quarentena e retornarmos às atividades de culto nos templos e demais lugares, em nossos países.

Dentre tantas coisas que poderiam ser ditas, gostaria de me deter sobre um assunto em particular: a relação entre fé e ciência. Devo dizer, com tristeza, que isto é algo que não é muito debatido entre os cristãos. Perdura, ainda, o imaginário de que este é um assunto deixado aos teólogos, ou aos círculos universitários; ou, na melhor

21 Coordenador da Iniciação Cristã, Arquidiocese de Bogotá. manueljosej@gmail.com

das hipóteses, é uma das tantas características e ações da pastoral universitária e dos responsáveis por ela.

Há muito tempo este assunto faz parte da vida cotidiana de todos os fiéis. Temas como o diálogo ecumênico, o diálogo interreligioso e intercultural e o diálogo entre fé e ciência há muito fazem parte de nossa vida diária como discípulos de Jesus. Eles estão presentes na família, nos lugares de estudo e trabalho, na partilha com os amigos.

Não é que pararam de ser estudados e debatidos na academia, nas universidades, em fóruns de todos os tipos. Não é que se deixou de pesquisar sobre eles. O que acontece é que agora eles não são mais compreendidos apenas como uma questão que diga respeito aos especialistas e seus espaços de atuação. A novidade é que há muito tempo eles fazem parte do que somos e fazemos todos os dias.

Na atual conjuntura, são muitas as fontes às quais se poderia recorrer para rever as formas como o diálogo entre a fé e a ciência foi compreendido: revistas especializadas, entrevistas de rádio e imprensa, videoconferências e reflexões de especialistas em saúde pública, economia, políticas públicas, educação, dentre tantíssimos outros. Outra fonte pode ser os discursos de políticos (presidentes, ministros) e funcionários públicos. Entre eles, não faltaram convites para consagrarem-se ao santo padroeiro do lugar, ou para unirem-se em correntes de oração, entre os conselhos e sugestões para manter a quarentena, os cuidados e a saúde pública. Mas o mais comum de todos é o diálogo em família,

entre amigos e colegas. E outra são todas as mensagens e *memes* que são transmitidas através das redes sociais.

Em todas elas, as posições são variadas. Alguns acusam a Deus da pandemia. “O que está acontecendo é de responsabilidade divina. Deus quis isto. É Sua vontade para a humanidade, seja como um castigo ou como um teste através do qual Ele quer nos dizer algo”. Este é o discurso de alguns fiéis. A ele, se acrescenta o daqueles que esperam que este mesmo Deus, que castiga e prova, tire a humanidade desta situação. Que algo milagroso aconteça onde Deus manifestará todo seu poder, e até mesmo seu amor.

Outros, sem chegar à declaração anterior de que Deus é o responsável pelo que acontece, esperam que Deus nos tire desta situação. Ou, pelo menos, que Ele se una aos esforços dos cientistas para encontrar a cura ou para orientar o que está acontecendo. Dirão que tudo contribui... até mesmo a intervenção de Deus.

Há aqueles que dizem que nem Deus nem as religiões têm nada a ver com isso. Para muitos deles, o discurso do Deus que intervêm é irracional, inacreditável e ilógico. Não faltam aqueles que zombam daqueles que evocam a Deus. De fato, muitos discursos chamados de religiosos não ajudam nem a Deus, nem a fé e nem mesmo a ciência.

O dogmatismo se estabeleceu de ambas as partes. Tanto entre fiéis que acusam a ciência de materialismo, como entre cientistas de todas as áreas que acusam as religiões de serem irracionais e antiquadas. E, também, o abuso do discurso religioso por parte dos políticos.

No diálogo entre a fé e a ciência, muitos aspectos podem ser discutidos e refletidos. Mas há uma que é fundamental e essencial e, como dizem, transversal a todos. Isto é: o modo de falar de Deus. Mais especificamente, o modo com o qual se entende a intervenção de Deus ou a ação do Deus pessoal na história.

A crise atual trouxe à tona, em todos os lugares, formas totalmente inadequadas de falar de Deus e de sua ação, seja diretamente ou mediada por seus representantes. Tem-se falado de um Deus que castiga, de um Deus que nos põe à prova, de um Deus que cura e evita o mal e a morte de uns em detrimento da enfermidade e morte de outros. Um Deus que abençoa alguns porque estão com eles (pessoas boas), e que castigará e condenará outros, porque longe Dele e de Sua vontade. E essa palavra, “vontade” de Deus, foi de fato usada por todos os lados pelos fiéis, como se o que acontece na pandemia e tudo ao seu redor fosse da vontade de Deus. Em alguns lugares, eles até falam das aparições de Nossa Senhora e de visionários que já sabiam o que ia acontecer.

Para alguns, Deus é um talismã que protege e evita todo o mal. Se acontece o que não é desejado ou não acontece o que é desejado, “será porque Deus e sua vontade são inescutáveis”. Com isto nos mostramos hábeis na argumentação, mas fracos em nosso relacionamento com Deus. Mais próximos da superstição do que da fé.

A questão é: de onde provêm as imagens de Deus? Que tipo de catequese e de modelo de Igreja criou este tipo de imagens? Estamos tão acostumados com um

modelo de catequese e de pastoral mecânico, que não nos perguntamos pela imagem de Deus que pregamos, ensinamos e socializamos.

Qual é a imagem de Deus em nossos manuais de catequese? Qual é a imagem de Deus quando preparamos para as confissões? Qual é a imagem de Deus que transmitimos em retiros espirituais, homilias, textos espirituais, aconselhamentos e orações? Estas e outras questões assumem, neste momento, uma importância da primeira grandeza. Para não usarmos “o nome de Deus em vão”. Para que não acomodemos Deus a nossos caprichos e interesses pessoais e de grupos.

Uma tarefa urgente, e não apenas por causa da conjuntura atual, é purificar nossas imagens de Deus e sermos mais cuidadosos e respeitosos em nossa maneira de falar de Deus. Nisto não podemos voltar à “normalidade”. Pelo menos não esta normalidade a qual estamos acostumados onde a imagem deformada de Deus é transmitida e socializada de geração em geração. É claro que a atual situação de emergência vai nos pedir para repensarmos muitas coisas na catequese. Desde garantir ferramentas de biossegurança em nossas igrejas e salas de encontros, até implementar a virtualidade ou a alternância entre a presença (em pequenos grupos) e a virtualidade.

Mas com estas breves linhas, quis abordar um problema de substância e não apenas de forma ou de formas. Forte e fundamental é a imagem de Deus. Nela, em sua purificação e cuidado, não só está em jogo o diálogo entre fé e ciência,

questão fundamental em todo o trabalho pastoral atual e ainda mais no futuro, mas sobretudo a “credibilidade” e “racionalidade” do cristianismo e do fenômeno religioso em geral.

Intuições catequéticas no meio da pandemia

Balbino Juárez, F.M.S.²²
Cidade da Guatemala, Guatemala

Algumas intuições catequéticas que venho apurando nas últimas semanas sobre esta pandemia são:

1. A possibilidade de situar novamente a recepção dos sacramentos dentro de um itinerário. A finalidade da catequese que realizávamos era levar à recepção dos sacramentos e não parecia haver nada de interessante além disso. A pandemia nos obrigou a ficar em casa e a participação na missa e a recepção dos sacramentos ficaram limitadas à participação virtual ou televisiva. E com isso, a angústia de que uma tradição de recepção dos sacramentos venha abaixo. Mas a vida cristã vai muito mais além da recepção dos sacramentos. Jesus pode ser experimentado e vivido no relacionamento familiar, nos pequenos e grandes atos

22 Membro da Congregação dos Irmãos Maristas, especialista em Catequese do CELAM e Vice-Presidente da Sociedad de Catequetas Latinoamericanos-SCALA. balbinoj@hotmail.com

de serviço que fazemos àqueles que nos acompanham, na escuta atenta da Palavra de Deus, nos momentos de oração pessoal ou familiar em que usamos o silêncio ou a piedade popular; na partilha do pão e das histórias de dor, do sofrimento, da doença, da morte, da paz, da alegria e da vitória. Tomamos consciência de que temos muitos caminhos de encontro com Jesus e de crescimento pessoal e comunitário: isto é a vida cristã. Em breve, retornarão os momentos de celebração comunitária, onde apreciaremos estar com os outros e valorizaremos receber o pão que nos fortalece para a missão. A celebração sacramental como estação temporal que nos permite continuar no cotidiano seguimento de Jesus Cristo. Revivemos a intuição de João em seu evangelho: o maior presente que Jesus nos dá é o serviço e o mandamento de nos amarmos uns aos outros.

2. A necessidade de sair de nossa zona de conforto para estar com os outros e redescobrir a dimensão humana. É difícil permanecer numa casa que não tem um pátio, onde a cômodo mais espaçoso é um pequeno corredor onde se encontra a sala de estar, a sala de jantar e a cozinha. Sentimo-nos apertados e queremos expandir nosso corpo. E lembramos saudosos da vida fora de casa. Essa é a experiência da Igreja. Nossas paróquias estão diminuindo, não por falta de espaço, mas por falta de atividade e presença das pessoas, mas não sentíamos a necessidade de sair de seus limites. A pandemia nos fez experimentar a necessidade de entrar em contato com outros e nós que nascemos no século passado tivemos que aprender em poucos dias sobre videoconferências e

chats para nos comunicarmos com quem queríamos. E os dias passam e os catequistas procuram maneiras de como se conectarem com seus interlocutores, com outros companheiros catequistas, com a coordenadora ou com o pároco. E estamos conhecendo a realidade do outro, que se vislumbra ao fundo da videoconferência ou nos sons ambientes ao seu redor. É a casa de fulano de tal, de sicrana, ali está sua família e não há outra escolha a não ser viver juntos. Nossa individualidade se abre à comunidade, assim como à fé. Uma catequese que descobre a realidade de seus interlocutores e vai além dos conteúdos doutrinários e litúrgicos para compartilhar a vida, as angústias e as esperanças. Uma iniciação que parte da experiência humana de encontrar-se e começando pela partilha das próprias limitações, chegar juntos ao encontro de Alguém que se torna um companheiro na caminhada. Uma iniciação onde todos aqueles que estão em casa participam, pois não há saída, e onde todos podem colaborar e crescer. A catequista torna-se mais uma, com limites (e família presente), que acompanha o grupo e a cada participante tomando como base o essencial que é o contato humano.

3. A possibilidade de partilhar e transmitir realmente nossa fé em família. Parecia que a vivência da fé era a tarefa dos avós, dos catequistas e dos professores de Religião. Mas nenhum deles vive em nossa casa, salvo algumas exceções. As dinâmicas familiares nos permitem expressar nossas convicções religiosas e espirituais sem pressa. Vivemos a Quaresma e valorizamos seus sinais. Vivemos a Semana

Santa e inventamos pequenos rituais que evidenciavam nossa identidade cristã. Em maio, entre as atividades escolares virtuais, confeccionamos altares marianos e gravamos vídeos mostrando a presença de Maria em nossas vidas²³. A isso acrescentamos os encontros de formação e orações virtuais. Como famílias estamos redescobrimo as bases de nossa fé, expressas na forma como vivemos os eventos cristãos. E quando chegam as notícias sobre contágios, perda de emprego, de ida e permanência no hospital, de morte sem velório, nosso lar se abre à busca do transcendente com uma mistura de medo e confiança. São estas experiências que nos recordam que a transmissão da fé não consiste apenas em assimilar verdades teológicas, mas em manifestar nossas convicções através de ações. Adultos, jovens e crianças unidos, fazendo experiência como as das famílias hebraicas na noite do Egito.

4. A possibilidade de viver a diaconia. Não poucas famílias tiveram que viver esta pandemia com limitações. Aqueles que não puderam voltar ao trabalho, aqueles que não têm dinheiro para fazer as compras básicas, aqueles que não podem sair de casa por serem dos grupos de risco. Numa quarentena que se estende de maneira interminável e não faz jus ao seu nome, estamos sendo testemunhas de gestos de solidariedade, tanto com aqueles que vivem perto nós como com aqueles que vivem longe. Conseguir alimentos,

23 Como no Brasil, na América Central maio é o mês mariano (N. do E.).

material de limpeza, máscaras, roupas, passar tempo para ministrar aulas virtuais, ajudar os idosos ou pessoas com deficiências...são expressões que não percebemos e que estão acontecendo. O sentimento de empatia move o coração e a vontade de querer avançar juntos, sem que ninguém seja deixado para trás. Vivemos o cristianismo das origens, que está atento aos que tem necessidade e compartilha o que é e o que possui. Diante de itinerários catequéticos centrados em processos cognitivos, a possibilidade de crescer no encontro com Jesus a partir de experiências de solidariedade nos ajuda a visualizar novas formas de preparação para a Confirmação a partir do serviço.

5. A importância da formação de catequistas. Não existem desculpas! O corre-corre diário nos fez ver a formação como algo reservado para tempos especiais curtos. O confinamento nos abriu a múltiplas formas de crescimento. Encontros e oficinas virtuais, cursos de Cristologia, busca de ferramentas para evangelizar a partir do virtual, leituras que haviam permanecido na estante. Muitos catequistas aproveitam o tempo para incrementar sua formação, para rever seus planos, para reprogramar a catequese. Por que não aproveitar esse tempo para ver de que maneira fazemos da iniciação à vida cristã paradigma para a catequese, e não apenas um caminho de recepção dos sacramentos? Há algo além do catecismo, do manual, do livreto de catequese, da doutrina, das orações, dos ritos, que constitui a vida cristã? Em que experiências devemos investir mais tempo? Como podemos reduzir as reuniões com crianças e adolescentes

para incrementar as reuniões e experiências com os adultos que são, de fato, os sujeitos responsáveis pelo religioso na família?

Em meio à pandemia, tranquilidade e confiança: “Não tenhais medo, estou sempre convosco” (Mt 28,20).

O que aprendemos?

Cristina Laguardia²⁴

Assunção, Paraguai

Em meu país, Paraguai, a pandemia teve seu impacto a partir de 9 de março, quando surgiu o primeiro caso de uma pessoa que chegara de viagem ao exterior. No dia seguinte, o governo iniciou uma quarentena muito rigorosa até 18 de maio, quando começou a primeira fase muito baixa de contágio.

Foi muito difícil, mas valeu a pena por causa dos resultados: até o momento, apenas 900 pessoas foram infectadas, 500 foram recuperadas, 11 faleceram e 8 foram hospitalizadas. Os infectados estiveram todos no exterior.

Do ponto de vista catequético, três fatores predominantes podem ser indicados que marcaram esta situação única de nosso tempo.

a) Em primeiro lugar, o ato realizado pelo Papa Francisco em 27 de março, em infinita solidão na Praça de São Pedro,

24 Membro do Departamento Arquidiocesano de Catequese de Assunção, Paraguai. claguardia@gmail.com

o centro mundial da igreja católica; o mundo inteiro, sem distinção, teve ciência deste ato. Isso nos indicava a gravidade da situação da qual ainda não havíamos consciência.

“Percebemos que estávamos na mesma barca, todos frágeis e desorientados; porém, ao mesmo tempo, importantes e necessários, todos chamados a remar juntos, todos necessitados de consolar-nos uns aos outros”, foram parte de suas palavras. “Nesta barca, estamos todos”, destacou o Papa. Na verdade, todo o mundo estava naquela barca.

“A tempestade desmascara nossa vulnerabilidade e revela as falsas e supérfluas seguranças com as quais tínhamos construído nossos projetos”. Assim, nossa catequese parou. Não sabíamos para onde ir e nem como nos afogamos naquela tempestade. Nesse momento, estávamos sem bússola para orientar-nos, sozinhos, sem outra companhia a não ser a oração, buscando consolo.

As imagens do Papa pedindo a Jesus Cristo por seu poder de cura e seu abraço consolador sobre o mundo, que nos pediu para não temer, permanecerão indelévels na memória desta geração que viveu aqueles momentos inenarráveis.

b) O segundo momento impactante foi a Semana Santa, realizada a portas fechadas, sem o Povo de Deus; sem dúvida, um teste muito duro para os fiéis e os sacerdotes. Tivemos um subsídio litúrgico para realizar as celebrações nas casas. Como igreja doméstica, cada família cristã tinha indicações, por exemplo, para a Quinta-feira Santa, para para que os pais fizessem o lava-pés com seus filhos e orações em família. Na Sexta-feira Santa havia indicações para os

momentos de oração (como as 7 palavras), bem como para o Sábado Santo.

Devido à impossibilidade de contar com o presbítero para as celebrações da Semana Santa, os pais foram colocados em suas funções de “sacerdote familiar”. Esse “exercício” potencializou muitíssimo às famílias em sua missão de ser *sacerdote, profeta e rei*, encorajando e despertando os adultos nos lares, algo particularmente valioso diante do momento angustiante e incerto, que se estava vivendo.

c) Outro aspecto que despertou e incendiou os corações, mesmo daqueles que não estão habituados à participação na missa, foi o número de celebrações litúrgicas em todas as redes sociais, na televisão, em diferentes horários, assim como as missas diárias em Santa Marta presididas pelo Papa Francisco, e a adoração ao Santíssimo Sacramento. Muitos adultos encontraram conforto nesses momentos proporcionados pelas redes e pela televisão.

Esses momentos nos levaram a realizar a catequese de forma virtual. *WhatsApp* foi o meio mais utilizado, em seguida, as plataformas digitais. Esta situação nos obrigou a produzir uma Guia de catequese virtual e a propor os momentos do encontro de forma resumida, correndo o risco de dispersão dos conteúdos.

A Semana Santa foi uma grande motivação para que pais e adultos, sentindo-se protagonistas, se conectassem à catequese virtual. Houve muitos frutos de conversão pessoal e familiar nesses encontro virtuais. As pessoas enviavam vídeos e áudios com seus testemunhos para os catequistas.

A ampla difusão da Guia para a catequese virtual permitiu que a televisão oferecesse espaço para a realização da catequese familiar com as crianças e seus pais, pré-adolescentes, jovens e adultos a partir de 6 e 7 de junho, em todo o país, com 28 minutos para cada etapa da catequese, a partir do paradigma da Iniciação à Vida Cristã. Inicialmente acontecerá, somente, durante a pandemia, mas com possibilidades de continuar, de acordo com a aceitação. É uma grande oportunidade para evangelizar, seguindo um itinerário.

A partir do contexto local, pode-se dizer que as lições aprendidas com esta pandemia (que devemos incorporar imediatamente), são:

- Preparar a catequese virtual, com o itinerário proposto por etapas, e tê-la disponível para cada evento ou situação que vivemos, atualizando-a permanentemente.
- Preparar os catequistas nesta metodologia virtual de evangelização através de redes.
- Considerar todas as etapas do ciclo evolutivo para esta catequese virtual.
- Considerar o ressurgir e o protagonismo da família, como igreja doméstica, ultimamente não motivada, embora hajam documentos da Igreja que sublinham sua relevância.
- Ensinar sobre o uso da tecnologia para adultos mais velhos nas comunidades, por jovens catequistas

como um serviço à igreja, para participar das missas, da catequese, etc. O jovem deve ser motivado pelos responsáveis.

- Após esta experiência, continuar animando os adultos (pais ou jovens a partir de 18 anos), na grande tarefa que têm de participar da catequese com adultos, tanto os batizados como os catecúmenos. Confirmando plenamente o que é afirmado no documento do CELAM “A Alegria de Iniciar Discípulos Missionários” (2015), nº 123, sobre o acolher as pessoas em sua ampla variedade de atitudes em relação ao religioso, tema que ainda causa muita resistência nos catequistas, bispos e clero, que só estão envolvidos na catequese com crianças e jovens, e não dão o valor devido aos itinerários com adultos.

Reflexões de minha experiência pessoal

Alejandro López Cardinale, Pe.²⁵
Boston, Estados Unidos

Escrevo estas reflexões a partir de minha experiência pessoal de ter sido contagiado pelo vírus, de passar três semanas em total isolamento, de acompanhar vários que sofreram com o contágio, com a perda de um ente querido, com a perda de um emprego ou com a incapacidade de enfrentar o período de quarentena; e de viver na própria pele a absoluta falta de energia para enfrentar os desafios e oportunidades que mercem o ministério pastoral numa comunidade paroquial e numa arquidiocese.

a) A primeira intuição que me vem é a necessidade e a habilidade de estar aberto e disposto à surpresa, a esse olhar capaz de ver as coisas ao seu redor de uma maneira totalmente nova, e deixar-me surpreender pelas mesmas coisas que já estavam lá, mas que para mim haviam perdido

25 Pároco de Saint Benedict, Somerville, Arquidiócesis de Boston, EUA.
lopezc_a@rcab.org

sua transparência e transcendência; Deixar-me surpreender pela graça. Não se trata disto o anúncio da Boa Nova? Da surpresa de sentir-se amado por um Pai que entrega seu próprio Filho para a sua salvação? E que coloca você no meio de uma comunidade para que possa viver essa surpresa de amor com mais intensidade, em comunhão e em solidariedade?

Após o sentimento de incapacidade, inclusive de pensar, de rezar, de ver a presença de Deus no meio do desconforto da doença, a mesma ansiedade pela falta de ar coloca você em numa condição de surpreender-se, porque você chegou vivo ao dia seguinte! Essa mesma surpresa que vivi dia após dia ao reconhecer que ainda estava vivo, que não foi necessário chamar a ambulância para ir ao hospital por causa da falta de oxigênio, me fez perceber que Deus estava me surpreendendo no meio da enfermidade com a luz do sol, com o canto dos pássaros, com a explosão das flores em plena primavera vista da janela. Percebi que, por estar tentando ser eficiente e presente em todas as frentes, tinha perdido a capacidade de observar da minha janela como o sol estava se escondendo atrás das árvores e como os pássaros procuravam algum néctar nos pistilos das flores para continuar livremente e em plena capacidade seu canto. A partir desta contemplação, percebi que, assim como me sentia perdido diante da mudança de cenário, uma mudança absolutamente repentina e imprevista, também os catequistas e todos os paroquianos se sentiriam.

Mas não só por causa desta mudança de cenário, mas também por buscar a eficiência em tudo, e perder a capacidade e habilidade de nos deixarmos surpreender pelo amor de um Deus que nos lembra apaixonadamente todos os dias que foi Ele quem nos escolheu desde o ventre de nossa mãe, nos chamou pelo nosso nome e nos convidou a segui-lo.

b) Uma segunda intuição está no acompanhamento pastoral de si mesmo mesmo como pessoa, como catequista, assim como no acompanhamento de outros. Posso dizer que minha Semana Santa, que se supunha deveria estar celebrando e acompanhando meu povo, não pude realizá-la de forma alguma, porque foi a semana mais dura do contágio. No meu caso, foi o oposto: foi a comunidade que me acompanhou, que caminhou e fez sua jornada de fé ao meu lado. Passei de acompanhante a acompanhado. No final, não é disso que se trata a Semana Santa? Deixar que Jesus apareça a você no caminho da vida, explique as Escrituras e parta o pão, e faça você sentir que é numa comunidade de fé que se torna mais saborosa a predileção de Deus por você? A imagem viva do túmulo vazio, que representa uma experiência de fé muito forte que vivi em Nairóbi em 2004, veio até mim novamente entre a Sexta-feira Santa e o Sábado Santo: a certeza de que Jesus estava comigo o tempo todo, ali, acompanhando-me, morrendo comigo para fazer-me ressuscitar com Ele.

Quando retornei às atividades pastorais, através das ligações telefônicas, das conversas com os paroquianos, amigos, familiares, percebi que o acompanhamento é vital: essa capacidade de ouvir, de caminhar com a outra pessoa,

sem ter a menor idéia do para onde conduz esta jornada de fé, mas com a certeza de que conduzirá a algum lugar, que nem a pessoa acompanhada nem o acompanhante conhecem, mas que confiam que será para um bom destino. Não é este o sentido do seguir a Jesus, como Ele mesmo o descreve a Pedro no final do evangelho de João? “Em verdade, em verdade, te digo: quando eras jovem, tu te cingias e andava por onde querias; quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te conduzirá aonde não queres” (Jo 21,18).

Estas duas intuições estão intimamente ligadas: surpresa e acompanhamento. Eles redirecionam meu olhar para a experiência de João e André no início do Evangelho e para a proposta de Jesus: “Vinde e vede. Eles foram e viram onde ele morava e ficaram com ele naquele dia; eram quatro horas da tarde” (Jo 1,39); surpresa e acompanhamento.

c) Uma terceira intuição, que tem mais a ver com uma reflexão *intra ecclesia*, é a relação entre sinal-símbolo-significado-estética-mundo digital. Se as duas primeiras intuições foram pessoais, esta terceira é mais ainda. Quando digo *ad intra ecclesia*, é porque toca sensivelmente as quatro dimensões eclesiais: a do martírio, da comunhão, da liturgia e do serviço. Ao defender o bem-estar de todos a fim de preservar o dom da vida, a Igreja fez uma escolha muito clara pela “Verbo que se fez carne” e, em minha opinião, extrapolou o sinal eucarístico do “Corpo e Sangue de Cristo”, presente na celebração eucarística, pelo sinal da vida presente no “Povo de Deus”. Não estou dizendo que sacramentalmente é a mesma coisa –e, na verdade, deixo

esta discussão teológico-dogmática para os especialistas em liturgia e sacramentologia. Mas, no que diz respeito à catequese e à expressão da fé na e com a comunidade, esta extrapolação levou a família e o “espectador” a uma relação com o “Corpo e Sangue de Cristo” em outra dimensão, talvez muito mais profunda e vivida com mais ardor do que anteriormente – não é de se admirar que na primeira intuição eu tenha proposto deixar-se surpreender pelo modo como Deus se manifesta em meio aos acontecimentos, e nem sempre, da maneira que se espera, mas da maneira que Ele escolhe.

E ei-nos numa encruzilhada, ou pelo menos é para mim. Quando as pessoas e os paroquianos começarem a retornar para o culto, esta mesma extrapolação será preservada, ou será perdida? Pelo menos acredito que é vital mantê-la, porque ele me redireciona para as duas primeiras intuições: surpresa e acompanhamento. E catequese, não é a experiência dos discípulos de Emaús?

Repensar a catequese para a pandemia

Alfredo Madrigal Salas, Pe.²⁶
San José, Costa Rica

Repensar a catequese tem sido uma tarefa permanente, a partir das realidades ou situações novas que se apresentam num mundo em contínua mudança. A tempestade de mudanças repentinas tem sido uma constante que desafia os fiéis para assimilá-las a partir de sua fé e os agentes de pastoral a partir de sua vocação e missão.

Quando falamos de mudanças repentinas, ficamos sem palavras diante do coronavírus que, de um momento para o outro, mudou tudo em questão de dias ou de poucas semanas. De um momento para o outro, a Igreja fechou seus templos, a catequese presencial parou, a formação de agentes de pastoral foi suspensa e os catequistas foram obrigados a recolherem-se em suas casas. Como repensar a catequese diante dos efeitos devastantes da COVID-19?

26 Residente na Paróquia San Vicente de Moravia, San José, Costa Rica.
almadrisa@gmail.com

Que mensagem Deus quer nos dar? O que o Espírito quer dizer à Igreja hoje? Muitos pessimistas têm considerado este fenômeno como uma desgraça, um castigo de Deus, um beco sem saída, um estar de braços cruzados. Mas muitos teólogos sacerdotes e leigos, atentos à ação do Espírito, o analisam claramente como um tempo favorável de graça, um *kairós*, um sinal dos tempos, em que Deus quer falar conosco.

Fiquei muito impactado com a celebração da Páscoa deste ano de 2020. Muitos pensavam que não haveria Semana Santa, que este ano a Páscoa não poderia ser celebrada uma vez que os templos estavam fechados. Estavam cheios de ceticismo. Entretanto, as celebrações litúrgicas próprias da Páscoa abundaram nas redes sociais e muitos fiéis as seguiram em família. Mas a coisa mais valiosa que aconteceu foi a manifestação de outro tipo de Igreja, onde as famílias, os leigos e especialmente muitos jovens, manifestaram um protagonismo especial que evidenciou uma Igreja doméstica. Os templos permaneceram fechados, mas milhares de igrejas domésticas foram abertas onde prevaleceu a celebração da fé em família, tudo isto me fez lembrar das primeiras comunidades cristãs e da experiência daquele texto bíblico: “Pois onde dois ou três estão reunidos em Meu nome, estou alí, no meio deles” (Mt 18,20). Certamente, os bispos e párocos se esforçaram em transmissões na mídia, mas sobressaíram as celebrações nas casas, onde os pais de família comunicaram a Palavra de Deus e rezaram com seus filhos. A igreja-templo estava

fechada, mas as pequenas comunidades domésticas, a igreja nas casas, verdadeiros cenáculos familiares, se abriram.

Ao ler um teólogo, tudo isso me leva a pensar que Deus quer um novo modelo de Igreja. Uma Igreja que não está tão centrada nos templos, onde os protagonistas sejam os clérigos administrando os sacramentos. É possível que Deus nos esteja dizendo que quer uma Igreja menos clerical, menos sacramentalista e mais evangelizadora. A catequese agora tem que rever a eclesiologia que comunica, para que não aconteça que o Senhor queira nos conduzir a uma igreja em pequenas comunidades e/ou em famílias, e a catequese continue a favorecer um tipo de Igreja clerical e sacramentalista. Aprofundemos estes aspectos para nos esclarecer.

Em uma Igreja clerical, bispos, presbíteros e diáconos centralizam suas ações no templo através da celebração dos sacramentos. Eles são os principais protagonistas, onde os leigos contam muito pouco, ou onde o leigo é o servidor do sacerdote e onde o leigo um pouco mais preparado se destaca nas celebrações litúrgicas, muitas vezes com uma túnica ou veste litúrgica semelhante a do clero. Em uma igreja clerical o pároco diz: “Aqui mando eu”, e nada acontece em sua paróquia sem seu consentimento ou conhecimento. Os leigos não podem tomar decisões na Igreja. São membros inferiores, quase como crianças que têm que pedir permissão para tudo. A Igreja são os clérigos, que comandam e decidem tudo. A catequese agora ou depois do coronavírus não pode

mais respaldar uma igreja clerical. Não vamos mais apoiar uma Igreja clerical.

Uma Igreja sacramentalista é aquela que se identifica fundamentalmente com a administração dos sacramentos. Nesta Igreja, o mais importante para os sacerdotes é administrar os sacramentos, para que os fiéis os recebam piedosamente, fazendo do templo o lugar de referência. Os sacramentos permanecem válidos. O problema é oferecê-los sem evangelização. Para muitos sacerdotes, a catequese impede que os fiéis se aproximem dos sacramentos. É necessário oferecer “cursos rápidos”, quanto mais curtos, melhor. O problema é que isto coloca os leigos à margem, negligencia-se a catequese, o anúncio da Palavra, a iniciação à vida cristã, a oração, as atividades de formação de coordenadores das pequenas comunidades. Não se interessa pela formação de pequenas comunidades, negligencia a catequese das famílias e a formação de comunidades cristãs. Os sacramentos são próprios da comunidade dos fiéis. Sem comunidade, os sacramentos não têm sentido.

Numa Igreja sacramentalista, repito, se privilegia a administração dos sacramentos, mas a formação dos leigos, envolvidos no compromisso social dos cristãos, leigos de cidadãos responsáveis e solidários com os pobres, os marginalizados e os rejeitados, é deixada de lado. Neste sentido, fiquei impressionado com o recente pedido do

teólogo espanhol Victor Codina SJ: “Quando a pandemia acabar, não restauremos a Igreja sacramentalista do passado”²⁷.

A catequese, a partir dos ensinamentos que nos advém da pandemia, não pode continuar formada apenas para celebrarmos sacramentos. É claro que os sacramentos são importantes, mas não podem ser celebrado sem uma catequese ampla que ilumine o verdadeiro significado de um sinal sacramental dentro de uma comunidade eclesial. O problema é que os sacramentos são oferecidos sem uma comunidade de vida, sem uma comunidade de fé. Hoje é verdadeiro afirmar que os sacramentos são dados, na maioria das vezes, a fiéis que imediatamente se afastam da Igreja. Isto se verifica em milhares de crianças e jovens que recebem a Primeira Comunhão ou a Confirmação, dando adeus à Igreja sacramental. Eles não permanecem, não existe vida eclesial. Quando a pandemia acabar, a catequese deve mudar sua eclesiologia e educar para uma igreja evangelizadora. O referido teólogo apresenta assim as características de uma Igreja evangelizadora:

A Igreja evangelizadora é aquela que faz o que Jesus fez: anunciar a boa nova do Reino de Deus, pregar, curar os doentes, comer com os pecadores, alimentar os famintos, libertar o povo de toda opressão e escravidão. Este foi o programa de Jesus na sinagoga de Nazaré: dar vista aos

27 Disponível em https://www.religiondigital.org/opinion/Victor-Codina-protagonistas-Semana-Santa-laicos-familia-gestos-solidarios-coronavirus-iglesia-evangelizadora_o_2228777138.html

cegos, libertar os cativos, evangelizar os pobres, para anunciar a graça e a misericórdia de Deus. Na última ceia Jesus instituiu a Eucaristia, mas o Evangelho de João colocou na última ceia o lava-pés e o novo mandamento do amor fraterno, completando a dimensão litúrgica com a mais existencial e evitando assim que a Eucaristia se tornasse um mero rito vazio²⁸.

Uma Igreja evangelizadora, após a pandemia, favorece a família e o valor da vida. Um sacerdote mexicano recuperado da COVID-19 disse: “Nós que estávamos aqui não tínhamos nenhum contato com a família. Aqueles que morreram, morreram sem ter nenhum contato com a família. Como será importante a partir de agora valorizar a presença da família, valorizar os amigos, valorizar a vida”.

Em resumo, a catequese não pode ser a mesma depois da pandemia. Deve rever cuidadosamente a Cristologia e a Eclesiologia que dão base aos seus conteúdos, assim como aos seus enfoques, para não retornar a aspectos que distorcem a missão de Jesus no mundo e o verdadeiro significado de uma Igreja evangelizadora.

28 Pode ser encontrado em <https://jesuitas.lat/es/noticias/2061-de-una-iglesia-sacramentalista-a-una-iglesia-evangelizadora> (N. do E.)

Desafios à catequese a partir da COVID-19

Eduardo Mercado Guzmán, Pe.²⁹
Cidade do México, México

Esta breve reflexão pretende ser uma contribuição para pensar sobre como deve ser a catequese a partir da pandemia gerada pelo COVID-19.

Nossos políticos em geral falam de um retorno à normalidade, mas sabemos que essa normalidade não será algo imediato. Em meu país tudo começou em março e eles disseram que a normalidade chegaria em abril, e assim foram passando os meses. E, se chegar, será gradual, mas não será uma normalidade como a que estávamos acostumados, mas será cheia de uma série de protocolos, como já está acontecendo em outros lugares. O contato físico será um dos aspectos mais afetados, algo tão necessário para o ser humano, com a distância de segurança como as autoridades civis nos obrigaram, o uso de protetores faciais ou máscaras,

29 Pároco da Catedral do México e docente na Universidad Pontificia de México. edmercadoguz@hotmail.com

em alguns casos o uso de luvas, o uso do álcool em gel, a lavagem frequente das mãos, a sanitização frequente dos espaços públicos e privados, só para mencionar algumas medidas.

Portanto, a dita normalidade não será tão “normal”. De certa forma, esta realidade que estamos vivendo mudou muitas coisas em nossas vidas. De fato, tivemos que mudar nossas rotinas, o que nos perturbou; é por isso que, ainda hoje, existe uma preocupação real com a saúde mental.

Tudo isso afetou não apenas muitas realidades sociais, mas também a forma de educar. Nós professores tivemos que aprender a usar plataformas digitais para dar aulas virtuais a uma “distância de segurança”, usar o e-mail e outras formas de comunicação como as redes sociais; e, obviamente, quando falamos de educação na fé, tem sido o mesmo meio que nos tem servido para não interromper nossos processos catequéticos.

Sinto que quando já tínhamos dado passos em frente para renovar a prática da catequese, temos que enfrentar esta nova realidade, que nos coloca novos desafios. E esta é a minha primeira preocupação, como catequeta, que não sabíamos aproveitar esta nova realidade para crescer na catequese e, em vez disso, demos passos para trás.

Durante esses dias, tenho relido o documento do CELAM “A alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época. Novas perspectivas para a catequese da América Latina e do Caribe”, de 2015; isto porque o indiquei como leitura para meus alunos de Teologia Pastoral. A releitura

dele me fez refletir sobre esta “mudança de época”. Para os que vivemos já várias décadas, somos testemunhas das vertiginosas mudanças ocorridas, que confirmaram aquela intuição já afirmada desde a preparação da Quinta Conferência do Episcopado Latino-americano e do Caribe em Aparecida, Brasil (é preciso ter em mente que o documento do CELAM está fortemente inspirado pelo documento resultante da V Conferência). Hoje eu considero que a pandemia será uma das características desta “mudança de época”.

O documento do CELAM recordava que uma característica de nosso tempo, talvez a mais importante, é que vivemos numa “era digital”. Num trabalho que publiquei, intitulado “Dimensión Pedagógica”, abordo o desafio que temos na Igreja para aprender a usar as TIC³⁰, tanto no ensino religioso escolar quanto na catequese. Creio que aqui está o nosso grande desafio: precisamos da criatividade dos especialistas para criar ferramentas tecnológicas que nos ajudem a não perder o que considero avanços na catequese, sobretudo uma catequese de inspiração catecumenal, a partir da Iniciação à Vida Cristã numa verdadeira mudança de época. Falamos da necessidade de novos paradigmas para a catequese, pois acredito que esta realidade nos desafia a criar novos modelos educativos para ela.

Não quero ser muito otimista, pois estes novos modelos educacionais digitais não estão ao alcance de todos. Vejo

30 TIC: sigla de “tecnologias da informação e da comunicação” (N. do E.).

várias razões para isso. A primeira de todas é a pobreza de nossos povos na América Latina e no Caribe. Somos povos com muitas desigualdades sociais. Nem todos temos as tecnologias ou o serviço de Internet ao nosso alcance. E agora, com a crise econômica globalizada, sentimos os efeitos da pandemia não somente em nossa maneira de nos relacionar e viver, mas a crise econômica nos coloca um grande problema para termos acesso às tecnologias.

Uma segunda dificuldade é a distância que existe entre aqueles chamados “nativos digitais” e os “migrantes digitais”. As “novas gerações” certamente não terão dificuldade em utilizar estas ferramentas digitais, uma vez que, de fato, nasceram com elas. Mas nem todos os outros são migrantes, pois muitas pessoas tem resistência à tecnologia ou têm dificuldade de usar um telefone celular, por exemplo.

Outra preocupação que tenho é a formação de catequistas para esta mudança de época. No México, como acredito acontecer em diferentes países de nosso continente, a realidade é que a maioria dos catequistas são pessoas idosas, que tem dificuldades para mudar de métodos, embora já ultrapassados. Certamente estes catequistas não se adaptarão a novas formas de catequese.

Finalmente, sem querer parecer muito pessimista, volto a uma ideia com a qual comecei, a necessidade do contato humano, para falarmos de comunidade. Sei que os digitais falam sobre comunidades virtuais no *WhatsApp* ou em outras redes sociais, mas me pergunto se é assim que deve ser a reunião com os membros da comunidade. Espero em

Deus que em algum momento voltemos a experimentar o contato físico com os membros de cada comunidade, fruto de processos de iniciação à vida cristã.

Temos grandes desafios para a catequese.

Catequese em uma cultura marcada pelo digital: uma possível lição

Abimar Moraes, Pe.³¹
Rio de Janeiro, Brasil

Vivemos em uma “metrópole global”, onde as relações humanas são marcadas pela velocidade, a lógica do espetáculo e do mercado. É uma “democracia” de base, com uma ampla gama de ambientes e instrumentos para que todos os habitantes desta cidade digital possam se expressar sobre os mais variados assuntos possíveis. Tal realidade, especialmente neste contexto de pandemias, nos leva, como catequistas, à necessidade de estudarmos estas novas expressões de cidadania, capazes de relacionar conteúdos, ambientes, pertences e instituições, porque as estratégias, objetivos, dinâmicas e perspectivas que a catequese deve assumir neste novo contexto vital não são claras.

31 Professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
abimar@puc-rio.br

Os “processos de mediatização” durante este período necessário de isolamento social, tornam-se ainda mais poderosos. Não podemos mais ignorar que vivemos em um mundo digital, em um mundo em tempo real (*on line*), com novas sociabilidades e sensibilidades, no qual grandes transformações estão ocorrendo nas relações em sociedade. As tecnologias de comunicação permitem a existência de novas formas de interação social mediada, que configuram um novo *bios*³² e um novo *ethos*³³, gerando um novo sujeito. Não é simplesmente um instrumento, um meio, mas um ambiente, com seu próprio modo de vida, que expande sua configuração para outros ambientes e forma uma nova cultura.

“A internet se tornou a alavanca na transição para uma nova forma de sociedade: uma sociedade em rede.[...] Um novo padrão sócio-técnico está surgindo a partir desta interação”³⁴. De fato, as novas tecnologias permitiram a criação de dispositivos que se tornaram parte da vida do homem de hoje, chegando a ser considerados como uma extensão de si mesmo³⁵.

Esta mudança causa a sensação de que estamos vivendo em tempos de incerteza, porque no mundo digital tudo é fluido e passa por rápidas mudanças. A grande velocidade

32 Maneira de viver própria de um indivíduo (N. do E.).

33 Maneira de viver própria de um grupo de indivíduos (N. do E.).

34 Manuel Castells, *A galáxia da internet. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, pp. 8 e 10.

35 Cf. Marshall McLuhan, *Os meios de comunicação: como extensões do homem*, São Paulo, Editora Cultrix, 1974.

com que a informação se espalha, a apreciação do sentido da visão, com uma exploração excessiva das cores e das formas, produziu estresse social, que é característico deste excesso de informação.

Em 2005, através da Carta Apostólica “O Rápido Desenvolvimento”, o Papa João Paulo II aprofundou os desafios que as comunicações sociais representam para a Igreja. Neste documento, o pontífice dedicou a terceira parte a apresentar a necessidade de uma mudança de mentalidade e a revisão pastoral da Igreja em vista de sua inserção na cultura da mídia³⁶.

Desde a Quinta Conferência Geral dos Bispos da América Latina e do Caribe, realizada em Aparecida, muito se tem falado sobre a “conversão pastoral”. Este termo indica que precisamos aceitar e agir dentro de um cenário de mudança e, conseqüentemente, traz modificações no paradigma pastoral. Com relação à existência de uma “metrópole comunicacional”, a conversão pastoral consiste, em primeiro lugar, em superar a visão simplesmente instrumental e a leitura da mídia, em favor da compreensão de que a tecnologia da informação está mudando todos os aspectos da vida diária, com sua própria linguagem e modo de vida³⁷.

36 João Paulo II, *Carta Apostólica O Rápido Desenvolvimento*, n.º 7-9. Vaticano, 2005. Disponível em: <http://w2.vatican.va/> Visitado: 26/05/2020.

37 Abimar Moraes “Uma ‘nova’ antropologia na era da comunicação social”, *Communio*, Rio de Janeiro, vol. 22, 2004, pp. 385-401.

Spadaro argumenta que a vida espiritual dessas pessoas é certamente tocada pela dinâmica da cultura digital, que é interativa e imersiva³⁸. Imersos na cultura digital, acostumados à interatividade, eles internalizam a experiência eclesial somente se puderem tecer uma relação interativa e não uma puramente passiva e receptiva. Portanto, o protagonismo requer uma catequese que passe da interioridade à interatividade, da noção de “assistida pela igreja” para a noção de sujeito eclesial³⁹.

Para serem protagonistas, é necessário criar um projeto de catequese para que estes cidadãos comunicativos possam se reconhecer como pessoas a quem o Senhor os envia, apaixonados por Ele e por tudo o que são chamados a comunicar sobre Ele, testemunhas da beleza de encontrá-Lo e fazê-Lo encontrar, sem que isso gere a contradição paradoxal de uma espécie de “indiferença ascética”.

Nesta árdua e complexa tarefa, podemos nos inspirar nos quatro princípios enunciados pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, um texto que se tornou um ponto de referência para pensar a conversão pastoral. Eles são: a) o tempo é maior que o espaço; b) a unidade prevalece sobre o conflito; c) a realidade é mais importante que a ideia; e d) o

38 Antonio Spadaro, *Le 6 grandi sfide della comunicazione digitale alla pastorale*. Disponível em: www.cyberteologia.it/2014/11/le-6-grandi-sfide-della-comunicazione-digitale-alla-pastorale. Visitado: 07/12/2019.

39 CNBB, *Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade*. Sal da Terra e Luz do Mundo (Mt 5, 13-14). Documentos da CNBB 105. Edições CNBB, 2016, nn. 65-103.

todo é maior que a parte⁴⁰. Entendemos que tais princípios podem ser perfeitamente integrados em nossa dimensão de formação.

O que dissemos até agora de forma positiva deve ser acompanhado pelo reconhecimento do potencial e dos limites da cultura urbana digital. Nunca devemos perder a consciência de que, nesta metrópole comunicacional, é possível criar uma comunidade, mas as melhores experiências comunitárias nem sempre emergem dela. A catequese, nesta cidade digital, dependerá de quem e como ela for administrada. O fato de “estarmos” na metrópole comunicacional, através de nossas redes e canais sociais, não traz processos de catequese imediatos.

Portanto, é necessário identificar e qualificar catequistas com a capacidade de evangelizar nesta metrópole comunicacional. É verdade que a proclamação do Evangelho é tarefa de todos os batizados, mas apenas alguns o podem fazer corretamente em formato digital.

Daí o compromisso necessário para construir um ministério de comunicação em nossas comunidades, que não seja apenas pastoral “na” mídia. É até mesmo necessário fornecer recursos adequados (humanos, técnicos, econômicos, etc.) para este ministério. É necessária uma

40 FRANCISCO PP., *Exortação Evangelii Gaudium sobre o anúncio do evangelho no mundo actual*, n. 222-237. Disponible en: www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Visitado em: 07/12/2019.

estratégia pastoral integrada, capaz de visualizar ações a curto, médio e longo prazo. A existência de um plano (ou política) de comunicação é uma medida eficaz para evitar, como geralmente acontece, a evangelização por entusiasmo ou por impulso na cidade digital. De fato, há muitas iniciativas na metrópole comunicacional marcadas pela autorreferencialidade, publicidade, rivalidade, proselitismo, fundamentalismo e até mesmo ódio.

Um grande desafio é propor comunicações autênticas. Comunicações que são capazes de se opor à ganância econômica, que não se perdem diante do poder da fama, que não concordam com a exploração e o abuso das pessoas, que não são corrompidas em favor de concessões políticas, que denunciam a corrupção e a idolatria.

Uma possível lição desta pandemia é que há espaço para a experiência de fé na cultura digital. Mas devemos sempre lembrar que a catequese autêntica não se trata de trazer o Deus cristão para a cidade digital, mas de esforçar-se para servir o único templo verdadeiro de Deus: o ser humano vivo.

Catequese em tempos de pandemia

Israel José Nery, F.S.C.⁴¹

Sao Paulo, Brasil

I. O contexto

Escrevo este simples texto no tempo pascal de 2020, caminhando em direção à festa da Ascensão de Jesus Cristo e de Pentecostes. É um tempo de renovação da fé, da esperança e da caridade.

Mas, juntos, estamos vivendo uma pandemia histórica, uma palavra grega, formada por “*pan*” (tudo) e “*demos*” (povo). É uma doença que afeta todas as pessoas. Todos somos vulneráveis e podemos ser infectados. E este inimigo assassino invisível é o coronavírus (mais especificamente, o COVID-19), ele usa todas as possibilidades de contágio, e se espalha e alcança facilmente todos os cantos do planeta Terra, nossa Casa Comum.

Há uma força inexplicável em nós, humanos. Estamos agora expressando amor, através de diferentes formas de

41 Membro do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs (Lasallistas), Presidente da Sociedade Brasileira de Catequetas. irnery@yahoo.com.br

solidariedade e da busca de soluções para problemática tão grave. A dedicação heróica da vida de milhares de médicos, enfermeiros, pessoal auxiliar nos serviços de limpeza e manutenção, transporte das pessoas infectadas pelo vírus e familiares que estão a serviço de parentes carentes noite e dia, chama a atenção e provoca sensibilidade. Todos eles arriscam suas preciosas vidas cuidando de pessoas de todas as idades, especialmente os idosos, e muitas vezes sem as proteções necessárias. E não podemos esquecer aqueles que trabalham em serviços essenciais para garantir que tenhamos o que é preciso para ficar em casa. Todos estão expostos ao contágio.

Mas há algo muito dramático sobre esta pandemia. É a crueldade particular deste vírus, tanto para aqueles que morrem quanto para aqueles que permanecem vivos, pois levarão por toda vida a perda irreparável da familiares e amigos. Sabemos que todos os infectados pela COVID-19 que não conseguem a recuperação morrem sozinhos, isolados de tudo e de todos, sem a possibilidade da presença e manifestações de afeto de entes queridos e, também, sem os sinais visíveis e reconfortantes da fé. E, após a morte, parentes e amigos sofrem porque o necessário ritual de despedida, como os velórios e bênçãos, e o conforto daqueles que poderiam ter vindo para compartilhar este momento de dor, não é possível. Não é possível chegar perto do falecido, nem vê-lo uma última vez. É uma dor indescritível, a que se soma, também, o medo do contágio e a necessidade de permanecer em quarentena em um ambiente pequeno e

estreito, com dificuldades crescentes nas relações humanas de qualidade, com riscos de violência doméstica e com medo crescente do futuro.

2. Algumas questões chaves

Neste contexto terrível, duas perguntas difíceis me vem à mente: *como funciona a catequese durante a pandemia, e como será depois, na etapa posterior, quando passar esta imensa crise de saúde.*

Claramente, eu não tenho resposta. Mesmo assim, tentarei fazer, na perspectiva da catequese, uma meditação sobre esta trágica situação do COVID-19 que nos desafia tão profundamente, e sobre o pós-pandemia.

Minha primeira reflexão vem do mistério da Encarnação do único Filho de Deus, nascido de Maria de Nazaré. O mesmo Deus que quis viver a realidade humana, exceto pelo pecado, mas com as consequências do pecado. A Igreja, e nela, a Catequese, deve antes de tudo dar prioridade à realidade humana de cada pessoa, o chamado que cada um tem dentro de si para desenvolver e, sobretudo, amar, servir, formar comunidade, integrar um Povo, colaborar para fazer um mundo fraterno, solidário, justo e de paz, especialmente para os mais necessitados. O caráter antropológico, o humano, precede tudo na missão da Igreja. Deus valoriza tanto o humano que ele se tornou humano.

Em segundo lugar, refiro-me ao discurso kerigmático de Pedro, impulsionado pelo Espírito Santo em Pentecostes.

Mais do que nunca, toda a Igreja, e nela a catequese, deve estar a serviço da primeira proclamação de Jesus Cristo. Ele se revelou como “o Caminho, a Verdade e a Vida” e que ninguém vai ao Pai senão por ele (cf. Jo 14,6). Antes de preocupar-se legitimamente com os sacramentos, a introdução à Bíblia e os elementos fundamentais da fé cristã, é missão essencial da Igreja “proclamar Jesus Cristo”, facilitar o encontro pessoal e intransferível das pessoas com Ele, que nos conduzirá ao Pai pelo poder (*dynamis*) do Espírito Santo.

Em terceiro lugar, há para mim o Novo Mandamento de Jesus: “Eu vos dou um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros”. Como eu amei vocês, assim vocês devem se amar uns aos outros. O amor uns pelos outros será a marca pela qual todos vos conhecerão como meus discípulos” (Jo 23,34-35). O evangelista João escreve que “Deus é Amor e aquele que ama nasce de Deus” (1Jo 4,7-12). E Jesus, por sua experiência humana, ensina que devemos ser a imagem e semelhança de Deus neste sentido do amor. Ele sabe muito bem que o amor é o sentido que se encontra para a vida e que ele motiva a realizar ações que beneficiam os outros. Mas o amor vivido e ensinado por Jesus é livre, sem nada pelo qual ansiar como recompensa. Quanto mais se expressa sua capacidade de amar, mais ele encontra sentido no que pensa, realiza e sonha. O amor nos transcende, deixa traços e cria laços invisíveis, como a fraternidade, a irmandade e a amizade, solidariedade e justiça. A pandemia tem provocado milhares de exemplos de solidariedade em vários países.

Penso, finalmente, numa importante lição a ser aprendida na época da pandemia: a fragilidade humana, a necessidade de não dar valor às vaidades, e a interdependência de tudo. A COVID-19 nos fez perceber, com mais força, que não somos todo-poderosos e que não temos resposta humana à doença e à morte. A experiência de nossa vulnerabilidade e nossos próprios limites nos tornou mais conscientes de nossa condição humana. E, ao mesmo tempo, experimentamos a necessidade de humildade, de nossa dependência dos outros, para ser um apoio aos outros e para dar um novo significado à perda de coisas que antes considerávamos essenciais, fundamentais, até mesmo a perda de um ente querido. Todos morreremos e cada um de nós terá nosso momento de “*pesach*”⁴², da passagem deste mundo para outro, que acreditamos que será em direção à imortalidade, felicidade, eternidade em Deus. Mas há algo mais neste aprendizado: nossa interdependência com todas as dimensões da natureza. Nossa fragilidade exige de nós fraternidade humana e irmandade cósmica.

42 Páscoa (N. do E.).

Reflexões sobre a catequese em tempos de pandemia e templos fechados

María Irene Nesi, F.M.A.⁴³
Caracas, Venezuela

A chegada da pandemia nos encontrou fazendo o que considerávamos importante, sem pensar na gravidade do que estava acontecendo e nas tremendas conseqüências que viriam sobre nossa vida diária.

Incluída nesta declaração está a Igreja institucional, como algumas pessoas gostam de chamá-la quando se referem a bispos e sacerdotes. Eles também foram pegos desprevenidos. Em alguns países do continente, em meados de março ou no domingo 15, receberam o aviso de que não poderiam abrir os templos e que tinham que tomar as medidas necessárias para que esta ordem fosse cumprida; e o que se acreditava que duraria duas semanas, na América Latina, já está na oitava ou décima primeira semana.

43 Membro do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, Diretora do Instituto Nacional de Pastoral da Venezuela. irenenesi@gmail.com

As redes foram ativadas, grupos de bate-papo começaram em todas as mídias disponíveis para se comunicar. Os pais estão se perguntando quando seus filhos receberão os sacramentos. Os catequistas estão tentando criar atividades *on-line* para substituir os encontros. Os párocos e até os bispos abriram a intimidade de suas capelas particulares para celebrar a Eucaristia com um povo virtual, e para mostrar um ostensório com o Santíssimo Sacramento virtual que abençoa. Os mais corajosos foram animados a sair sozinhos durante a Semana Santa com as imagens para que os fiéis pudessem olhar e pedir a bênção.

E então prestamos atenção a uma imagem, mais retórica do que real até então: *família, Igreja doméstica*. Sim, antes do fechamento dos locais de culto, fomos convidados a lembrar que cada família é-e é convidada a ser uma Igreja doméstica. Então, a criatividade foi direcionada para elaborar recursos litúrgicos, bíblicos, de catequese para as famílias... como se quinhentos anos de história não tivessem passado e o regime de cristandade que a Espanha trouxe para a Colônia ainda estivesse em vigor e a única coisa que seria necessária era fornecer recursos para que a família assumisse sua identidade cristã.

Mas há uma realidade que continua a ser ignorada: permanecem elementos de piedade (religiosidade) popular que estão se tornando cada vez mais ritualizados, perdendo seu conteúdo cristão embora permaneçam na forma e na imagem. A descristianização progressiva está atingindo a América Latina em um grau diferente, mas de forma

inevitável, ligada ao pluralismo religioso e à consciência da privatização do religioso cada vez mais dissociado do confessional institucional. De forma contundente, o texto de Aparecida afirma: “... temos uma alta percentual de católicos que desconhecem sua missão de ser sal e fermento no mundo, com uma identidade cristã fraca e vulnerável”⁴⁴.

Neste contexto, os repetidos apelos do Papa Francisco ressoam claramente: hoje precisamos de uma Igreja em saída missionária. Embora longa, a citação do texto nos descreve o chamado, cada vez mais inevitável, a esta saída, e em tempos de desinstalação das estruturas conhecidas, ela é mais do que pertinente:

Não podemos desperdiçar esta hora de graça. Precisamos de um novo Pentecostes! Precisamos sair ao encontro de indivíduos, famílias, comunidades e povos para comunicar e partilhar o dom do encontro com Cristo, que encheu nossas vidas de “sentido”, verdade e amor, de alegria e esperança! Não podemos permanecer tranquilos em espera passiva em nossos templos, mas devemos sair em todas as direções para proclamar que o mal e a morte não têm a última palavra, que o amor é mais forte, que fomos libertados e salvos pela vitória pascal do Senhor da história, que Ele nos convoca a sermos Igreja, e que Ele quer multiplicar o número de seus discípulos e missionários na construção de seu Reino em nosso Continente⁴⁵.

44 DAp 286.

45 DAp 548.

Um novo panorama se abre com novas perguntas, e as respostas exigem a mesma novidade da situação. Muitas vezes a catequese tem sido acusada de oferecer respostas incompreensíveis a perguntas que ninguém mais faz. Este recesso obrigatório nos constringe não apenas a começar a produzir mensagens com todos os recursos das novas tecnologias, mas a escutar o clamor silencioso que brota do coração de homens e mulheres que perderam o sentido, totalmente arrancados e desalojados de sua própria interioridade.

Agora o problema que está desafiando a ação evangelizadora da Igreja pode ser levantado: como fazer com que a família possa viver sua vocação como Igreja doméstica:

... este fenômeno nos desafia profundamente a imaginar e organizar novas formas de abordagem para ajudá-los a apreciar o significado da vida sacramental, a participação comunitária e o compromisso social. Temos uma alta porcentagem de católicos que desconhecem sua missão de ser sal e fermento no mundo, com uma identidade cristã fraca e vulnerável⁴⁶.

A consciência missionária que se renova neste tempo deve levar à busca de caminhos para o primeiro anúncio, de proclamação kerigmática, já que a forma atual de educar na fé e o crescimento na vivência cristã não dão os resultados

46 DAp 286.

esperados: “Ou educamos na fé, colocando realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-o a segui-lo, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora”⁴⁷.

É necessário descobrir o significado profundo do anúncio missionário e kerigmático, não apenas no nível pessoal, mas também no nível familiar, se realmente quisermos convidá-la a assumir sua missão derivada dos sacramentos celebrados: ser uma Igreja doméstica. O anúncio deve facilitar o encontro e a experiência com Jesus Cristo como fundamento da fé, criando as condições prévias para sua alegre acolhida. Sem este passo fundamental, não haverá verdadeiro encontro com Cristo vivo, não haverá fé viva e ativa, não haverá uma base sólida para ser uma testemunha do Evangelho.

Este chamado para recuperar o anúncio kerigmático exige que deixemos de pressupor a fé. Para a catequese é um chamado a dar lugar ao encontro com o Cristo vivo presente na vida, que dá lugar à conversão. Este é o início da vida de fé. A catequese é a ação da Igreja que acompanha a fé inicial até que ela alcance a sua maturidade.

Como conclusão para esta reflexão, é esclarecedor este texto extraído de “A Alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época. Novas perspectivas para a catequese na América Latina e no Caribe” (CELAM, 2015):

47 DA 287.

A aceitação do *kerygma* precede a comunhão com Cristo e a inserção da pessoa na comunidade. Ela precede o despertar para o mistério e a iniciação litúrgica, antes da formação moral, da oração e da vida interior. O *kerygma* inflama o coração das pessoas, confiando no poder amoroso de Jesus no Evangelho que chama todo ser humano à conversão e o acompanha em todas as etapas da vida⁴⁸.

48 AIDM 55.

Catequese em tempos de angústia existencial

Hosffman Ospino⁴⁹
Boston, Estados Unidos

Os momentos de crise, aqueles que filósofos e teólogos com certa frequência chamam de “momentos limite”, nos desafiam a repensar não apenas quem somos em nosso relacionamento com os outros, o mundo em que vivemos e Deus, mas também como agimos na história. Sem dúvida, a pandemia global que no início da terceira década do século XXI nos afeta a todos –sem exceção, embora muitos se acreditem isentos, imunes e até invencíveis é uma oportunidade perfeita para repensar a catequese também no mundo católico.

São muitos os documentos eclesiais que nos recordam a relação íntima entre evangelização e catequese. Não podemos falar de um sem o outro. Se a evangelização é em última instância o esforço dos batizados, guiados pelo Espírito Santo, para facilitar o encontro com Jesus Cristo

49 Professor doutor no Boston College, MA, EUA. ospinoho@bc.edu

Ressuscitado, que por sua vez nos leva a um encontro mais profundo com o Deus da revelação, é imperativo que tal esforço seja acompanhado por uma catequese que nos ajude a compreender claramente o que significa ser um discípulo cristão e o que significa crer em Deus aqui e agora, neste momento e sua gravidade.

A catequese em meio a uma pandemia, como no caso da COVID-19, não pode ser uma catequese desencarnada, neutra ou ingênua. Tampouco pode ser uma catequese manipuladora que serve para promover ideologias ou que se reduz à promoção de caricaturas do cristianismo e do Deus que nos revelou Jesus Cristo.

Diante de uma pandemia, a existência do ser humano, em suas muitas dimensões, encontra-se ameaçada. A doença, a morte e a insegurança estão à espera. Vemos como a vida diária se transforma dramaticamente: como nos relacionamos uns com os outros, como trabalhamos, como nos deslocamos de um lugar para outro, em que espaço nos reunimos, como temos acesso à medicina e aos cuidados com a saúde, onde vivemos e a quem permitimos estar perto de nós; que espaços são seguros para nossos filhos serem educados e brincarem, quando e como é apropriado reunir-se em espaços de culto, que tipo de líderes políticos elegemos para nos conduzir, etc. Cada uma dessas decisões, entre muitas outras, tem consequências profundas. Nós as tomamos a todo minuto e, por mais simples que pareçam, sabemos que elas se situam na fronteira entre a vida e a

morte. Tal responsabilidade nos causa angústia. Mais precisamente, uma angústia existencial.

É precisamente neste momento limite, momento de angústia existencial, que devemos avançar na direção de uma catequese que nos prepare para navegar as vicissitudes que nos confrontam. Precisamos que a comunidade eclesial exija de seus líderes religiosos e mestres da fé uma formação religiosa que inspire esperança, mas com os pés no chão e atenta às necessidades urgentes do povo em sua vida diária. A que serve a um grupo de pessoas, num carro desgovernado porque perdeu os freios, entrar num debate sobre qual é a melhor cor para o carro? Os possíveis paralelos desta imagem com a vida da Igreja são incontáveis. Creio que precisamos estabelecer prioridades para a catequese neste momento de pandemia. Tendo em vista a brevidade desta reflexão, sugiro três:

a) Em primeiro lugar, há a necessidade de uma catequese que nos apresente novamente a Deus segundo o Evangelho e o melhor de nossa teologia. Precisamos de uma catequese que apresente uma teodiceia autenticamente católica. Preocupa-me observar as inúmeras caricaturas de Deus que muitos católicos comunicam nos meios de comunicação, nas redes sociais e, até mesmo, em homilias e espaços de catequese. Deve-se reconhecer que muitas das imagens caricatas de Deus que residem na mente e no coração de muitos católicos são fruto de uma catequese pobre ou simplesmente de uma falta de catequese. Assim, hoje colhemos o que foi semeado por muito tempo. Não se pode

aceitar uma catequese, formal ou informal, que fala de um Deus que castiga ou de um Deus que se deleita com a dor e o sofrimento de uns em benefício de outros. Este não é o momento de confundir mal físico com o mal moral, pois há uma grande diferença, como nos lembra o *Catecismo da Igreja Católica* (n. 309-314). É urgente catequizar nosso povo sobre como Deus age na história e o que realmente podemos esperar de um Deus que nos ama infinitamente, que quer o melhor de nós, mas ao mesmo tempo respeita nossa liberdade e as leis da ordem criada.

b) Em segundo lugar, a crise atual é um apelo urgente para que teólogos, catequistas e educadores religiosos redobremos nossos esforços no desenvolvimento de uma catequese que nos ajude a entender melhor a relação entre fé e ciência. Vivemos em uma época da história na qual a humanidade adquiriu um nível de conhecimento científico sofisticado sem precedentes. Isto inclui tudo o que está relacionado com a forma como um vírus infeccioso age e seus efeitos. A acessibilidade a tal conhecimento é surpreendente. Qualquer pessoa, independentemente da idade, com um computador ou um *smartphone*, pode se educar, idealmente com a devida orientação de especialistas e educadores, para interpretar as informações adequadamente. A ironia é que muitos cristãos católicos e muitos crentes de outras tradições religiosas percebem o científico como antagônico à fé. Muitos ainda pensam que, para acreditar, é necessário ignorar o conhecimento científico. Existe a necessidade de uma catequese que ajude-nos a valorizar, com visão

crítica, é claro, e a contemplar, o que aprendemos através da ciência. Precisamos de uma catequese que fale novamente de milagres, embora de maneira informada. Expor-se a um vírus ignorando as recomendações da comunidade médica e, ao mesmo tempo, esperar um milagre, é uma irresponsabilidade de altíssimo grau, com consequências letais. Muitos crentes fazem isso, às vezes motivados por líderes religiosos. Isto deve mudar. Todos, começando pelos líderes religiosos em todos os níveis, temos que ser educados sobre o diálogo criativo que deve existir entre a fé e a ciência.

c) Terceiro, situação atual da pandemia revelou muitas realidades sociopolíticas que nos devem preocupar aos católicos em todo o mundo. Entre elas destaco duas. Por um lado, os efeitos nocivos da desigualdade social, observando que as pessoas mais afetadas pela pandemia até agora são os pobres, os idosos e os grupos minoritários. Por outro lado, o oportunismo dos líderes políticos e das elites sociais e econômicas em propor políticas que continuam a beneficiar alguns poucos. Muitas dessas políticas são racistas, misóginas, anti-imigrantes e aporofóbicas (que tem aversão aos pobres). Neste momento, a catequese e a educação religiosa devem ser espaços onde se fala destas realidades à luz do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja. Precisamos de uma catequese profética que nos ajude a denunciar estas realidades pelo que elas são: pecado. É urgente uma catequese que prepare os católicos, especialmente os mais jovens, para falar com um novo ímpeto sobre justiça e solidariedade.

Se há algo a aprender num momento limite como o presente, um momento de angústia existencial para a humanidade, é que agora mais do que nunca temos que estar atentos à relação entre fé e vida; mais precisamente, a vida no aqui e agora da história. Por muito tempo nossas instituições religiosas, incluindo igrejas, colégios, universidades e projetos católicos de evangelização, têm se engajado numa luta frontal pela sobrevivência num mundo cada vez mais secularizado e mais desconfiado de qualquer coisa que tenha a ver com instituições religiosas. Cada vez mais vozes nos consideram irrelevantes. Discordo de tal julgamento porque sei o quanto podemos contribuir como comunidade de fé, mas também reconheço que temos feito muito pouco para provar o contrário, especialmente para nossos jovens e para uma geração muito mais crítica e menos incauta. Talvez este seja o momento certo para mostrar quão relevantes somos como teólogos, catequistas, educadores religiosos e evangelizadores católicos.

A catequese após a crise

Cecilia Osses P., H.M.C.B.⁵⁰

Concepción, Chile

Ao longo da história o povo de Deus enfrentou várias dificuldades, tais como terremotos, guerras, pandemias (peste negra), só para mencionar algumas. Sempre que a humanidade foi confrontada por uma situação que está fora do controle humano, o homem tende ao “espiritual”. De fato, em tais casos, há mais pessoas orando para que “isso passe logo”, enquanto outras estão procurando uma resposta em Deus. É assim que as crises se transformam em diferentes oportunidades para crescer na fé, unir-se em família, apoiar-se na comunidade ou na sociedade, para que, juntos, se possa superar o que se está vivendo.

Para que se possa parar e pensar num processo de catequese diante do “homem” de hoje, acredito que isto só pode ser feito tendo consciência do que esta geração teve que viver e assumir. Devemos considerar que estamos diante

50 Religiosa da Congregação das Irmãs Missionárias Catequistas de Boroa. Cordenadora de Catequeses da Arquidiocese da Santíssima Concepción. hciopo@gmail.com

de uma sociedade e de uma realidade em que o Povo de Deus foi fortemente atingido pela crise da Igreja em nível nacional e mundial, o que ajudou a descobrir uma Igreja feita de pessoas frágeis e pecadoras, que, muitas vezes, se esconderam no moralismo e no autoritarismo. Por outro lado, em outubro de 2019, teve início uma explosão social no Chile, que ajudou o povo a despertar e descobrir as grandes brechas de pobreza e abuso que as famílias estão vivenciando. E agora surge a COVID-19, que cria uma pandemia que ataca o mundo todo, da qual ninguém pode estar imune a seus efeitos, que traz não só problemas de saúde, mas também problemas familiares, econômicos, sociais e espirituais.

Cada um desses eventos é uma oportunidade que traz consigo mudanças profundas. Começando pela primeira: o encontro físico com o outro, a demonstração de afeto, a linguagem e os meios a serem utilizados para se comunicar. Devemos ter respostas claras e simples para as preocupações dos catequizandos. O Papa Francisco nos diz: “Encorajo os que têm responsabilidades a trabalhar ativamente para o bem comum”⁵¹.

Uma pista de como a catequese deveria ser realizada é dada tanto pelos catequistas quanto pelos catequizandos, expressando a alegria que lhes produz uma ligação telefônica, algumas palavras de incentivo, o fato de serem ouvidos em

51 Mensagem *Urbi et orbi*, abril de 2020. Disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/es/messages/urbi/documents/papa-francesco_20200412_urbi-et-orbi-pasqua.html (N. do E.).

suas tristezas, alegrias e mostrando o quanto sentem falta da reunião física semanal, do poder compartilhar inquietações e levar para casa a esperança da Palavra de Deus.

Quando chegar a hora do encontro físico, os catequistas terão que desenvolver uma enorme capacidade de acolhimento, de escuta e de se deixar iluminar pelo Espírito Santo para acompanhar e anunciar um Deus vivo que está presente entre nós, como um Pai entre seus filhos. Não podemos continuar a ser instrutores do Evangelho.

A catequese, hoje mais do que nunca, exige catequistas que transmitam o sentido de ser irmãos que acolhem, guiam e acompanham aqueles que desejam participar da catequese.

Os catequistas devem utilizar, na transmissão da fé, a pedagogia catequética, como disse Dom Jorge Mario Bergoglio (hoje Papa Francisco) em 21 de agosto de 2003:

Se há uma coisa que caracteriza a pedagogia catequética, se há uma coisa em que todo catequista deve ser especialista, é na sua capacidade de acolher os outros, de se responsabilizar por eles, de cuidar para que ninguém fique fora do caminho. Por esta razão, diante da seriedade e da extensão da crise, diante do desafio como Igreja Arquidiocesana de comprometer-se em “cuidar da fragilidade de nosso povo”, convido-o a renovar sua vocação de catequista e a colocar toda sua criatividade para “saber estar” próximo daqueles que sofrem, tornando realidade uma “pedagogia da presença”, na qual a escuta e a proximidade não são apenas um estilo, mas um conteúdo da catequese. E nesta bela vocação artesanal de ser “crisma e carinho para

quem sofre”, não tenhas medo de cuidar da fragilidade do irmão a partir de tua própria fragilidade: tua dor, teu cansaço, tuas pausas; Deus os transforma em riqueza, unguento, sacramento... Que Maria nos conceda valorizar o tesouro de nosso barro, para que possamos cantar com ela o Magnificat de nossa pequenez junto com a grandeza de Deus...⁵².

Antes dos conteúdos, a Palavra de Deus deve continuar sendo hoje o centro do anúncio,

não a transmissão de conhecimentos sobre Deus e a ordem sobrenatural, mas a iluminação da realidade humana concreta do catequizando à luz do Evangelho (GS 92) ... não precisamente o anúncio de determinadas proposições, mas o anúncio da obra de Deus na história humana através de Jesus Cristo, com a riqueza de facetas que o Novo Testamento oferece. O encontro inicial com o *kerygma* e a proclamação através da comunidade fraterna ainda são os “princípios elementares”, o “leite” (Hb 5,12s), destinados aos adultos que ainda não creem nas “realidades que ainda não vemos” (Hb 11,1)⁵³.

Outro aspecto da catequese que não deve ser perdido de vista é a comunidade.

52 Disponível em: http://aica.org/aica/documentos_files/Obispos_Argentinos/Bergoglio/2003/2003_08_21_Catequistas.htm

53 Galindo, C.M., F. (2019). Biblia y catequesis. *Theologica Xaveriana*, (39-38). Em <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/teoxaveriana/article/view/27974>.

A catequese é uma responsabilidade de toda a comunidade cristã. A iniciação cristã, de fato, “não é responsabilidade apenas de catequistas ou sacerdotes, mas de toda a comunidade de fiéis”. Também a formação contiuada da fé é responsabilidade de toda a comunidade. A catequese é, portanto, uma ação educativa realizada com base na responsabilidade particular de cada membro da comunidade, num contexto ou clima comunitário rico em relações, para que os catecúmenos e os catequizandos sejam ativamente incorporados à vida daquela comunidade... e “onde possam viver, o mais plenamente possível, o que aprenderam⁵⁴.

Na catequese pós-crise, deve ser fortalecido o sentido de comunidade. Mais do que falar do grupo de catequese, devemos falar da comunidade de catequizandos onde as pessoas podem experimentar o que foi vivido pelas primeiras comunidades cristãs (ver At 2,42-47), ou seja, como eles se apoiaram uns aos outros, oraram juntos, acolheram os ensinamentos de Jesus e se prepararam para celebrar os sacramentos. O vivido e experimentado nestas pequenas comunidades os ajudará a integrar-se na grande comunidade cristã de suas capelas ou paróquias.

54 DGC 220.

Como ler e compreender a pandemia a partir de uma perspectiva catequética?

† Diego Padrón Sánchez⁵⁵
Valencia, Venezuela

Sinto-me muito honrado e grato por ter sido convidado a refletir em voz alta sobre as implicações que a pandemia do COVID-19 muito provavelmente terá sobre a catequese. Mas, gostaria de deixar claro, desde já, que minha voz não é uma das mais autorizadas no assunto, pois em minha região não temos notícias de qualquer contágio, se a informação oficial é verdadeira ou não. A Venezuela é um dos países da América Latina menos afetados por esta praga. Por esta e outras razões, meu horizonte ou raio de visão é muito limitado. Por causa da COVID-19 estou confinado ao estreito terreno físico e mental de uma paróquia urbana, envelhecida e empobrecida, onde não há crianças e jovens (vivem fora da região), mas onde predominam adultos idosos, solitários e sem esperanças.

55 Arcebispo Emérito de Cumaná. dipadrons@gmail.com

As perguntas sobre as conseqüências desta pandemia para a vida humana em qualquer de suas dimensões são muitas e continuarão a se multiplicar. O problema é respondê-las.

A partir da perspectiva da educação da fé e, em geral, da perspectiva da reflexão e da ação pastoral, surgem várias questões no presente, assim como enfoques diversos e contrários, mais em relação ao futuro imediato. Não tenho certeza de que nesta área as coisas vão mudar muito. Por idiosincrasia, a tendência em nossa Igreja local é retornar, uma vez passado o teste, para manter os hábitos “como era no princípio”.

Logicamente, e com toda razão, há muitos novos filósofos, sociólogos, pastoralistas e “formadores de opinião” que estão fazendo julgamentos sólidos sobre as mudanças que ocorrerão na vida e na sociedade do pós-evento COVID-19. Eu não vou tão longe. Não vou tão longe. O que é meu é elementar, simples, primário. Coisas conhecidas por todos os catequistas.

A primeira coisa que me vem à mente é que a catequese tem que partir da realidade, da vida deste momento. O que eu sinto e compartilho é o grande sofrimento físico, psicológico e moral de nosso povo. Não apenas por causa da pandemia do COVID-19, mas por causa de outras que estão nos causando danos piores. Nosso governo tem usado a pandemia como pretexto para encobrir sua ineficácia e subjugar o povo, suprimir e silenciar todas as manifestações públicas de descontentamento e protesto. A catequese, portanto, deve ser antes de tudo um exercício

de discernimento espiritual do que o Espírito está dizendo às Igrejas diante de fenômenos naturais, sociopolíticos e morais. A catequese de nossa Igreja local não está acostumada a interpretar os sinais dos tempos.

Por outro lado, recorrendo à memória histórica, a catequese nasceu em tempos de crise e de efervescência religiosa. Sua origem foi a comunidade cristã nascente na qual ocupava um lugar básico, de verdadeira fundação, juntamente com a *didaché*⁵⁶, a fração do pão e a oração, a comunhão de bens (*κοινωνία*). Sem querer ser ingênuo e encontrar uma simetria entre a crise multifatorial, causada pela pandemia, e a crise daquela época (na qual, por sinal, a mortalidade infantil era um fato terrível, por um lado, e os freqüentes casos de crianças abandonadas, por outro, e de menores cujos pais haviam morrido em perseguição religiosa, em circunstâncias em que ainda não era costume batizar as crianças). Penso que esta ampla –para não dizer diluída– referência epocal confirma, de alguma forma, minha intuição de que a vida cristã, em uma fase posterior ao fenômeno natural ainda indecifrável do coronavírus, será marcada pela reminiscência ou nostalgia dos aspectos agradáveis e positivos da vida familiar. Esta atitude antropológico-social poderia criar uma tradição cultural-religiosa que colocaria em prática a convicção teórica de que a educação na fé é, acima de tudo, a tarefa própria e privilegiada da família de fé. A partir daí, pode-se deduzir que a “iniciação à vida cristã”

56 “ensino apostólico” (N. do E.).

ou transmissão da fé, que é um dos grandes desafios para o cristianismo atual, exigiria, pela força mesmo das coisas, que os casais que aspiram ou optam pelo matrimônio cristão fizessem a experiência de sua preparação para o matrimônio cristão como um processo catequético catecumenal, o que não é uma idéia nova, especialmente depois da Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, do Papa Francisco (2016). Em outras palavras, depois do coronavírus, será um desafio procurar e discutir um modelo realista e amplamente aceito de iniciação à vida cristã. Mas, como eu disse antes, é uma característica da catequese sobreviver em meio e acima da crise numa atitude de explorar novas possibilidades.

Outro elemento que prevejo que poderá permanecer no futuro é a poderosa influência da cultura digital no modelo educacional e, em particular, na educação da fé. A participação dos fiéis na catequese estará em relação proporcional ao uso eficiente dos canais e redes de comunicação. Isto obrigará a catequese a mudar sua linguagem e a fazer um uso mais amplo e apropriado da tecnologia de comunicação.

A catequese experimentará a necessidade de se reinventar, de dar respostas locais concretas às questões apresentadas aos que crêem sobre sua fé e sua esperança (cf. 1Pd 3,15b-16).

A questão sugerida para discussão neste livro é mais em caráter de reflexão do que de apresentação de fórmulas ou receitas prontas. Serão o tempo e as experiências das famílias, condicionadas a viver em novas coordenadas culturais, que irão descobrindo novos caminhos para a “iniciação à vida cristã”. Intuo que a família será sujeito de um protagonismo

inesperado, tanto na dinâmica sócio-econômica quanto na esfera cultural-ético-religiosa. É possível que a gestão econômica da família determine um novo modelo econômico social. Mas isto pode não ser mais do que uma elocubração mental. O que, talvez, seja certo é que, após o coronavírus, a vida e a cultura terão acentuações diferentes das de hoje e, naturalmente, a dimensão religiosa-espiritual do ser humano e da sociedade serão diferentes das nossas.

O que podemos manter da catequese atual?

- A convicção de que a “iniciação à vida cristã” é cada vez mais urgente, dada a profunda experiência de secularização.
- Os traços marcantes da dimensão comunitária da catequese, para enfrentar a privatização da espiritualidade e do mercado religioso global.
- A espiritualidade cristã terá que ser cada vez melhor delineada, para que não seja confundida com um espiritualismo cósmico e esotérico de natureza psicológica e de vagos contornos ético-morais.
- Será mais necessária ter uma catequese que destaque a centralidade da Palavra de Deus do Evangelho *sine glossa*⁵⁷.

57 Isto é, “radicalmente” (N. do E.).

O coronavírus e o futuro desconhecido

Héctor Salvador Pancaldo⁵⁸
Valência, Espanha

Viver num mundo com um vírus... viver, conviver com o coronavírus, que dito desta forma não assusta muito, porque na realidade vivemos com um abstrato cujos efeitos conhecemos mais do que suas origens. Época de profetas, de avatares e outros anunciadores de desastres, cheios de intrigas que sugerem um poder que está acima de todos os poderes, ao que parece, e que só gera medo, confinamento e morte.

Uma morte em primeiro lugar de nossas certezas. Um luto que faremos constantemente durante um longo período de tempo. Porque nossas “certezas” estavam do lado da razão, da lógica, da causalidade, e agora estamos diante da não-lógica, do não-razoável, da relatividade.

58 Presidente da Delegação Espanhola da Asociación Civil Instituto Siloé. Professor titular do “Instituto Superior del Profesorado Monseñor Raspanti”, Argentina. pancaldohector@gmail.com

Momento de nossa história cheio de perguntas, que se impõem em nossa vida diária, onde o slogan mundial é claro: isolar-se. No confinamento, devemos aprender a redimensionar nossa existência, nossa maneira de nos relacionar, de produzir, de nos expressar, de transcender e de ficar doente.

Quem disse que se trata apenas de uma pandemia não ousa viver com a interrogação, com a pergunta constante, com o vazio dos espaços comuns, porque anseia excessivamente pela segurança de uma certeza ilusória, um produto de magia e não de milagres.

Crescemos com a possibilidade de prever, de antecipar, de prevenir e de prejudicar... porque parece que isso acabou. Teremos que aprender a viver em um presente contínuo, que só se manifesta ali, no constante, e que não conhecemos que tipo de futuro produzirá.

A quantidade de leituras, reflexões, nomes próprios, miscelâneas científicas e outras coisas que neste momento nos invadem são material suficiente para abandonar a busca e permanecer submissos às palavras de tantos. O fato é que, além de estarmos isolados, temos que ficar em silêncio porque parece que alguém sabe mais, tem a melhor informação, conhece em primeira mão as causas do que estamos vivenciando e que está provocando tanta dor.

De todas as crises que esperávamos, esta parece que não estava na lista; na verdade, é tremendamente traumática. Por isso, como não estava na lista do esperado, não tivemos tempo de nos preparar, de seguir em frente com nossas

estratégias, entrou em nossas vidas, sem mais, nem menos, e criou uma quantidade infinita de sofrimentos, e causou muito abandono.

Se a certeza se quebra por um vírus, algo tão pequeno com tanto poder, algo tão invisível, que domina nossa existência, talvez devêssemos incorporar o “talvez” como uma forma de viver e educar.

É claro que aqueles que mais abraçaram o dogma (e não apenas na fé) são os que mais sofrem neste momento. Uma ferida está sendo causada no mais narcisista de nossa existência, o saber-nos a partir do OUTRO. Porque agora somos obrigados a olhar para dentro, a aprender de nós mesmos.

As vicissitudes da Igreja aparecem na primeira pessoa, ao lado das crises institucionais que são vividas em todos os lugares. Parece que a Igreja é a que mais tem que sofrer as consequências deste vazio, pois está claro que um de seus efeitos imediatos será a solidão, o vazio. O fato é que, em grande parte do mundo, a Igreja semeou este vazio, porque não concedeu o lugar que corresponde a todos os membros do Povo de Deus. Parece que ela privilegiou apenas o lugar dos presbíteros, dos religiosos, dos consagrados, e assim ela permanece, preenchida pelo vazio dos clérigos, daqueles que têm a última palavra, daqueles que definem a verdade e nos dizem como viver. O resto do povo já conhecia seu lugar e, silenciosamente, está tomando posse de seu espaço diante de Deus, um Deus que nada lhes indica, que nada lhes ensina, que nada lhes pede, que nada precisa... que só

quer estar conosco para nos encorajar, nos dar força e nos mostrar um horizonte de sentido, para nossa existência.

O povo está vivendo a fé como deseja, com o que tem à sua disposição, e dando a Deus o nome e a forma que deseja. Embora alguns estejam sendo espectadores de uma fé celebrada fora de sua realidade (porque a Eucaristia foi deixada de fora de sua realidade próxima), eles sabem que o Deus com quem vão falar mais tarde ou durante o dia eles celebram com o que são, com o que fazem e com o que precisam. Deus se faz presente em cada um de uma forma original e sem esperar resultados.

No decorrer de minha experiência de trabalho psicopedagógico e pastoral com os extremamente marginalizados, aprendi que eles se adiantaram a esses tempos teológicos, porque me ensinaram a acreditar no Deus que eles querem. Porque acreditam, porque querem, porque desejam... e com um respeito raramente visto, dão ao seu Deus o lugar mais importante, o do amigo que não condena, porque não julga, aquele que cura, dá, sem esperar nada em troca. Nunca vi uma fé mais genuína. Nunca vi corações tão generosos, porque se há uma coisa que um “marginal” tem, é que ele não teme a verdade do que é e do que vive. Aí reside sua força e coragem para poder sobreviver como eles sobrevivem. A partir de nossos paradigmas podemos inferir o erro de suas escolhas, mas não é o que aprenderam a ver, muito menos a viver.

São eles que me obrigam a dizer estas palavras. Está chegando um momento em que a catequese, a pastoral,

será realizada somente na partilha da experiência de uma resposta, que não é o mesmo que a resposta a uma experiência. No primeiro caso, na experiência de uma resposta, nós compartilhamos o processo, o caminho que tomamos para chegar a uma possível resposta, o que nos incentivará a outras perguntas e assim por diante. No segundo caso, na resposta a uma experiência, tentamos dar um nome a ela, a partir de uma lógica epistêmica estranha a nós mesmos, a uma vivência, a uma situação. E aqui é onde se apresenta a novidade: ao outro não interessam nossos “nomes”, nossas “denominações” da experiência que vive, mas sim quer dar-lhe um nome próprio, chamá-la como quiser, dizer-se na experiência como quiser.

Tudo isto, claramente, é vivido como uma ameaça nas Instituições. Com que direito o povo dá um nome ao que vive? Quem lhe deu permissão para construir seus conhecimentos de experiência a partir de sua própria denominação? Como se atrevem a dizer como querem o que vivem? Em resumo, muito escândalo e ranger de dentes, pela loucura que não tem nome, e que só a partir da fé ganha sentido e se torna viva. “Ele não está aqui, ele ressuscitou” (Lc 24,6).

É hora de acompanhar o encontro na vida diária daquilo que em nossas vidas se torna um sacramento eficaz da graça, da presença de Deus. É hora de fortalecer a liberdade de quem quer crer e de anunciar nossa fé como uma proposta. É hora de uma evangelização que não coloque nomes, mas que nos convida a compartilhar a solidão da experiência, no melhor dos casos feita em comunidade. É hora de viver

a dimensão do Corpo Místico da Igreja, onde todos os seus membros são importantes e onde, se alguém cresce, todos crescem com ele. Porque o Espírito Santo anima este corpo, não o abandona e quer que o Pai que nos ofertou Jesus cuide dele, o ajude a crescer e a viver com dignidade. Uma dimensão missionária não compreendida por aqueles que só querem doutrinar ou sacramentalizar. Uma missiologia que é construída aos pés da cruz onde nada era claro, tudo era loucura, e de onde surgimos como povo que se torna expressão da esperança de uma vida que não pode ser vencida pela morte.

Temos que animar à Esperança. A esperar na ação de Deus entre seu povo como a de um Pai que não abandona seu Filho e que o celebra toda vez que o encontra. Incentivemos nossa gente a ver como uma possibilidade a alegria de um Deus diário que frequenta nossas cozinhas, nossas misérias, e que se senta à mesa e nos serve da melhor maneira possível essa presença.

Desafios pastorais e catequéticos diante da pandemia

Elder Pineda Cabrera, Pe.⁵⁹
Chiquimula, Guatemala

O Senhor nos desafia e, em meio à nossa tempestade, nos convida a despertar e ativar essa solidariedade e esperança capazes de dar solidez, contenção e significado a essas horas em que tudo parece naufragar. O Senhor acorda para despertar e animar nossa fé pascal. Temos uma âncora: em sua cruz fomos salvos. Temos um leme: em sua cruz fomos resgatados. Temos uma esperança: em sua cruz fomos curados e abraçados para que ninguém e nada nos possa separar de seu amor redentor⁶⁰.

Com a pandemia da COVID-19, a Igreja na Guatemala e na América Latina é pastoralmente chamada a ser um “hospital de campanha”, um “hospital de misericórdia”, como o próprio Papa Francisco nos tem dito. A Igreja não deve permanecer em isolamento, mas cruzar todas as fronteiras

59 Secretário Executivo da Seção de Catequese, Conferência Episcopal da Guatemala. elder20@outlook.com

60 FRANCISCO PP., Bendición Extraordinaria Urbi et Orbi, 27/03/2020.

para ajudar as pessoas que são afetadas física, mental, social e espiritualmente, especialmente as mais fracas.

A Igreja deve oferecer os serviços de saúde, sociais e de caridade que sempre ofereceu. Mas, como um bom hospital, deve cumprir outras tarefas, tais como desenvolver um papel de diagnóstico para identificar os “novos sinais dos tempos”, bem como desenvolver um papel preventivo para criar um “sistema imunológico” contra os vírus sociais malignos do medo, do ódio, da pobreza, do populismo ou do falso nacionalismo, e desempenhar um papel de ajuda na convalescença, para superar os traumas mais negativos do passado (como os conflitos armados, a guerra fria), através do perdão e da misericórdia.

Por outro lado, a situação mundial em que vivemos por causa da COVID-19 nos leva a repensar muitas formas de comportamento na ordem mundial em todos os níveis, inclusive o que diz respeito à experiência e à proposta de fé, como é a catequese.

Esta pandemia, este confinamento, este isolamento social, nos desafiam a não voltar “ao normal”, mas a criar um novo futuro com novos paradigmas de relações pessoais e comunitárias e com nossa casa comum. Não se trata de inventar qualquer paradigma, mas aqueles que respondem a necessidades concretas, aqueles que permitem manter a dignidade e a integridade da pessoa em seu relacionamento consigo mesmo, com os outros, com Deus e com a criação.

A catequese é uma educação na fé de crianças, jovens e adultos, que inclui especialmente um ensino da doutrina

cristã, geralmente dado de forma orgânica e sistemática com o objetivo de iniciá-los na plenitude da vida cristã⁶¹.

Sim, mas também a catequese é uma experiência pessoal e compartilhada, de relacionamento, que se realiza como um encontro e se alimenta dele; é parte da vida e volta à vida. Entretanto, o distanciamento social que será necessário para manter-nos separados fisicamente, nos dizima em nossa capacidade de nos encontrarmos e continuarmos a fazer catequese como aprendemos até agora, embora também nos abra novas oportunidades de compartilhamento. Teremos sempre riscos, mas devemos aceitar que esta será uma realidade da qual já estamos aprendendo. Pouco a pouco teremos que mudar a maneira de fazer catequese, sempre intensivas, alcançando as elites e as massas para alcançar uma fé lúcida e comprometida, mas através de grupos menores; será necessário envolver as famílias, a comunidade cristã e o uso das diversas plataformas virtuais, assim como o rádio, a televisão e outros recursos didáticos e espirituais.

Por outro lado, é necessário levar em conta e estar atento ao fato de que o uso de mídias digitais não garante nem a comunicação e nem a comunidade. De fato, a hipercomunicação, uma conseqüência da digitalização, nos permite estarmos cada vez mais interconectados, mas a interconexão não traz consigo maior vinculação ou maior proximidade. Apesar da hipercomunicação digital, a solidão

61 JOÃO PAULO II, *Catechesi Tradendae*, Exhortación Apostólica sobre la catequesis, 1979, 18. A partir de agora: CT.

e o isolamento estão aumentando em nossa sociedade. Hoje em dia, prevalece a comunicação sem comunidade. E nosso desafio é inventar novas formas de ação que vão além do ego, do desejo e do consumo, para crescer em comunidade.

É importante que, neste contexto de mudança parcial ou total da COVID-19, a formação e atualização dos catequistas continue a ser fortalecida, para que eles possam perceber que nem tudo desmoronou, que não há saída para esta situação que não é um castigo de Deus; mas que, sem medo, vemos esta realidade como um desafio, uma oportunidade para construirmos juntos uma comunidade, para renovarmos nossa vocação, para crescermos em nossa percepção de Deus e para atualizarmos nossas formas de fazer catequese. É hora de reparar as redes para a pesca porque o Senhor nos envia para lançá-las novamente, porque a missão continua e a Igreja prepara uma nova saída.

Catequese em tempos de pandemia. Algumas intuições

José Luis Quijano, Pe.⁶²
Buenos Aires, Argentina

1. A questão sobre Deus

A questão de Deus emerge repetidamente nestes dias. Se apresenta inevitável, em um mundo que há muito vem tentando, em grande medida, prescindir d'Ele. Ignorando a paternidade de seu Criador, a humanidade tentou testar uma ilusória e falsa onipotência. Diante de tal cenário, estamos testemunhando, neste particular ano de 2020, uma crise sem precedentes para a qual os cientistas e os países mais poderosos ainda não foram capazes de encontrar uma solução. A crise desnuda e expôs a fragilidade humana. Não há algum tipo de poder que esteja isento da pandemia: ricos e pobres, membros da nobreza, chefes de Estado e cidadãos comuns, todos adoecem, jovens e velhos, doutos e simples,

62 Especialista em Catequese do CELAM.
cotequijano@fibertel.com.ar

famosos e desconhecidos... A condição humana limitada e contingente nos torna a todos iguais.

Onde está Deus neste momento? Se Deus existe, por que Ele permanece em silêncio, ausente e inativo diante de tanta dor? Na desproporção entre a ilusão e a realidade esmagadora, estas questões nascem em alguns. Nelas podemos ler uma negação agnóstica implícita, que se fortalece na crise e encontra ali sua razão de ser. Em sentido contrário, elas também podem ser expressão de uma busca sincera, que leva ao encontro com Deus e ao fortalecimento da fé nos momentos mais exigentes da vida. Para alguns fiéis, o Deus da pandemia é o do Juízo Final: as consciências escrupulosas se debatem entre culpas, os apocalípticos finais e o triste desconhecimento da misericórdia de Deus. As diferentes experiências religiosas que marcaram nossas vidas são as matrizes que compõem nossa experiência religiosa atual: aceitamos confiantes ao Senhor ou O negamos, nós O buscamos na certeza de Sua presença em nosso deserto ou O culpamos por nossa dor, oferecemos a Ele nossa fragilidade ou acreditamos que todas as soluções estão em nossas mãos... É válido que os agentes de pastoral, em geral, e os catequistas, em particular, nos perguntemos: que concepção de Deus temos apresentado? O que temos testemunhado? Por que muitas pessoas hoje, em meio à pandemia, não querem ou não conseguem encontrar o Pai providente que cura, protege e consola?

2. Uma peregrinação em direção à interioridade

Cada alma, cada vida humana, busca sua própria maneira muito pessoal de estar em comunhão com Deus. Sob a forma da descrença, da oposição ou da entrega confiante, cada um vive sua relação com Ele como pode. Neste amplo arco de possibilidades, a indiferença religiosa, tão comum nas sociedades ocidentais de hoje, parece ocupar um lugar menor e menos significativo no meio da crise. Assim o demonstra, por exemplo, o fluxo de crentes (praticantes habituais e não tão habituais) que se encontram diante de diferentes telas para participar das diversas propostas religiosas que oferecemos através da internet. Quando não estamos em crise, quando a rotina diária nos coloca em lugares mais familiares e seguros, permanecemos mais na superfície de nós mesmos, de nossos vínculos e de nossa relação com Deus. Navegamos em águas calmas e podemos até mesmo viver como se não precisássemos tanto d'Ele. Quando os ventos são fortes, voltamo-nos para Ele e somos capazes das mais sinceras, espontâneas e profundas orações (cf. Mc 4,35-40). É nestas ocasiões que, mesmo quando não estamos acostumados a rezar, nos despojamos do desnecessário para entrar no eremitério do nosso interior.

Nas crianças, a interioridade está mais à flor da pele. Por esta razão, muitas vezes nos surpreendemos com a profundidade espontânea com que elas enfrentam os grandes fatos da vida e da morte. As crianças não estão menos feridas do que os adultos, mas elas são capazes, espontânea e naturalmente, de vinculá-los ao transcendente. Muitos de

nós conhecemos, certamente, histórias para verificar o que estamos dizendo. Lembro-me, por exemplo, das imagens que foram recentemente divulgadas pela imprensa em todo o mundo: uma criança emocionada abraçando o Papa, perguntando-lhe ao ouvido sobre o destino de seu pai: um homem que havia morrido recentemente e que havia dito que não tinha fé. Com um tocante senso de transcendência, o menino estava reconhecendo em Francisco o Vigário de Cristo. E ele lhe dirigiu sua profunda pergunta, confiando em sua misericórdia. Nestes tempos de pandemia, pode ser mais fácil para os adultos nos tornarmos como crianças, peregrinar confiantemente até a nossa própria interioridade e encontrarmos ali Deus Pai.

Antes de pensar sobre os conteúdos, a pedagogia e os recursos de um itinerário catequético em tempos de pandemia, nós, os catequistas, somos chamados mais uma vez a tirar nossas sandálias diante do solo sagrado de cada um de nossos interlocutores. A fidelidade ao sujeito, tantas vezes valorizada e pregada, é hoje, como sempre, o critério da catequese e a atitude do catequista que nos ajudam a nos colocarmos diante da verdade de cada um. Quando a interioridade é mais espontânea à flor da pele, a terra onde a semente do Verbo cai pode produzir frutos ao cem por um (cf. Lc 8,8). Esta crise, vivida como uma oportunidade, nos convida a pensar, renovar e fortalecer os canais para cultivar uma espiritualidade de interioridade, através da catequese.

3. Primeiro a caridade, depois a catequese

Tanto antes, como agora, em meio à pandemia, as pessoas frequentam nossos grupos de catequese tendo percorrido caminhos muito diferentes e em situações de fé muito diversas. Em nossa missão como companheiros de caminhada, nós catequistas sabemos que somos chamados a identificar estas situações e a não tomar por garantida uma fé que, talvez, ainda não tenha sido despertada. Alguns são simplesmente simpatizantes e vêm até nós em uma busca que ainda não foi suficientemente elaborada. Outros já receberam um Primeiro Anúncio que os colocou na dinâmica de uma conversão inicial e, por esse motivo, desejam a catequese. Eles querem conhecer melhor Jesus e crescer numa fé que ainda está incipiente.

Em cada uma das várias situações que poderíamos enumerar há uma primeira condição: o testemunho de caridade e comunhão da comunidade que os recebe. É precisamente este amor vivido que atrai. É o testemunho que as primeiras comunidades cristãs deram e que fez muitos exclamarem: “Veja como se amam!” Depois haverá tempo para tudo mais: o momento certo para propor o *kerygma*, o planejamento de itinerários catequéticos para a vida cristã, os sacramentos, a incorporação na comunidade e na missão, a formação permanente... Antes, sempre antes, a caridade e a comunhão de uma comunidade de fé.

Este “prólogo” de toda catequese adquire uma maior densidade em tempos de pandemia. A pobreza e o desemprego batem às portas até mesmo dos países mais poderosos. Em

algumas partes da América Latina, esta pobreza atinge níveis de dolorosa indigência. Incerteza, doença e morte nos revelam a imperiosa necessidade que temos de um Deus providente e do próximo fraterno. A mensagem do Cristo pobre e de uma Igreja pobre deve ser hoje, mais do que nunca, não apenas um anúncio explícito na boca dos catequistas, mas fundamentalmente uma proclamação silenciosa da Palavra de Deus na vida de toda a comunidade de fé.

4. Pelos caminhos das redes e de outros recursos digitais

Na contingência produzida pela COVID-19, a Igreja em saída se colocou criativamente em movimento e saiu em missão, muito mais do que antes, através dos caminhos das redes sociais e outros recursos digitais. Esta verdadeira explosão de engenhosidade pastoral pode nos levar a pensar que estes meios eletrônicos são hoje os protagonistas das práticas de catequese que estamos realizando. Este julgamento falacioso vem de uma espécie de fascínio. Não é a primeira vez que isso acontece. Em outros tempos, por exemplo, no esplendor da psicologia social, as técnicas ou dinâmicas de grupo exerceram o mesmo fascínio.

Como bem sabemos, na catequese os recursos de qualquer tipo estão sempre a serviço do anúncio, do processo, da pedagogia catequética, dos interlocutores da Mensagem e do catequista. Mesmo se um recurso novo e atraente for utilizado, se não for pertinente a uma destas dimensões,

seu uso poderia distorcer e desnaturar um encontro de catequese. Nestes tempos de confinamento em que o presencial não é possível, podemos cair no erro de acreditar que os recursos digitais têm um papel fundamental e que, em sua seleção e descoberta, está garantida a fecundidade e eficácia de nossa prática. Podemos até chegar a pensar que a veiculação de um conteúdo religioso através de um determinado recurso digital, contornando ilicitamente a identidade da pedagogia catequética, é a melhor catequese que podemos realizar nestes tempos. Pelo contrário, os recursos não resolvem a catequese, eles simplesmente a favorecem se forem adequadamente selecionados. Na complementaridade entre o essencial e o acidental, eles são colocados na esfera do acidental.

5. Ir até o coração do Mistério

Não estávamos preparados para realizar uma “catequese a distância”. Nesta área, como em tantas outras, a pandemia nos surpreendeu e nos encontrou sem elementos suficientes. Como às vezes acontece diante de novos desafios que não foram suficientemente refletidos, passamos de um extremo ao outro. Pude intuir, através da simples observação de algumas práticas, que a catequese em tempos de pandemia não está alheia a esta indeterminação. Algumas propostas revelam uma maior vinculação da catequese à escolarização, ainda maior do que a já conhecida, que deveria ser superada antes do pandêmico. No outro pólo, por outro lado, há propostas

que estão vazias de conteúdo, focalizadas, sobretudo, na atração dos recursos.

Não é uma questão de dar muitos ou poucos conteúdos. Não é uma questão de transmitir uma difusa vivência ou de intelectualizar a Mensagem. Se realmente buscamos alcançar o coração do Mistério, “o anúncio se concentra no essencial, que é o mais belo, o maior, o mais atraente e ao mesmo tempo o mais necessário. A proposta se simplifica, sem perder profundidade e verdade...”⁶³. O grande tema que nunca pode faltar é o *kerygma* ou Primeiro Anúncio. “É o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio principal, aquele que deve ser sempre ouvido novamente de maneiras diferentes e aquele que deve ser sempre anunciado novamente de uma maneira ou de outra”⁶⁴.

63 EG 35.

64 EG 164.

“Ninguém nasce cristão, mas se torna cristão”

Marcial Riveros Tito⁶⁵

La Paz, Bolívia

Três, dois, um e a pandemia começou, e com ela o confinamento. É uma boa ou má hora? Há leituras diferentes, mas vimos que houve um reencontro com a família e do homem com a natureza. Outros sustentam que este é um momento negativo porque traz à tona o pior dos seres humanos.

Do ponto de vista da catequese, é necessário especificar e fazer referência às diferentes formas; como a catequese do Papa, a catequese quaresmal... mas “uma forma eminente de catequese é aquela que prepara para os Sacramentos, e toda catequese leva necessariamente aos Sacramentos da fé”⁶⁶. Para esta reflexão, nos referimos especificamente à catequese dos Sacramentos da Iniciação à Vida Cristã, identificando estas três constantes durante esta emergência sanitária:

65 Responsável de Biblia-Catequesis da Área de Evangelização da Conferência Episcopal Boliviana. laicram@gmail.com

66 CT 23.

- Foi a etapa da “grande avaliação”, na qual tudo o que foi assimilado é posto em prática. Não é o catequista que guia o catecúmeno (criança, jovem e adulto), mas, ao contrário, ao catecúmeno compete a decisão, a opção e a identidade cristã de buscar os meios para encontrar o Senhor.
- Ela também revelou diferentes constantes, como a necessidade da fé, da esperança e a real precariedade da catequese com adultos.
- Foi identificado um acompanhamento com características muito diversas, desde mensagens, programas de rádio e até programas de televisão, porém com mais ênfase nas redes sociais.

Três eixos a considerar

Dentro deste cenário, é necessário repensar como educar na fé crianças, jovens e adultos para a Iniciação à Vida Cristã com todas as medidas pós-quarentena, os impactos sócio-culturais e viver com esta pandemia até uma solução efetiva. Portanto, apresentamos três eixos a serem considerados

1. Teologia da fé

Em meio a esta emergência, surgem dilemas do tipo “salvar vidas ou salvar a economia”, acompanhados por um conjunto de esperanças, ilusões nas quais somente a fé pode triunfar, mas não uma fé qualquer. Uma fé em Deus, que crê: Deus

sempre quer a vida, nunca a morte; isto mostra a importância de agir pastoralmente de acordo com a teologia da fé.

A fé, como dom de Deus, deve ser devidamente compreendida. Afirma-se que se trata de um dom porque se reconhece que é Deus quem toma a iniciativa. É ele quem sai ao encontro do ser humano e o procura. E, portanto, é um dom destinado a todos. A fé é um dom não no sentido de que é dada a uns e negada a outros, mas no sentido de que é baseada na gratuidade de Deus, que quer se comunicar mesmo em meio a esta emergência sanitária.

A fé é um dom de Deus e uma resposta livre, mas não é um ato isolado. A fé é um ato eclesial. Assim como ninguém pode viver sozinho, ninguém pode crer sozinho. Ninguém deu a si mesmo a fé, ele precisa de uma tradição de vida. O crente recebe a fé de outro, da Igreja e, por sua vez, como membro da Igreja, ele deve transmiti-la a outros.

Portanto, é necessário identificar os métodos apropriados para a transmissão da fé, pois a fé autêntica não é acomodada, nem individualista; implica sempre um profundo desejo de mudar o mundo, de transmitir valores, de deixar algo melhor após nossa passagem pela terra. Por esta razão, todos os cristãos são chamados a se preocuparem e se comprometerem com a construção de um mundo melhor. E a formação para isso é uma tarefa irrenunciável para a iniciação à fé no momento da catequese. Por estas razões, quando são escolhidos métodos que não respeitam sua heurística fundamental ou quando ela é expressa omitindo

ou forçando, de qualquer forma, alguns de seus elementos essenciais, é necessário retomar a teologia da fé.

2. Identidade cristã

Dentro da atual pandemia e pós-quarentena a grande opção são os meios telemáticos, onde os catecúmenos encontram uma grande variedade de formação cristã, desde os melhores até os necessários. Mas agora, o ponto que temos que fortalecer nesta conjuntura é a identidade cristã. Dentre toda a diversidade que encontramos nas redes sociais, é necessário acentuar a identidade paroquial, promovendo uma linha ministerial e de serviço, fazendo parte da Igreja e identificando-se com/em uma comunidade.

Tudo isso nos lembra novamente da importância de assumir pedagogicamente a expressão de Tertuliano: “Ninguém nasce cristão, mas se torna cristão”. Durante o período da Cristandade havia o risco de esquecer este princípio quando as pessoas entravam na Igreja ao nascer, de uma forma quase que automática, ou como atualmente muitos se denominam católicos, mas na prática não o são; ou quando dizem ser cristãos, mas não participam de sua paróquia e, em muitos casos, só seguem as celebrações à distância, através dos meios de comunicação. E embora o batismo de crianças continue sendo a prática mais comum entre nós, a catequese nos encoraja a acompanhar pessoas de todas as idades para fazer uma opção fundamental e consciente pela fé cristã. Do contrário, o caminho da fé se limita a uma filiação formal à Igreja e leva a uma religiosidade difusa. Por isso, dentro desta emergência, é uma verdadeira

oportunidade redescobrir como a fé nasce de uma resposta livre e pessoal à Palavra de Deus, quando ela toca o coração humano. Isto nos mostra que, para que o cristianismo tenha sentido e credibilidade, não basta ter um ensino à distância; é necessário ser um crente por opção, com uma identidade cristã e pertença eclesial a uma comunidade.

3. Itinerários de formação de fé

Se entendermos que fechar os templos não significa privar os fiéis do fruto do encontro com o Senhor Jesus Cristo e, mais ainda, dos frutos da Eucaristia, isso deve nos motivar a buscar, aprender a valorizar e encorajar diferentes formas de encontro com o Senhor. Isso não significa que depois desta quarentena devemos correr e apressar as crianças, jovens e adultos até a conclusão deste ano. Isso seria um pensamento escolar. Pelo contrário, é uma ocasião para iniciar processos, itinerários formativos de fé, encontros de acompanhamento, que procuram superar o esquema escolar de cursos e aulas de catequese doutriniais e informativas, dando lugar a processos de acompanhamento de inspiração catecumenal⁶⁷, que são integrais, diversos e flexíveis, indo além da ideia escolar que tem que “concluir Anualmente”. Também não significa entrar na lógica das perguntas e respostas como era antes no catecismo, mas o conduzir a celebrar a fé: o que acredito, celebro, o que celebro, vivo; e o que vivo, rezo, louvo.

67 DGC 90.

Espero que esta reflexão não nos leve ao pessimismo ou à depressão, mas ao otimismo e à esperança; que se torne um estímulo ao reencantamento pastoral, que nos leve a repensar nossa maneira de realizar e desenvolver a Iniciação à Vida Cristã, levando em conta que o “Cristão se faz, não nasce”, baseado numa teologia da fé, com uma identidade paroquial cristã, acompanhada de itinerários formativos adequados.

Uma catequese melhor, com certeza!

Mario Segura Bonilla, Pe.⁶⁸

San José, Costa Rica

Durante décadas, entre os maiores desafios que são vividos na catequese paroquial estão, por um lado: o acompanhamento que os pais ou os responsáveis das famílias das crianças se comprometem a fazer com os catequizandos; por outro lado, o dos jovens com sua livre opção de participar da catequese e engajarem na missão; e, finalmente, o de um grande número de adultos que enxergam a catequese como um simples requisito ou compromisso pelo qual estão passando.

A crise sanitária causada pela atual pandemia do Coronavírus diminuiu profundamente estes desafios, convertendo-os numa oportunidade para aqueles que realmente estiverem interessados. Embora isto seja pouco na educação da vida de fé, pois ou ela é deixada de lado, revelando o desinteresse por esta educação realizada por mera tradição ou costume ou é assumida paulatinamente de modo responsável.

68 Diretor do Centro Nacional de Catequesis (CENACAT) da Conferência Episcopal da Costa Rica. fiatmsegura@gmail.com

Graças à crise, a catequese hoje tem a oportunidade de ter batizados que estão assumindo a importância de serem educados na fé. De fato, aqueles que estão encarregados do processo de formação das crianças tiveram que se comprometer a oferecer-lhes um acompanhamento na fé. Os jovens, por sua vez, tiveram que escolher livremente se querem ou não aprofundar e assumir sua educação na fé. Por sua vez, os adultos poderão ir além da simples exigência e repensar o propósito da busca de um sacramento, até porque nós, que estamos a serviço da catequese, sabemos que ela é para a Vida, para alcançar a Vida em abundância (cf. Jo 10,10). Resta, portanto, passar de uma catequese sacramentalista para uma catequese evangelizadora, que tem como objetivo o encontro com a pessoa de Jesus de Nazaré e seu seguimento.

É necessário lembrar que

a ação evangelizadora procura fomentar a comunhão com Jesus Cristo. A partir da conversão inicial de uma pessoa ao Senhor, impulsionada pelo Espírito Santo através do primeiro anúncio, a catequese visa fornecer um fundamento e levar esta primeira adesão à maturidade⁶⁹.

Um segundo aspecto que denota o confinamento que nós, como sociedade, e portanto como Igreja, estamos enfrentando, é que a catequese deve privilegiar a autoformação dos catequistas, ajudando os leigos a amadurecerem em sua vida

69 DGC 80.

de fé; desta forma, os processos catequéticos de educação da fé obterão um futuro promissor. Em nossa experiência, vimos, durante esses meses da pandemia, os espaços físicos para os catequistas se reunirem para sua formação serem fechados. Isto, porém, não diminuiu a sede de conhecer, celebrar, viver e contemplar o mistério de Cristo, e de iniciar-se e educar-se para a vida na comunidade e para a missão; pelo contrário, manifestou-se através da participação nas formações virtuais que têm sido oferecidas por muitos Centros e Institutos de catequese. Nas próprias paróquias, houve uma demanda por parte dos catequistas para continuar sua formação e tirar proveito do “fique em casa”.

Há uma consciência de que uma boa catequese tem como base a formação de seus catequistas, a oferta de um itinerário formativo integral através da tecnologia, fazendo uso adequado dos meios de comunicação social; e, do uso de material impresso, que pode ser disponibilizado aos catequistas de lugares mais afastados e, por sua vez, com a modalidade à distância, proporcionando um acompanhamento que ajuda a garantir uma melhor autoformação e aproveitamento dos subsídios com os quais a catequese é oferecida.

O início do novo milênio foi marcado pelo novo mundo do ciberespaço. No pontificado de São João Paulo II, de Bento XVI e de Francisco, cada um deles nos convidaram a usar o potencial que este mundo representa. Estamos conscientes de que os avanços tecnológicos abriram um novo continente para toda a humanidade, chamado por alguns estudiosos

da engenharia de sistemas de “sexto continente”; é um lugar onde a informação pode ser amplamente acessada e é também um “lugar” de interação. A situação que estamos vivendo de pandemia levou muitos catequistas, que não se atreviam a explorar este universo, a integrar-se nele. Alguns até acreditavam que não seriam capazes de dar um passo neste mundo, mas hoje, depois de meses de isolamento, iniciaram um processo de aprendizado “obrigado”, têm se formado e até oferecem catequese de forma virtual, dando vida a possíveis comunidades nas quais, apesar da distância, o encontro e a proximidade de compartilhar o Evangelho de Jesus Cristo é vivido.

Outro aspecto que deve ser valorizado, repensado e aproveitado, e que se tornou evidente ao enfrentar esta nova forma de propor a catequese, é a catequese social, que foi enfatizada pelo Papa Bento XVI em seu discurso inaugural em Aparecida, Brasil:

Neste esforço para conhecer a mensagem de Cristo e fazer dela guia da própria vida, devemos lembrar que a evangelização sempre esteve ligada à promoção humana e à autêntica libertação cristã. (...) Pela mesma razão também será necessário ter uma catequese social e uma formação adequada na doutrina social da Igreja... A vida cristã se expressa não apenas nas virtudes pessoais, mas também nas virtudes sociais e políticas⁷⁰.

70 DAp, Discurso Inaugural.

A crise econômica que a pandemia gerou no mundo inteiro, em muitos casos, trouxe à tona a capacidade solidária dos seres humanos, e o valor que as pessoas têm, e não as coisas materiais. Toda catequese conduz a um compromisso, a uma resposta de fé que se transforma em ação, obras que mostram fé (cf. Tg 2,18). A conscientização na catequese social faz do catequizando um cristão mais solidário, que ousa buscar não apenas sua própria felicidade, mas que é capaz de olhar para seu irmão ou irmã de maneira diferente e acompanhá-lo nas situações de sofrimento, angústia ou dor que está vivendo, de modo a poder compartilhar suas alegrias e sorrisos com eles.

Um compromisso que me educou para por minhas “mãos à obra”, e ser um fiel disposto a fazer coisas que eu não sabia fazer ou não queria fazer, estando consciente das necessidades dos outros, lembrando que a catequese é para a vida, portanto, estar atento às mudanças, ao “novo normal” da vida.

Em outras palavras, surgiu a necessidade prioritária de assumir uma catequese social que parta da gratuidade, da ternura e do serviço, como nos aponta o Papa Francisco, sendo capaz de curvar-se diante do irmão que pode ser servido lavando seus pés, dignificando o outro sem acreditar que servir é humilhante. Sem esperar nada em troca, oferecendo-se nas coisas mais simples e comuns. Indo ao essencial, porque fomos capazes de perceber como a vida é frágil, como nós seres humanos somos vulneráveis quando confrontados com um inimigo que é microscópico. Tudo

isso nos leva a aprender dia após dia que nossa vida, para ser educada na fé, deve ser deixada a Deus, abandonada em Suas mãos.

Uma intuição inoportuna sobre a catequese durante este confinamento

José María Siciliani Barraza⁷¹
Bogotá, Colômbia

Quero compartilhar com todos aqueles que estão comprometidos com a educação cristã, especialmente com aqueles que estão preocupados em iniciar homens, mulheres e crianças na vida de Cristo através de uma experiência comunitária. E para compartilhar esta intuição, quero falar por experiência própria, e não por livros e elocubrações.

Como dar continuidade à catequese? Como evitar que a Boa Nova de Jesus seja silenciada? O COVID-19 não pode ser mais forte que a ressurreição e a esperança que Cristo semeou em nossos corações com sua Páscoa. *O amor de Cristo nos impele! Ai de mim se eu não evangelizar! Eu tinha fé, por isso falei!* Estas frases paulinas nos estimulam a pensar no que fazer nesta situação sem precedentes e imprevista para que a mensagem de Jesus continue a ressoar.

71 Professor na Universidad de La Salle, de Bogotá, Colômbia. jsiciliani@unisalle.edu.co

Mas qual é essa mensagem? A pandemia parece ter despertado –e com alguma razão– a religiosidade de muitas pessoas. Numa rádio não religiosa, ouvi um jornalista falar de uma pesquisa sobre saúde mental realizada na Colômbia. Seus resultados mostram, entre outras coisas, que muitas pessoas estão agora rezando em casa. As pessoas estão se voltando para Deus. Mas não vamos tão rápido, não sejamos tão ingênuos. Certamente, a ameaça de morte está por perto. E agora sabemos que não são apenas os idosos que estão em maior risco. Todos e todas estamos expostos. Certamente, algumas doenças tornam algumas pessoas mais frágeis ao vírus do que outras, mas, insisto, todos nós estamos expostos.

Portanto, o medo pode estar causando essa necessidade de oração. Mas já faz muito tempo que Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787), em tempos de fome e guerra, nos advertiu na Itália que as conversões motivadas pelo medo não são boas, porque não têm raízes. Eles podem ser, em circunstâncias dramáticas como as de hoje, um primeiro passo, uma fenda que se abre em corações obstinados, distraídos pelo frenesi existencial e produtivo que estávamos vivendo. Esperemos que sejam isso: um primeiro passo que possa mais tarde amadurecer e crescer no amor de Deus, expulsando o medo tão combatido por Jesus: “Não tenham medo, sou eu!” (Jo 6,20).

E é aí que coloco esta intuição catequética: não é nossa imagem de Deus que esta situação ameaçadora está colocando em xeque? Porque muitas pessoas estão culpando

a Deus pelo que está acontecendo, porque muitas pessoas estão dizendo (mesmo alguns cardeais) que isto é um castigo de Deus, porque muitas pessoas estão pensando que isto é algo que nós humanos merecemos, etc. E outras pessoas estão pedindo a Deus coisas estranhas que parecem mais adequadas a uma atitude mágica do que a uma fé purificada pelo contato diário com Jesus Cristo através de seu Evangelho. Algumas pessoas estão pedindo que uma cidade seja abençoada com água benta para livrá-la do vírus; outras estão desapontadas porque, apesar de suas orações à Virgem e a Jesus, seu familiar não conseguiu resistir e morreu.

O que tudo isso nos diz? Que a catequese se encontra numa situação onde a questão de Deus nos exige, discípulos de Jesus, respostas e palavras que consolem, mas o consolo próprio do Espírito Santo. E não há nada de mágico neste, nem é uma resposta fácil e rápida a tantas perguntas que tocam a fé de crentes e não-crentes.

De que Deus podemos falar hoje nesta situação? Que Deus podemos ajudar pessoas atemorizadas a descobrir? Não pode ser outro senão o Deus que nos revela a vida de Jesus.

E o que pude ver durante os dias da Semana Santa e da Páscoa, meditando sobre a paixão e a ressurreição, é que Deus soube tirar a vida da morte. Em nenhum lugar do Evangelho o testemunho de Jesus nos autoriza a pensar que Jesus sentiu prazer em morrer. Pelo contrário, antes do tormento que se aproximava “ele suou gotas de sangue” (Lc 22,24), por causa da imensa angústia que ele vivia, pois

ele amava a vida. Mas seu Pai também não o poupou desse sofrimento. E quando ele foi tentado na cruz por seus inimigos que lhe pediram uma prova (descer da cruz), sua resposta foi o “abandono” nas mãos do Pai. Mas Jesus passou pelos lamentos e gemidos: Pai, “por que me abandonaste?” (Mt 27,46). Essa foi sua última tentação. Por que, quanto a nós, o sofrimento incompreensível o levou a perguntar-se por Deus: onde estás?

Em um momento tão sombrio, Jesus se sentiu abandonado por seu Pai. Mas depois ele se entregou a Ele, confiou-se a Ele. O Pai, que quer que seus filhos tenham vida e a tenham em abundância, não o deixa conhecer a corrupção, lembra-nos o salmo 15. O que a meditação sobre a vida de Jesus nos ensina? Que o Pai acompanhou seu Filho, que nunca o abandonou, a ponto de ressuscitá-lo dos mortos, vitorioso. E aí está a chave –a intuição– mais profunda de nossa fé. Temos que meditar muito sobre isso, temos que olhar para ela (nossos olhos estão fixos em Jesus); temos que contemplá-la calmamente em silêncio.

Só assim podemos pregar um Deus diferente: não um Deus castigador, não um Deus do medo, não um Deus ameaçador; não um Deus mágico que resolve os problemas da vida humana, por causa de seus limites e por causa do pecado e da cegueira que reside no coração humano. Somente assim podemos dizer com profundidade aquelas palavras do místico: Deus escreve certo por linhas tortas. Ele não diz que Deus endireita as linhas; isso é magia, isso

é fantasia de onipotência; isso é falta de realismo, pode ser qualquer coisa, menos sensatez e sabedoria.

Nesta pandemia e suas linhas distorcidas, Deus está escrevendo muitas histórias como as de Jesus na cruz: histórias de coragem e solidariedade –com tantas enfermeiras abnegadas e médicos incansáveis; histórias de ciência com consciência a serviço dos seres humanos –com aqueles que estão estudando o vírus e a possível vacina; histórias de amor e novas relações –com aqueles em suas casas que encontraram a oportunidade de se amar mais e melhor, e assim por diante.

A catequese é um desafio para anunciarmos que este Deus está agindo, encorajando, dirigindo, convertendo e transformando muitas pessoas. Certamente a situação de confinamento nos apresenta um enorme desafio: o que muda quando temos que realizar a catequese e partilhar a experiência de Deus através das redes sociais? Podemos esquecer que os canais pelos quais nos comunicamos –ou seja, as mediações tecnológicas– não são instrumentos neutros? Que eles nos infundem um estilo de vida, uma cultura, valores?

Antes do início da pandemia, por causa de minha formação –mais livresca do que tecnológica– acreditava que a tecnologia nos infundia (impunha) um estilo de vida preciso: o da velocidade e da perda da palavra humana. Hoje, com a experiência diária do uso das redes (*Zoom*, *Hangouts*, etc.), tenho a impressão de que a velocidade não está apenas nem principalmente nos meios, mas no coração

e na mente. Mas esta segunda intuição requer mais reflexão e eu não tenho espaço para fazê-la aqui. Só quero deixar a inquietação, para continuar pensando nisso.

“Eis que estou à porta e bato...”

Fabián Silveira Correa, S.A.C.⁷²

Montevideo, Uruguai

A primeira pandemia global do século XXI, causada pela COVID-19, não é a primeira na história da humanidade. Algumas culturas, através de seus relatos cosmogônicos⁷³, nos contam como a entenderam e “ordenaram”. Após um momento de crise, como o que estamos vivendo, nada será “como antes”; é por isso que cunhamos o termo “novo normal”. O momento presente pode ser considerado como uma oportunidade ou instância para nos repensarmos em relação ao meio ambiente? Podemos nos considerar novamente interdependentes com a natureza? Por que esta pandemia nos afeta especialmente? Por que as pandemias, mesmo as recentes, não ocuparam nossa atenção? Sobre alguns surtos virais quase não falamos mais. Pensemos no

72 Padre Palotino (Sociedade do Apostolado Católico), Secretário Executivo do Departamento de Catequese da Conferência Episcopal do Uruguai. pfabiansac@hotmail.com

73 O livro do Gênesis nos narra a criação até a chegada do Dilúvio (1-11). Ver: *Popol Vuh. Las antiguas historias del Quiché*, México, Fondo de Cultura Económica, 1998.

HIV, no Ébola ou na Dengue. Repetimos a pergunta: por que esta pandemia, e não outras, nos inquieta?

Vamos nos deter em três paradoxos que interpelam nossas culturas e povos: o homem em seu presente e futuro, as religiões e sociedades, a família e a educação na fé. Partilhamos três intuições pessoais assumindo a voz profética do Papa Francisco⁷⁴. A pandemia que estamos atravessando, e as outras de que não falamos mais, pode nos abrir para uma “solidariedade desinteressada”⁷⁵, onde nos reconhecemos vivendo uma “crise antropológica”⁷⁶ e “socioambiental”⁷⁷ que nos permite abrir-nos para “mudar o modelo de desenvolvimento global”⁷⁸ e “redefinir o progresso”⁷⁹.

1. “Solidariedade desinteressada”

A pandemia parecia localizada geograficamente e isso nos tranquilizava. Era um problema de Wuhan, assim como o Ébola era um problema dos africanos. Quando menos esperávamos, o distante bateu à nossa porta e a pandemia

74 FRANCISCO PP., Exhortación apostólica *Evangelii gaudium*, Buenos Aires, Conferencia Episcopal Argentina, 2013; Id., Carta encíclica *Laudato Si'*, Buenos Aires, Conferencia Episcopal Argentina, 2015; Id., Constitución apostólica, *Veritatis gaudium*, Madrid, San Pablo, 2018. Abreviamos EG, LS y VG.

75 EG 58.

76 EG 55.

77 LS 139.

78 VG 3.

79 LS 194.

não era mais algo que acontecia com os outros, mas estava entre nós. O distante se aproximou, afetando-nos. O que preocupava os outros começou a nos atingir. Não estávamos tão separados e isolados como pensávamos estar. Como o vírus chegou até nós, começamos a nos preocupar.

A sociedade uruguaia criou “o fundo coronavírus”. Fundo de solidariedade ou discurso correto do individualismo dominante? Um *influencer* local⁸⁰ reagiu dizendo: “As pessoas que morrem de fome não vendem tanto quanto as que estão doentes com o coronavírus”⁸¹

Atualmente, nossos diálogos giram em torno da pandemia global. Esta situação nos obrigou, como Igreja e catequese, a nos descentralizarmos (a Igreja em saída). A realidade nos lança a “viver com risco e fidelidade na fronteira”. Nós não somos mais o centro. Somos convidados a ouvir “as perguntas de nosso povo, suas angústias, suas lutas, seus sonhos, suas lutas, suas preocupações”, já que “suas perguntas nos ajudam a nos questionar, suas perguntas nos questionam”⁸². Nossas reuniões e programas auto-referenciais foram ficando para trás. Tudo o que havia sido programado teve que ser adiado. O que aconteceu com outros, em um país distante, também aconteceu conosco. Com o surto da pandemia, estamos aprendendo a nos reinventar em todos

80 Nome dado a alguém que, pela credibilidade que possui junto a muitas pessoas, torna-se ponto de referência social, fazendo com que sua opinião “influencie” a opinião de seus seguidores (N. do E.).

81 <https://www.ovaciondigital.com.uy/futbol/gente-muere-hambre-vende-tanto-enfermo-coronavirus-dijo-lugano.html>

82 VG 5.

os aspectos da vida. Inseguro, porque não dominamos mais nem somos o centro, cada um retornou para sua casa, com sua família, despertando o compromisso como cidadão de cuidar de si mesmo para cuidar de todos.

É a hora do discípulo, enviado à fronteira, a partir de sua profissão e responsabilidade social, vivendo o compromisso cristão de servir até o limite de suas forças. Este não é o momento para excesso de palavras. As máscaras não podem silenciar a alegre proclamação do testemunho cristão. Nossa catequese é chamada a aprender de Jesus e de sua maneira de se aproximar de cada pessoa, abaixando-se para lavar seus pés e secá-los com a toalha (cf. Jo 13,5). Perguntamos: estamos educando para viver uma “solidariedade desinteressada”? No testemunho de Jesus encontramos sua proximidade a todo sofrimento e dor, não buscando nada em troca (cf. Mt 6,2). A caridade ama livremente ou não será caridade.

2. Imersos numa “crise antropológica” e “sócio-ambiental”

Quando discutimos a origem da pandemia, podemos perguntar: que responsabilidade temos como homens que habitam o planeta? Esta pandemia global nos está recordando a profunda crise antropológica em que nos encontramos: “a negação da primazia do ser humano!”⁸³. Na falta de uma orientação antropológica, não nos questionamos

83 EG 55.

mais sobre a “cultura do descarté” que gera desigualdade, exclusão, miséria, fome e morte. Este momento de crise não nos devolve a capacidade de simpatizar com nosso irmão sofredor? Enquanto os médicos (fiéis ao juramento hipocrático) cuidam da vida dos infectados, reafirmamos que proteger a vida e defendê-la é uma ação humana sempre obrigatória (cf. Mt 5,21) e em todas as suas etapas, cuidando sobretudo da vida indefesa.

Falar de crise antropológica é considerar também a crise “socioambiental” em que nos encontramos. A poluição do meio ambiente está nos destruindo. Enfrentamos esta crise analisando a nós mesmos e decidindo sobre um futuro diferente. Enquanto entendemos que a COVID-19 “está aí para ficar” e alguns entendem que tudo será resolvido com a futura vacina de imunização, nós nos perguntamos: quando “tudo tiver passado”, continuaremos como antes? Este tempo de ruptura será uma instância sábia para nos realozarmos e reorientarmos para superar a crise “antropológica” e “socioambiental” que estamos vivendo? “Afinal de contas”, nascerá uma humanidade reconciliada com os pobres e o meio ambiente? Qual será a nossa contribuição cristã?

3. “Mudar o modelo de desenvolvimento global” e “redefinir o progresso”

A mudança de época nos convida a pensar outro modelo de desenvolvimento global e de progresso, diferente daquele que temos vivido. Nós corremos atrás do desenvolvimento

e progresso de alguns, às custas da pobreza de muitos. A exacerbação do consumo nos levou a privilegiar o externo, o imediato, o visível, o rápido, o superficial e o provisório.

Quando a pandemia deixou de ser um fato que acontece a alguns, por razões locais ou pessoais, e se tornou um fato que nos afeta a todos, nos perguntamos: como entendemos o desenvolvimento e o progresso? O Santo Padre nos diz: “Um desenvolvimento tecnológico e econômico que não deixe um mundo melhor e uma qualidade de vida integralmente superior não pode ser considerado progresso”⁸⁴.

Uma futura vacina pode curar aqueles que estão infectados, mas não curará a humanidade. Começaremos a nos curar mudando o modelo de desenvolvimento e redefinindo o conceito de progresso por e para todos os povos. A “ditadura da economia sem um rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano”⁸⁵ deve ser superada. A pandemia nos faz reconhecer a nós mesmos como interligados e interdependentes, entendendo que o verdadeiro desenvolvimento respeitará a todos e será para todos, ou não será desenvolvimento. Conheceremos novos modelos de progresso e desenvolvimento global?

A Catequética ajudará a repensar a catequese e não podemos esquecer a dimensão social da evangelização (quarto capítulo da encíclica *Evangelii gaudium*). É hora de educar para uma “solidariedade desinteressada”.

84 LS 194.

85 EG 55.

Esta é uma boa oportunidade para refletir sobre se a pandemia sanitária não denuncia a “crise antropológica” e “socioambiental” que lhe está subjacente e a destrói. Uma oportunidade de avançar para um modelo alternativo de desenvolvimento global para todos os povos. A crise é uma ruptura da “normalidade”, aquela que nunca existiu. É um momento propício para decantar e decidir sobre novos caminhos que nos abrirão para uma “mudança radical de paradigma”. A catequese continuará na fronteira, como Jesus, que veio para que possamos ter “vida e vida em abundancia” (Jo 10,10).

COVID-19, pobreza e ministério da catequese

Carlos Tazzioli, Pe.⁸⁶
Concordia, Argentina

O coronavírus (COVID-19) produziu mudanças drásticas em todo o mundo, criando problemas em todas as dimensões da convivência humana, diluindo todas as “fronteiras”. Mas, ao mesmo tempo, expôs a “realidade desumana” dos pobres, onde milhões de seres humanos estão submersos numa situação de pobreza e de extrema marginalização. Eles vivem numa busca desesperada e até resignada por uma vida digna, por causa da falta de recursos e da incerteza do que virá. A COVID-19 encontra nesta realidade o cenário ideal para realizar sua força nefasta. Ao mesmo tempo, desestabilizou e colocou em crise um modo de ser e de viver a Igreja, em seus múltiplos aspectos e dimensões.

Diante de situação tão dramática, a Igreja é chamada a parar e refletir sobre os desafios impostos pela realidade,

86 Presbítero da Diocese de Concordia, mestre em Teología con especialización em Pastoral Juvenil e Catequética. carlos.tazzioli@gmail.com

as luzes e as sombras deste novo tempo histórico, social e eclesial, repensando o ministério da catequese não a partir da ortodoxia das fórmulas, da repetição mecânica ou das exigências rituais das celebrações, mas buscando um serviço atento ao crescimento da vida e da dignidade das pessoas. Esta situação revelou uma profunda *falta de evangelização* e de “criatividade pastoral” na comunicação e no anúncio do Evangelho de Jesus, especialmente junto ao mundo marginal e empobrecido. Diante desta situação, a Igreja e o ministério da catequese são chamados a prestar *um serviço que promova um futuro com dignidade*. Em continuidade com a eclesiologia latinoamericana desenvolvida a partir de Medellín⁸⁷, que soube ouvir e ler o clamor histórico, o grito daqueles que exigem um serviço da Igreja que realiza “sua vocação de servidora da humanidade, humanizando-se a si mesma”⁸⁸.

A primeira coisa será a *conversão ao pobre*, ou seja, daqueles que são violados em sua dignidade; é o primeiro desafio que se impõe à toda a comunidade eclesial, especialmente à comunidade catequética, porque a missão vai muito além das palavras, tem a ver com a vida e a qualidade de vida, com o propósito de amor e justiça revelado em Jesus, que

87 II CONFERENCIA GENERAL DEL EPISCOPADO LATINOAMERICANO (1968), Medellín, *La Iglesia en la actual transformación de América Latina a la luz del Concilio*.

88 Juan Estrada, Retos actuales y humanización de la Iglesia. *Selecciones de Teología* 178 (2004) 135.

“ao ver as multidões, sentiu compaixão por elas, porque eram tristes e abatidas, como ovelhas sem pastor” (Mt 9,36).

Ser humanos, segundo o estilo de Jesus, no coração da história, onde a vida e a dignidade do outro estão em jogo, é a primeira característica do perfil catequético que a situação atual exige. Mas para poder viver esta humanidade de Jesus e confessar com toda a força que Deus é o Deus dos pobres, será necessário primeiro *optar* por eles, porque é neles que “irrompe o mistério da realidade [...] neles irrompe a realidade do próprio Deus”⁸⁹, já que Ele mesmo foi o primeiro a fazer esta opção, buscando sua salvação-liberação, não porque eles são bons, mas porque é ali onde há maior dor e sofrimento. Isto exige da Igreja, do catequista e de todo cristão uma conversão permanente, de continuar fielmente a *causa* de Jesus, enquanto *causa* de Deus, fazendo a mesma opção, entendida como conversão-processo, opção que é uma exigência evangélica: “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9)”⁹⁰. Somente a partir desta opção se pode anunciar o verdadeiro Deus e comprometer-se, assim, com sua *causa*, para que o mundo possa se tornar mais habitável para todos, especialmente para os mais pobres, de acordo com o plano de Deus. Ou seja, “para reverter a história, subvertê-la e

89 Jon Sobrino, *Fuera de los pobres no hay salvación, Pequeños ensayos utópicos-proféticos*, Madrid, Trotta, 2007, 39.

90 BENTO XVI, *Discurso inaugural*, em DAp, 259.

lançá-la noutra direção”⁹¹. Isto leva a “colocar os pobres na esfera do mistério de Deus -e Deus na esfera dos pobres”⁹², porque é a opção que Deus fez desde o início: *ouvi o grito do meu povo oprimido* (Ex 3,7; 6,5); e mais plenamente em Jesus “esta opção configura essencialmente sua missão e, portanto, sua identidade histórica”⁹³. O que J. Moltmann escreveu há muitos anos ainda permanece válido: “não é a Igreja que tem uma missão, mas pelo contrário, a missão de Cristo cria uma Igreja. Não é a missão que tem que ser entendida pela Igreja, mas ao contrario. Isto significa que não é que a Igreja já existe, e que, depois, ela se pergunta o que fazer pelos e com os pobres, como se a Igreja já estivesse formalmente constituída antes de sua relação com eles, e como se a forma histórica de realizar esta opção não afetasse algo essencial da Igreja, que permaneceria intocável ao longo da história”⁹⁴.

A identidade histórica da Igreja de Jesus é decidida nesta opção para os pobres. É por esta razão assumir esta opção como uma opção fundamental da Igreja e do ministério catequético não só levará a pensar a partir desta situação mas impulsionará corajosamente a seguir recriando e realizando a Igreja dos pobres, encarnada no tempo e no espaço, através de sua missão e na missão. Desta forma, será dada continuidade à missão de Jesus, que com seu ministério

91 Jon Sobrino, op. cit., 39.

92 Ibid., 41.

93 Ibid., 42.

94 Ibid.

e sua mensagem foi uma proclamação de esperança para os marginalizados do sistema: *O Reino de Deus está próximo!* (Lc 17,21). A partir deste modelo eclesiológico, a missão, a evangelização e o ministério da catequese terão um perfil profundamente evangélico particular que implica a ressurreição de todos os crucificados do sistema.

Esta conversão-opção para os pobres requer um compromisso solidário com a pessoa na transformação-libertação de estruturas injustas de pobreza e marginalidade contrárias ao projeto de Deus. “Optar pelos pobres significa abraçar sua causa a fim de alcançar sua libertação integral”. Abraçar essa causa significa, por sua vez e em poucas palavras, tomar seu lado, considerar como seus próprios interesses, suas aspirações, sua busca legítima de justiça e liberdade, suas justas lutas para obtê-los”⁹⁵.

Não se trata simplesmente de satisfazer suas necessidades ou aliviar seu sofrimento, mas acima de tudo superar a injustiça que esta situação gera. O compromisso e a solidariedade com eles devem ser traduzidos na realização de seus direitos. A proclamação da Boa Nova também deve se tornar uma boa realidade transformada, isto é, não apenas na proclamação verbal da esperança, mas na prática concreta do amor, vivendo a misericórdia e salvando “os pobres da morte lenta da pobreza e da morte rápida da violência”⁹⁶. O ministério

95 Luis Gallo, *El camino del Evangelio, en el continente de la esperanza*, Quito, Abya Yala, 2006, 93.

96 Jon Sobrino, op. cit., 49.

da catequese encontra aqui sua identidade mais profunda. Não oferecendo a salvação como algo estranho à condição humana e permanecendo indiferente à situação do outro, mas como alguém que, enquanto exerce um ministério, é capaz de sentir compaixão por aqueles que ficam à margem do caminho (cf. Lc 10,30-37).

A partir desta opção cristã e evangélica, o ministério da catequese poderá prestar um serviço que ajude a promover um futuro com dignidade e esperança, descobrindo nos pobres o lugar por excelência do encontro com o Deus Fiel, ajudando os pobres a serem protagonistas de seu próprio destino, libertando a vida ameaçada a fim de organizar juntos um futuro com dignidade.

Um ministério catequético que não seja libertador das angústias e opressões históricas, sejam elas estruturais ou pessoais, e que não transforma a vida, levando-a a uma humanização plena da existência, dificilmente dará continuidade à *causa* de Jesus. Se todas as misérias humanas como expressão do pecado não forem libertadas por Jesus e transformadas em novas formas de relacionamento, então não estaremos em comunhão e continuidade com o Jesus revelado nos textos evangélicos, mas pelo contrário, o Senhor seria apenas um fantoche criado pelo interesse pelo poder e pela dominação⁹⁷.

97 Cf. Leonardo Boff, *La nueva evangelización. Perspectivas de los oprimidos*, Santander, Sal Terrae, 1991, 113.

Para que isso aconteça é necessário que a conversão dos pobres, dos marginalizados e dos oprimidos seja o ponto de partida e o lugar “de onde” o processo catequético deve começar como uma libertação integral. Uma autêntica catequese que humaniza a pessoa inteira. “Uma evangelização que não envolve diretamente os pobres e não reafirma neles a esperança de uma sociedade nova e alternativa; uma evangelização que não assume a causa dos pobres, suas lutas e sua existência, será uma evangelização que perde a densidade cristã e trai o Jesus histórico, que foi um homem pobre neste mundo e que se identificou com os pobres, que ele colocou como seus tenentes no momento crucial da história, na hora do julgamento definitivo sobre o destino eterno das pessoas e da criação”⁹⁸.

98 *Ibid.*, 115.

COLECCIÓN EDUCACIÓN RELIGIOSA

APÓSTOLES EN LA LÍNEA DEL FUEGO
Vivencias y reflexiones desde la EREC ante la pandemia
Javier Díaz Tejo (Editor)

DESPUÉS DE LA PANDEMIA, ¿QUÉ CATEQUESIS?
Javier Díaz Tejo (Editor)

RELIGIÓN CATÓLICA
Una asignatura con nuevas oportunidades y desafíos
Javier Díaz Tejo (Editor)

ESPIRITUALIDAD, ¡AHORA!
Para un desarrollo humano integral y sostenido
Javier Díaz Tejo

LA ALEGRÍA DE INICIAR DISCÍPULOS MISIONEROS
EN EL CAMBIO DE ÉPOCA
Nuevas perspectivas para la catequesis en América Latina y El Caribe
Consejo Episcopal Latinoamericano

APORTE CATEQUÉTICO DEL III CONGRESO INTERNACIONAL DEL
CATECUMENADO
La iniciación cristiana en el cambio de época
Hno. Enrique García Ahumada, F.S.C.



**Instituto
Escuela de la Fe**
UNIVERSIDAD FINIS TERRAE

É verdade que só agora estamos sentindo o primeiro impacto sociocultural desta pandemia e que é muito cedo para entendê-la plenamente, uma vez que todas as suas implicações ainda não foram implantadas. Entretanto, já podemos nos perguntar: como podemos ler e compreender adequadamente estas transformações a partir de uma perspectiva catequética? Trata-se de um conjunto de apenas ameaças, sem oportunidades latentes?

Javier Díaz Tejo
Diretor de Pesquisa e Publicações
Instituto Escuela de la Fe
Universidad Finis Terrae



Ediciones
UNIVERSIDAD FINIS TERRAE



PUC
RIO



ISBN: 978-956-391-044-5



9 789563 191044 5